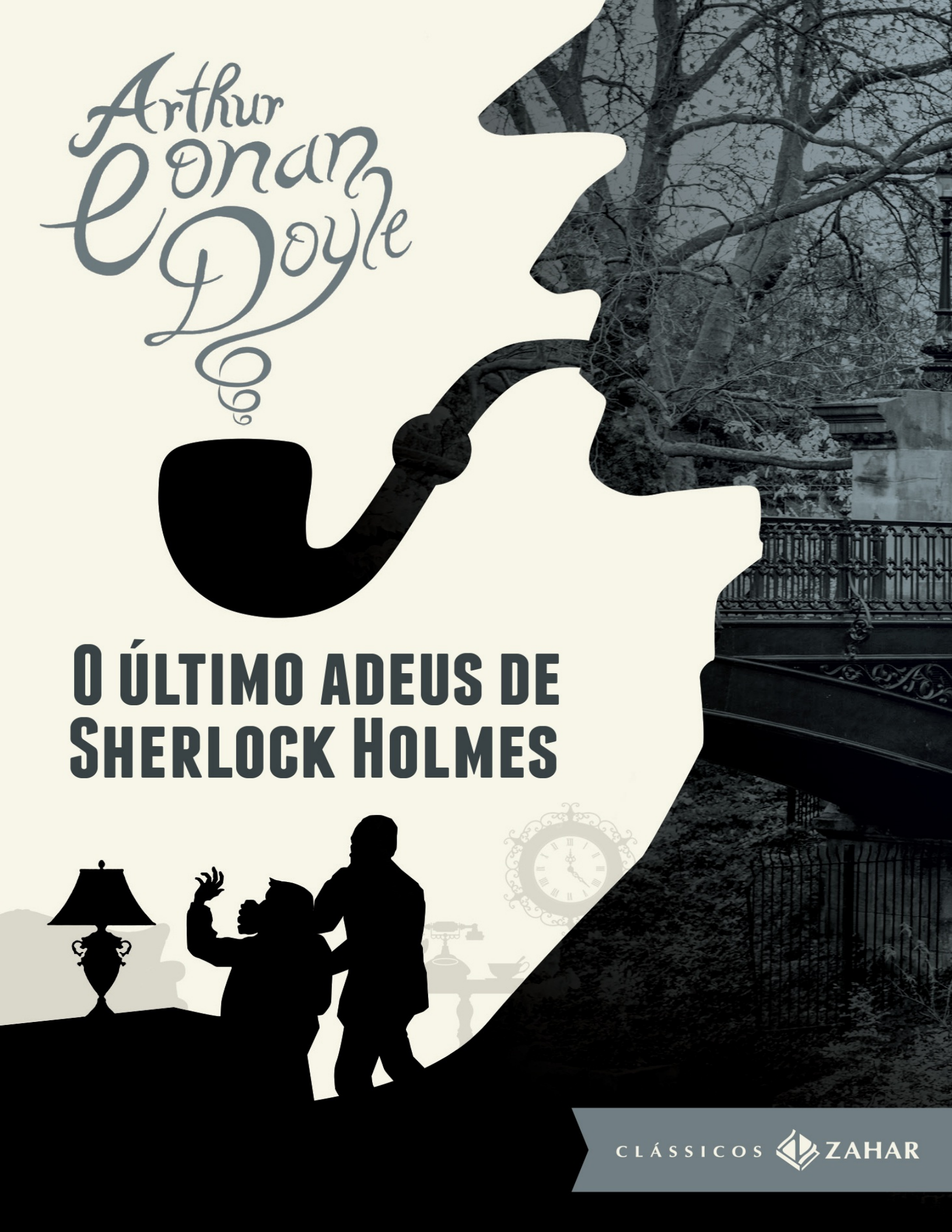
Arthur Conan Doyle

O ÚLTIMO ADEUS DE SHERLOCK HOLMES



CLÁSSICOS ZAHAR

Arthur Conan Doyle

O ÚLTIMO ADEUS DE SHERLOCK HOLMES

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



SUMÁRIO

Prefácio

Vila Glicínia

O Caso da Caixa de Papelão

O Círculo Vermelho

Os Planos do Bruce-Partington

O Detetive Moribundo

O Desaparecimento de Lady Frances Carfax

O Pé do Diabo

Seu Último Adeus

Sobre o autor

PREFÁCIO

Os amigos de Sherlock Holmes vão ficar contentes em saber que ele ainda está vivo e bem, embora com os movimentos um pouco prejudicados por ataques esporádicos de reumatismo. Vive, há muitos anos, numa pequena fazenda sobre as colinas, a 8 quilômetros de Eastbourne, dividindo o tempo entre seus livros de filosofia e apicultura. Durante este período de descanso, ele recusou as mais principescas ofertas para resolver vários casos, depois que decidiu que a sua aposentadoria era definitiva. A aproximação da guerra alemã, no entanto, fez com que ele pusesse sua notável combinação de atividade intelectual e prática à disposição do governo, com resultados históricos contados em "Seu Último Adeus".

Acrescentei várias aventuras anteriores, guardadas há bastante tempo nos seus arquivos, a fim de completar o volume.

John H. Watson, M. D.

Vila Glicínia

I - A Singular Experiência de Mr. John Scott Eccles

Vejo que está anotado no meu caderno que era um dia gelado, de muito vento, ali pelo final de março de 1892. Holmes recebera um telegrama quando estávamos almoçando, e tinha rabiscado uma resposta. Não disse nada, mas o assunto continuou na sua cabeça, porque ele ficou parado diante da lareira, pensativo, fumando o cachimbo e olhando de vez em quando para a mensagem. De repente virou-se para mim, com um brilho malicioso nos olhos.

– Eu acho, Watson, que podemos considerá-lo um homem de letras – ele disse. – Como você definiria a palavra "grotesca"?

– Estranho, notável – eu sugeri.

– Com certeza há algo mais do que isso – ele disse –, uma implicação do trágico e do terrível. Se você se lembrar de algumas das narrativas que tem impingido a um

público paciente, vai perceber com que freqüência o grotesco tem se transformado no criminoso. Lembre-se do caso dos homens de cabelos vermelhos. No começo havia muito de grotesco, e mesmo assim terminou numa desesperada tentativa de roubo. E o caso grotesco das cinco sementes de laranja, que conduziu a uma conspiração de assassinato. A palavra me deixou de prontidão.

– Ela está aí? – perguntei.

Ele leu o telegrama em voz alta:

Acabei de passar pela experiência mais incrível e grotesca. Posso consultá-lo?

Scott Eccles

Correio de Charing Cross

– Homem ou mulher? – perguntei.

– Oh, homem, é claro. Nenhuma mulher enviaria um telegrama com resposta paga. Ela teria vindo.

– Você vai recebê-lo?

– Meu caro Watson, você sabe como ando entediado desde que prendemos o coronel Carruthers. Minha mente é como um carro veloz que se despedaça todo se não for usado para o fim a que se destina. A vida é um lugar-comum, os jornais estão estéreis, a audácia e a aventura parecem ter sumido do mundo do crime. Como pode me perguntar, então, se estou disposto a examinar algum problema novo, por mais banal que possa parecer? Mas, se não me engano, aí está o nosso cliente.

Ouvimos passos cadenciados na escada e logo em seguida entrou na sala uma pessoa corpulenta, alta, de costeletas grisalhas e aspecto solene respeitável. De suas polainas até os óculos de aros dourados, ele era um membro do Partido Conservador, religioso, ortodoxo e convencional até o último grau. A história de sua vida estava escrita em suas feições graves e gestos pomposos. Mas alguma experiência impressionante havia perturbado sua calma natural e deixou sinais nos seus cabelos em desalinho, no rosto vermelho e encolerizado, nas suas maneiras nervosas e agitadas. Foi direto ao assunto.

– Acabei de passar por uma experiência estranha e desagradável, sr. Holmes – disse ele. – Nunca estive numa situação assim em toda a minha vida. É extremamente inconveniente, extremamente chocante. Eu preciso de uma explicação.

Ele estava bufando de raiva.

– Por favor, sente-se, sr. Scott Eccles – disse Holmes, acalmando-o. – Posso lhe perguntar, em primeiro lugar, por que o senhor veio me procurar?

– Bem, senhor, não parecia que o assunto interessasse à polícia, mas, depois de conhecer os fatos, o senhor vai admitir que eu não podia deixar a situação no ponto em que estava. Não tenho nenhuma simpatia pela classe dos detetives particulares, mas, em todo caso, tendo ouvido falar no seu nome...

– Certamente. Mas, em segundo lugar, por que o senhor não veio imediatamente?

– O que quer dizer com isso?

Holmes olhou para o relógio.

– São 14:15h – disse. – Seu telegrama foi mandado por volta de uma da tarde. Mas não se pode olhar para a sua roupa e sua aparência sem ver que sua perturbação começou no momento em que acordou.

Nosso cliente alisou os cabelos em desalinho e passou a mão pelo queixo

com a barba por fazer.

– Tem razão, sr. Holmes. Não me preocupei em me arrumar. Tudo o que eu queria era sair daquela casa. Mas estive fazendo algumas investigações antes de vir ver o senhor. Fui até a casa dos agentes, o senhor sabe, e eles disseram que o aluguel do sr. Garcia estava pago e que estava tudo em ordem na Vila Glicínia.

– Calma, calma, meu senhor – disse Holmes, rindo. – O senhor é como o meu amigo, dr. Watson, que tem o péssimo hábito de contar suas histórias começando pelo fim. Por favor, coordene os pensamentos e me conte, na seqüência certa, exatamente por que esses acontecimentos o fizeram sair em busca de conselho e ajuda, despenteado e amarrotado, com botas e colete abotoados de forma errada.

Nosso cliente olhou para baixo, examinando com pesar sua aparência deplorável.

– Tenho certeza de que estou horrível, sr. Holmes, e tenho certeza de que algo assim jamais aconteceu antes em minha vida. Mas vou contar-lhe toda a história esquisita, e quando eu tiver terminado, o senhor com certeza reconhecerá que há muita coisa que possa me desculpar.

Mas a narrativa dele foi cortada pela raiz. Houve um alarido do lado de fora e a sra. Hudson abriu a porta para que dois indivíduos entrassem, dois sujeitos robustos, com aspecto de polícia, um dos quais era conhecido nosso, o inspetor Gregson, da Scotland Yard, um policial enérgico, cortês e, dentro de suas limitações, competente. Apertou a mão de Holmes e apresentou seu companheiro, inspetor Baynes, da polícia de Surrey.

– Estamos juntos numa caçada, sr. Holmes, e nossa pista indicava esta direção.

Virou os olhos de buldogue para o nosso visitante.

– O senhor é John Scott Eccles, de Popham House, Lee?

– Sim, sou eu.

– Nós o seguimos a manhã inteira.

– Sem dúvida você o localizou por causa do telegrama – disse Holmes.

– Exatamente, sr. Holmes. Pegamos a pista na agência do correio de Charing Cross e viemos para cá.

– Mas por que me seguem? O que desejam?

– Queremos um esclarecimento, sr. Scott Eccles, a respeito dos fatos que resultaram na morte do sr. Aloysius Garcia, da Vila Glicínia, nos arredores de

Esher, ontem à noite.

Nosso cliente retesou-se na cadeira, com os olhos arregalados e sem um pingo de cor no rosto atônito.

– Morto? O senhor disse que ele morreu?

– Sim, senhor, ele está morto.

– Mas, como? Acidente?

– Assassinato, se já houve um no mundo.

– Meu Deus! Isto é terrível! O senhor não está dizendo... o senhor não está dizendo que eu sou um suspeito?

– Foi encontrada uma carta sua no bolso do morto e ficamos sabendo que o senhor pretendia passar na casa dele ontem à noite.

– Sim, eu passei.

– Oh, então passou, não é?

Tirou o livro de anotações do bolso.

– Espere um pouco, Gregson – disse Sherlock Holmes. – Tudo o que você quer é uma simples declaração, não é?

– E é meu dever prevenir o sr. Scott Eccles que ela pode ser usada contra ele.

– O sr. Eccles ia nos contar o caso quando vocês entraram aqui. Eu acho, Watson, que um conhaque com soda vai ajudá-lo. Agora, senhor, sugiro que não se importe com o aumento de sua platéia e continue sua narrativa exatamente como teria feito se não tivesse sido interrompido.

Ele engolira o conhaque e a cor voltou às suas faces. Com um olhar desconfiado para o livro de anotações do inspetor, começou imediatamente seu relato extraordinário.

– Sou um celibatário – disse ele – e, sendo sociável, tenho muitos amigos. Entre eles está a família de um cervejeiro chamado Melville, que mora em Albermarle Mansion, Kensington. Foi na casa dele que conheci um jovem chamado Garcia, há algumas semanas. Ele era, fiquei sabendo, de descendência espanhola, e tinha uma ligação com a embaixada. Falava inglês corretamente, era agradável, e um sujeito simpático como nunca vi antes. Começamos uma sólida amizade, ele e eu. Ele pareceu gostar de mim desde o início e dois dias depois de nosso encontro ele foi me visitar em Lee. Uma coisa leva à outra, e ele acabou me convidando para passar alguns dias em sua casa em Vila Glicínia, entre Esher e Oxshott. Ontem à noite fui a Esher para atender ao seu convite. Antes de ir lá, ele já tinha me contado sobre sua

casa. Morava com um caseiro de confiança, um patrício dele, que cuidava de tudo. Esse sujeito falava inglês e tomava conta da casa. Tinha também um magnífico cozinheiro, ele disse, um mestiço que tinha encontrado numa de suas viagens, e que podia servir um jantar excelente. Lembro-me de que ele comentou que só se encontrava uma criadagem estranha no coração de Surrey, e eu concordei com ele, embora ela tenha mostrado que era muito mais estranha do que eu pensei. Dirigi-me para lá, mais ou menos 3 quilômetros ao sul de Esher. A casa é grande, afastada da estrada, com um caminho em curva, ladeado de arbustos verdes. É uma construção antiga, em ruínas, num lamentável estado de desordem. Quando a carruagem parou no caminho coberto de mato, diante da porta manchada e desbotada, eu duvidei de minha sanidade pelo fato de ir visitar um homem que eu mal conhecia. Mas ele mesmo abriu a porta e me cumprimentou com grande cordialidade. Ele me deixou por conta do criado, um sujeito taciturno e moreno que me guiou até meu quarto, carregando minha mala. O lugar todo era deprimente. Jantamos os dois sozinhos, e embora meu anfitrião tivesse feito tudo para me entreter, tive a impressão de que seus pensamentos estavam longe, e ele falava de uma maneira tão vaga e incoerente que eu mal conseguia entendê-lo. Ficava constantemente batucando com os dedos, roía as unhas, e dava outros sinais de impaciência. O jantar propriamente não foi nem bem servido, nem foi preparado, e a presença do empregado taciturno não ajudou a nos alegrar. Eu lhes garanto que muitas vezes durante a noite quis inventar uma desculpa para poder voltar a Lee. Eu me lembro de uma coisa que pode ter alguma relação com aquilo que os senhores estão investigando. Não dei a mínima importância na ocasião. Quase no fim do jantar o criado entregou a ele um bilhete. Notei que meu anfitrião ficou ainda mais distraído e estranho depois que leu a mensagem. Deixou de conversar e ficou sentado, fumando um cigarro atrás do outro, perdido nos próprios pensamentos, mas nada disse sobre o bilhete. Fiquei contente por estar na cama por volta das 11 horas. Um pouco mais tarde Garcia apareceu na porta do meu quarto – estava tudo escuro – e me perguntou se eu tinha tocado a campainha. Eu disse que não. Ele se desculpou por me perturbar tão tarde, dizendo que já era uma da manhã. Peguei no sono depois disso e dormi profundamente a noite toda. E agora vem a parte impressionante da minha história. Quando acordei, já era dia claro, consultei o relógio e vi que eram quase nove horas. Eu tinha pedido para ser chamado às oito, de modo que fiquei espantado com o esquecimento.

Levantei-me e toquei a campainha, chamando o empregado. Não houve resposta. Toquei mais duas vezes, com o mesmo resultado. Então cheguei à conclusão de que a campainha não estava funcionando. Vesti-me apressadamente e desci correndo as escadas, de mau humor, a fim de pedir um pouco de água quente. Podem imaginar minha surpresa quando descobri que não havia ninguém lá. Gritei no vestíbulo. Sem resposta. Então fui de quarto em quarto. Tudo deserto. Meu anfitrião tinha me mostrado na noite anterior qual era o quarto dele, e então bati na porta. Nenhuma resposta. Virei a maçaneta e entrei. O quarto estava vazio e a cama não tinha sido usada. Ele tinha ido embora com os outros. O anfitrião estrangeiro, o criado estrangeiro, o cozinheiro estrangeiro, todos tinham se evaporado na noite! Esse foi o fim de minha visita à Vila Glicínia.

Sherlock Holmes estava esfregando as mãos e sorria satisfeito por poder acrescentar este caso estranho à sua coleção de episódios bizarros.

– Pelo que estou vendo – ele disse – sua aventura é absolutamente estranha. Posso lhe perguntar, senhor, o que fez então?

– Fiquei furioso! Minha primeira impressão foi a de ter sido vítima de alguma brincadeira absurda. Guardei minhas coisas, fechei a porta da casa e fui para Esher, levando minha mala na mão. Passei no escritório dos Irmãos Allan, os principais corretores da cidade, e descobri que aquela casa tinha sido alugada naquela firma. Tive a impressão de que dificilmente o propósito daquilo seria o de me fazer de bobo, e que o objetivo principal deveria ser escapar do aluguel. Estamos no fim

de março, e logo ele teria de fazer o pagamento trimestral. Mas esta teoria não funcionou. O agente me agradeceu pelas informações, mas me disse que o aluguel tinha sido pago adiantado. Então, parti para a cidade e fui até a embaixada da Espanha. O homem era desconhecido ali. Depois disso fui à casa de Melville, onde eu havia conhecido Garcia, mas descobri que, na verdade, ele sabia menos sobre Garcia do que eu. Finalmente, quando recebi sua resposta ao meu telegrama, vim até aqui, já que soube que o senhor é uma pessoa que dá orientação em casos difíceis. Mas agora, senhor inspetor, percebo pelo que disse, quando entrou aqui, que o senhor pode continuar na história e que aconteceu uma tragédia. Eu lhes asseguro que tudo o que eu disse é a verdade e que, além do que lhes contei, não sei mais nada sobre o destino desse homem. Meu único desejo é ajudar a lei de todas as formas possíveis.

– Tenho certeza disso, sr. Scott Eccles, tenho certeza disso – disse o inspetor Gregson num tom amigável. – Devo dizer que tudo o que contou está de acordo com os fatos, da forma como chegaram ao nosso conhecimento. Por exemplo, havia aquele bilhete que chegou durante o jantar. O senhor por acaso viu o que aconteceu com ele?

– Sim, vi. Garcia o amassou e o jogou no fogo.

– O que acha disso, sr. Baynes?

O outro detetive era um homem avermelhado, forte e gordo, cujo rosto grosseiro era salvo por dois olhos extraordinariamente brilhantes, quase ocultos pelas dobras das bochechas e sobrancelhas. Com um sorriso lento ele tirou do bolso um pedaço amassado e sem cor.

– Foi um trabalho persistente, sr. Holmes, e ele deve ter errado a pontaria. Apanhei isso, que não estava queimado, no fundo da lareira.

Holmes demonstrou sua aprovação com um sorriso.

– O senhor deve ter examinado a casa com muito cuidado para achar uma bolinha de papel.

– Sim, sr. Holmes, é o meu modo de trabalhar. Devo lê-lo, sr. Gregson?

O londrino concordou com a cabeça.

– O bilhete está escrito num papel creme comum, sem filigrana. Mede um quarto do tamanho ofício. Foi cortado em dois com uma tesoura pequena. Foi dobrado três vezes e fechado com lacre vermelho, passado com muita pressa e prensado com um objeto chato e oval. Está endereçado ao sr. Garcia, Vila Glicínia. Diz o seguinte:

Nossas próprias cores, verde e branco. Verde aberto, branco fechado. Escada principal, primeiro corredor, sétima direita, cortina verde. Boa sorte. D.

– É letra de mulher, com caneta de ponta fina, mas o endereço foi escrito por outra pessoa ou com outra caneta. Está mais grosso e mais forte, como podem ver.

– Uma observação notável – disse Holmes, dando uma espiada. – Devo cumprimentá-lo, sr. Baynes, pela sua atenção aos detalhes no seu exame. Talvez possam ser acrescentados alguns detalhes sem importância. Sem dúvida nenhuma o selo oval é de uma abotoadura – que outra coisa teria essa forma? A tesoura era de unhas, curva. Como os dois cortes são curtos, pode-

se ver nitidamente a mesma curvatura pequena em cada um.

O detetive provinciano sorriu, satisfeito.

– Eu pensei que tivesse esgotado tudo sobre o assunto, mas vejo que deixei algumas coisas – disse ele. – Devo dizer que não vi nada na nota, exceto que estava ali à disposição, e que, como sempre, havia uma mulher metida nisso.

O sr. Scott Eccles estava visivelmente nervoso na cadeira durante esta conversa.

– Fico satisfeito por ter encontrado o bilhete, já que ele confirma a minha história – ele disse. – Mas faço questão de salientar que ainda não soube o que aconteceu com o sr. Garcia ou seu empregado.

– Quanto ao sr. Garcia – disse Gregson –, a resposta é fácil. Foi encontrado morto esta manhã em Oxshott Common, mais ou menos a 1,5 quilômetro de sua casa. A cabeça dele foi reduzida a uma massa com golpes fortes de um saco de areia ou algum instrumento parecido, que esmagou em vez de machucar. É um lugar isolado e não há nenhuma casa num raio de 400 metros dali. Aparentemente, ele primeiro foi atacado pelas costas, mas o assaltante continuou a acertá-lo mesmo depois que estava morto. Foi um ataque violentíssimo. Não existem pegadas nem pistas dos criminosos.

– Roubado?

– Não, não houve tentativa de roubo.

– Isto é muito doloroso... doloroso e terrível – disse o sr. Scott Eccles, numa voz lamurienta –, mas é realmente uma coisa estranha. Não tive nada a ver com o fato de meu anfitrião ter saído numa expedição noturna e encontrando um fim tão trágico. Como é que eu vim a ser envolvido no caso?

– Muito fácil, senhor – respondeu o inspetor Baynes. – O único documento encontrado no bolso do morto era uma carta sua, dizendo que estaria com ele na noite de sua morte. Foi o envelope dessa carta que nos deu o nome e o endereço do morto. Já passava das nove horas quando chegamos à casa dele e não encontramos nem o senhor nem ninguém mais lá. Telegrafei ao sr. Gregson para prendê-lo em Londres, enquanto eu investigava a Vila Glicínia. Depois vim para a cidade, encontrei-me com ele e aqui estamos.

– Agora eu acho que será melhor darmos um caráter oficial a este caso – disse Gregson, levantando-se. – O senhor irá conosco até a delegacia, sr. Scott Eccles, e vai nos dar seu depoimento por escrito.

– Claro, irei agora mesmo. Mas ainda desejo os seus serviços, sr. Holmes. Não meça despesas nem esforços para chegar à verdade.

Meu amigo virou-se para o detetive do interior:

– Suponho que não tenha objeções a que eu colabore com o senhor.

– É claro que me sinto extremamente honrado.

– Em tudo o que fez, o senhor foi muito rápido e eficiente. Posso lhe perguntar se havia alguma pista sobre a hora exata em que o homem morreu?

– Ele estava lá desde uma da manhã. Choveu naquela hora e a morte dele, com toda certeza, foi antes disso.

– Mas isto é totalmente impossível, sr. Baynes! – exclamou nosso cliente. – Posso jurar que foi ele que esteve no meu quarto à uma hora.

– Notável, mas não impossível – disse Holmes, sorrindo.

– Tem alguma pista? – perguntou Gregson.

– Diante das circunstâncias, o caso não é muito complicado, embora apresente algumas características originais e interessantes. Preciso conhecer melhor os fatos antes de me arriscar a dar uma opinião final. A propósito, sr. Baynes, achou alguma coisa interessante na sua investigação, além do bilhete?

O detetive olhou para o meu amigo de modo estranho.

– Havia – disse ele – uma ou duas coisas muito interessantes. Quando eu tiver terminado na delegacia, talvez o senhor queira ir até lá e dar-me sua opinião a respeito delas.

– Estou à sua inteira disposição – disse Sherlock Holmes, tocando a campainha. – Sra. Hudson, conduza estes senhores até a saída e, por favor, envie o menino com este telegrama. Ele deve mandar uma resposta paga de 5 xelins.

Depois que nossos visitantes saíram, ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. Holmes ficou fumando, com o cenho franzido, a cabeça inclinada para a frente, característica de sua ansiedade.

– Bem, Watson – perguntou, virando-se de repente para mim –, o que você acha?

– Não percebo nada nesta complicação do sr. Scott Eccles.

– Mas, e o crime?

– Bem, considerando o desaparecimento dos companheiros do homem, eu diria que eles estavam, de algum modo, envolvidos no assassinato, e fugiram da lei.

– Evidentemente, é um ponto de vista possível. Diante disso, você deve admitir, no entanto, que é muito estranho que os dois criados dele estivessem

conspirando contra ele e o tivessem atacado na noite em que tinha visita. Ele estava sozinho, à mercê deles, em qualquer outra noite da semana.

– Então por que fugiram?

– Isso mesmo. Por que fugiram? É um fato importante. Outro fato importante é a estranha aventura de nosso cliente, sr. Scott Eccles. Agora, meu caro Watson, está além da capacidade humana dar uma explicação que possa abranger esses dois fatos importantes? Se houvesse uma que incluísse o bilhete misterioso com seu palavreado curioso, valeria a pena aceitá-la como uma hipótese temporária. Se os novos fatos de que tomamos conhecimento se encaixassem na trama, então nossas hipóteses se transformariam gradativamente numa solução.

– Mas qual é a nossa hipótese?

Holmes recostou-se na cadeira, com os olhos semicerrados.

– Você tem de admitir, meu caro Watson, que a idéia de uma brincadeira é impossível. Ocorreram coisas graves em seguida, como a seqüência mostrou, e o fato de Scott Eccles ter sido atraído à Vila Glicínia tem alguma ligação com elas.

– Mas que ligação possível?

– Vamos examinar, passo a passo. Há, na aparência, qualquer coisa incomum a respeito desta estranha e repentina amizade entre o jovem espanhol e Scott Eccles. Foi o primeiro que forçou a situação. Ele visitou Eccles no outro extremo de Londres, logo no dia seguinte ao primeiro encontro deles, ficou em contato com ele até recebê-lo em Esher. Agora, o que ele queria com Eccles? O que Eccles poderia lhe dar? Não vejo nenhum encanto no homem. Não é especialmente inteligente – não é um homem capaz de agradar ao espírito vivo de um latino. Por que, então, ele foi escolhido, entre todas as pessoas que Garcia conheceu, como particularmente adequado ao seu objetivo? Será que ele tem alguma qualidade especial que o destaque? Acho que sim. É o tipo convencional do britânico respeitável e o homem certo para ser testemunha, para impressionar outro britânico. Você mesmo viu que os dois inspetores nem sonharam em duvidar do seu testemunho, por mais estranho que tenha sido.

– Mas o que ele deveria testemunhar?

– Nada, do jeito como as coisas aconteceram, mas tudo, se tivessem acontecido de outra maneira. É assim que vejo a situação.

– Entendo; ele podia servir de álibi.

– Exatamente, meu caro Watson, ele podia confirmar um álibi. Vamos supor, só como argumentação, que os criados da Vila Glicínia estivessem conspirando para algum crime. O plano, seja lá o que for, é sair, digamos, antes de uma hora. É possível que, adiantando os relógios, eles tenham feito John Scott Eccles ir para a cama mais cedo do que ele pensava, mas, de qualquer modo, parece que, quando Garcia foi lhe dizer que era uma hora, na verdade não era mais de meia-noite. Se Garcia pudesse fazer o quer que tivesse de fazer, e voltasse na hora mencionada, evidentemente ele teria uma resposta convincente contra qualquer acusação. Ali estava o inglês impecável, pronto para jurar em qualquer tribunal que o acusado estava na casa o tempo todo. Era um seguro contra o pior.

– Sim, sim, estou entendendo. Mas, e o desaparecimento dos outros?

– Ainda não tenho todos os fatos, mas não creio que existam dificuldades insuperáveis. Ainda assim é um erro afirmar alguma coisa diante desses dados. Sem sentir, você acaba torcendo os fatos para que se adaptem às suas teorias.

– E o bilhete?

– O que dizia? “Nossas próprias cores, verde e branco.” Parece tratar-se de corrida de cavalo. “Verde aberto, branco fechado.” Isto é claramente uma indicação. “Escada principal, primeiro corredor, sétima à direita, cortina verde.” É um encontro. Talvez possamos descobrir um marido ciumento no fim disso aí. Com toda certeza era um empreendimento perigoso. Ela não teria dito “Boa sorte” se não fosse perigoso. “D” – isto pode ser uma orientação.

– O homem era espanhol. Eu acho que “D” significa Dolores, um nome de mulher bastante comum na Espanha.

– Bom, Watson, muito bom, mas totalmente inadmissível. Quem escreveu este bilhete certamente é inglês. Um espanhol escreveria a outro em espanhol mesmo. Bem, precisamos ter paciência até que o inspetor volte. Nesse meio-tempo, podemos agradecer ao nosso destino por nos resgatar por algumas horas da insuportável fadiga do tédio.

A resposta ao telegrama de Holmes chegou antes da volta do detetive de Surrey. Sherlock leu o texto e ia guardá-lo no seu caderno quando notou a curiosidade no meu rosto. Jogou-o para mim, dizendo:

– Estamos andando em altas esferas – disse ele.

O telegrama era uma lista de nomes e endereços:

Lorde Harringby, The Dingle; sir George Ffolliott, Oxshott Towers; sr. Hynes Hynes, J. P., Purdey Place; sr. James Baker Williams, Forton Old Hall; sr. Henderson, High Gable; Rev. Joshua Stone, Nether Walsling.

– Esta é uma forma bem prática de limitar nosso campo de operação – disse Holmes. – Sem dúvida, Baynes, com sua mente metódica, já adotou um plano igual.

– Não estou entendendo.

– Bem, meu caro amigo, já chegamos à conclusão de que o bilhete que Garcia recebeu no jantar era um encontro ou uma indicação. Agora, se a interpretação estiver correta, é necessário subir uma escada principal e localizar a sétima porta de um corredor para se chegar ao local indicado; vê-se, portanto, que se trata de um lugar bem grande. Também é certo que a casa não deve ficar a mais de 2 ou 3 quilômetros de Oxshott, já que Garcia estava andando naquela direção e, de acordo com minha interpretação dos fatos, esperava estar de volta à Vila Glicínia a tempo de ter um álibi que valeria até uma hora. Como deve haver poucas casas grandes perto de Oxshott, adotei o método óbvio de telegrafar aos corretores mencionados por Scott Eccles para obter uma lista delas. Estão aqui, neste telegrama, e a outra ponta de nossa meada complicada deve estar entre elas.

Eram quase 18 horas quando chegamos à bela vila de Esher, com o inspetor Baynes nos acompanhando. Holmes e eu havíamos levado coisas para passar a noite e encontramos aposentos confortáveis no Hotel Bull. Finalmente saímos, na companhia do detetive, para nossa visita à Vila Glicínia. Era uma noite escura e fria de março, com o vento cortante e a chuva batendo em nossos rostos, um cenário adequado à região inóspita pela qual passava nosso caminho e ao destino trágico a que nos levava.

II - O Tigre de San Pedro

Depois de uma caminhada gelada e melancólica, chegamos a um portão alto de madeira, que dava para uma avenida sombria de castanheiros. Um caminho sinuoso nos levou até uma casa baixa e escura, que se destacava contra o céu cinza. Vimos uma luz trêmula que saía de uma janela à esquerda da porta.

– Há um policial de plantão – disse Baynes. – Vou bater na janela.

Caminhou pela grama e bateu com os dedos na vidraça. Pude ver, pelo vidro embaçado, um homem dar um pulo da cadeira perto da lareira e escutei um grito áspero vindo de dentro. Pouco depois um policial pálido de susto e ofegante abriu a porta, com uma vela nas mãos que tremiam.

– Qual é o problema, Walters? – perguntou Baynes com rispidez.

O policial enxugou a testa com o lenço e deu um profundo suspiro de alívio.

– Estou contente que o senhor tenha vindo. Foi uma vigília interminável e eu acho que meus nervos já não são tão bons como eram antigamente.

– Seus nervos, Walters? Nunca pensei que você tivesse um nervo sequer no corpo.

– Bem, senhor, é esta solidão, esta casa silenciosa e o negócio esquisito na cozinha. Quando o senhor bateu na janela, pensei que ele tivesse voltado...

– Quem tivesse voltado?

– O demônio, senhor, pelo que sei. Ele estava na janela.

– O que estava na janela, e quando?

– Aconteceu há duas horas, mais ou menos. Eu estava lendo, sentado na cadeira. Não sei o que me fez levantar a cabeça, mas havia uma cara me olhando pela vidraça. E que cara, senhor! De hoje em diante vou vê-la sempre em meus sonhos.

– Ora, Walters, isto não é conversa de um policial.

– Eu sei, senhor, eu sei, mas ela me assustou e não adianta negá-lo. Não era preta nem branca, não era de nenhuma cor que eu conheça, mas uma espécie de barro com leite. E também o tamanho dela – tinha duas vezes o tamanho da sua, inspetor. E o olhar – dois olhos esbugalhados e uns dentes de fera faminta. Vou lhe dizer, senhor, não consegui mexer nem um dedo nem

respirar enquanto ela não sumiu. Corri para fora e dei uma busca nas folhagens, mas graças a Deus ela tinha sumido.

– Se eu não soubesse que você é um bom homem, Walters, eu teria que fazer um relatório contra você por causa disso. Se fosse o próprio demônio, um policial não deveria dar graças a Deus por não tê-lo agarrado. Suponho que tudo isso tenha sido um abalo nervoso e não uma visão real...

– Isso tudo, pelo menos, pode ser facilmente verificado – disse Holmes, acendendo sua lanterna de bolso. – Sim – continuou Holmes, depois de examinar a grama – sapato número 45, eu diria. Se o tamanho for proporcional ao pé, com toda a certeza era um gigante.

– O que aconteceu com ele?

– Parece que passou pelos arbustos e pegou a estrada.

– Bem – disse o inspetor, com uma cara séria e pensativa –, quem quer que tenha sido, e o que pretendia, por enquanto sumiu e nós temos coisas mais urgentes para tratar. Sr. Holmes, com sua permissão, vou mostrar-lhe a casa.

Depois de um exame minucioso, os vários quartos e salas não revelaram quase nada. Aparentemente os inquilinos haviam trazido pouca coisa com eles, ou nada, e toda a mobília tinha sido alugada juntamente com a casa. Havia muita roupa deixada ali, com a marca Marx and Co., High Holborn. Já tinham sido feitas perguntas por telegrama, mas Marx nada sabia de seu cliente a não ser que era um bom pagador. Entre a bugiganga deixada havia cachimbos, alguns romances, dois deles em espanhol, um revólver antiquado e um violão.

– Nada nisso tudo – disse Baynes, andando de quarto em quarto, carregando a vela. – Mas agora, sr. Holmes, chamo sua atenção para a cozinha.

Era um aposento na parte de trás da casa, sombrio e de teto alto, com uma padiola de palha num canto, que, aparentemente, servira de cama para o cozinheiro. Na mesa, restos do jantar da noite anterior e pratos sujos.

– Veja isto – disse Baynes. – O que acha?

Aproximou a vela de um objeto estranho que estava no fundo do armário. Era difícil dizer o que tinha sido, de tão enrugado, murcho e seco que estava. Podia-se apenas dizer que era preto e de couro, e que tinha alguma semelhança com uma figura humana anã. No começo, quando o examinei, pensei que era um negrinho mumificado, depois pensei tratar-se de um macaco muito velho e torcido. Finalmente fiquei em dúvida se era animal ou

humano. No meio estava enrolada uma fileira de conchas brancas.

– Muito interessante; de fato, muito interessante – disse Holmes, olhando a relíquia sinistra. – Alguma coisa mais?

Baynes, em silêncio, foi até a pia e levantou a vela. Os membros e o corpo de uma ave grande e branca, selvagemente despedaçada, ainda com as penas, ainda estava ali. Holmes apontou para as estacas na cabeça cortada.

– Um galo branco – disse ele. – Interessantíssimo!

– Na verdade, é um caso bem curioso.

Mas o inspetor Baynes tinha deixado seu trunfo mais sinistro para o final. Apanhou um balde com sangue que estava embaixo da pia. Depois pegou na mesa uma bandeja com pequenos pedaços de ossos carbonizados.

– Alguma coisa foi morta e queimada. Tiramos tudo isso da lareira. Um médico esteve aqui esta manhã. Diz que não são humanos.

Holmes sorriu e esfregou as mãos.

– Devo dar-lhe os parabéns pelo modo proveitoso como está conduzindo este caso, inspetor. Sua capacidade, se posso dizer isso sem ofensa, parece superior às suas oportunidades.

Os olhinhos do inspetor Baynes brilharam de satisfação.

– Tem razão, sr. Holmes. Vegeta-se no interior. Um caso como este aqui dá uma oportunidade a gente, e eu espero resolvê-lo. O que acha destes ossos?

– Um cordeiro, eu diria, ou um cabrito.

– E o galo branco?

– Curioso, sr. Baynes, muito curioso. Eu diria mesmo inédito.

– Sim, senhor, nesta casa devia haver gente muito estranha, com costumes bem estranhos. Uma delas está morta. Será que seus companheiros a seguiram e a mataram? Se o fizeram, vamos pegá-los, porque todos os portos estão vigiados. Mas minhas opiniões são diferentes. Sim, senhor, são muito diferentes.

– Então o senhor tem uma teoria?

– E vou trabalhar nela sozinho, sr. Holmes. Devo fazer isso para ganhar prestígio. O senhor tem o nome feito, mas eu ainda tenho que fazer o meu. Ficarei contente em poder dizer no final que eu resolvi o caso sem a sua ajuda.

Holmes, de bom humor, riu.

– Ora, ora, inspetor – ele disse. – Siga o seu caminho que eu seguirei o meu. Meus resultados sempre estarão à sua disposição, se quiser. Acho que já

vi tudo o que queria nesta casa e meu tempo pode ser mais bem aproveitado em outro lugar. Au revoir e boa sorte!

Eu podia dizer, diante de vários sinais sutis, que podiam ter passado despercebidos para todos, menos para mim, que Holmes estava numa pista quente. Impassível como sempre para o observador casual, havia, mesmo assim, ansiedade e indicação de tensão em seus olhos brilhantes e no jeito mais vivo, o que me dizia que o jogo estava em andamento. Como era seu hábito, nada disse, e eu, como meu hábito, nada perguntei. Bastava-me participar do jogo e dar minha humilde contribuição para a prisão, sem distrair aquele cérebro concentrado com interrupções desnecessárias. No devido tempo, tudo me seria contado.

Assim, esperei – mas para meu desapontamento crescente, esperei em vão. Os dias estavam passando e meu amigo não fez mais nada. Passou uma manhã na cidade e eu soube por uma referência casual que ele tinha visitado o Museu Britânico. Com exceção desse passeio, ele passava os dias em longas caminhadas, ou conversando com mexeriqueiros da cidade, com os quais fizera amizade.

– Tenho certeza, Watson, de que uma semana no campo fará bem a você – ele disse. – É muito agradável ver os primeiros brotos verdes nascendo nas sebes e os amentilhos nas aveleiras novamente. Com uma pá, um balde e um livro elementar de botânica, pode-se passar dias proveitosos.

Ele mesmo saía com esse material, mas a amostra de plantas que trazia para casa à noite era bem pobre.

Encontrávamos de vez em quando, nos nossos passeios, o inspetor Baynes. Quando cumprimentava meu companheiro, seu rosto se abria em sorrisos e seus olhinhos brilhavam. Falava pouco do caso, mas desse pouco víamos que ele não estava insatisfeito com o rumo dos acontecimentos. Entretanto devo admitir que eu fiquei um pouco surpreso quando, uns cinco dias depois do crime, abri o jornal da manhã e vi, em letras garrafais:

O MISTÉRIO DE OXSHOTT
UMA SOLUÇÃO
PRISÃO DO SUPOSTO ASSASSINO

Holmes pulou da cadeira como se tivesse levado uma ferroada quando li a manchete.

– Meu Deus! – exclamou. – Você quer dizer que Baynes o pegou?

– Parece que sim – eu disse, e li o seguinte relato:

Quando se soube ontem à noite que foi feita uma prisão relacionada com o assassinato de Oxshott, houve grande sensação em Esher e arredores. Como se sabe, o sr. Garcia, da Vila Glicínia, foi encontrado morto em Oxshott Common, com sinais de extrema violência no corpo, e naquela mesma noite seu criado e o cozinheiro desapareceram, o que demonstra a participação deles no crime. Pensava-se, mas não se conseguiu provar, que o cavalheiro morto tivesse objetos de valor na casa, e que o roubo fora o motivo do crime. O inspetor Baynes envidou todos os esforços, já que está encarregado do caso, para localizar o esconderijo dos fugitivos, e ele tem bons motivos para crer que eles não estavam longe e ficaram escondidos em um local previamente preparado. Mas sabia-se desde o começo que eles seriam presos, mais cedo ou mais tarde, já que o cozinheiro, segundo o depoimento de um ou dois fornecedores que o viram pela janela, era um homem de aparência que chamava atenção – um mulato imenso e medonho, com traços acentuados do tipo negróide. Ele foi visto depois do crime, porque foi notado e perseguido pelo policial Walters na mesma noite, quando teve a audácia de retornar à Vila Glicínia. O inspetor Baynes, achando que esse retorno deve ter algum objetivo e que poderia, portanto, voltar a acontecer, saiu da casa, mas deixou uma emboscada no matagal próximo. O homem caiu na armadilha e foi capturado ontem à noite, depois de uma luta na qual o policial Downing foi gravemente ferido por uma dentada do selvagem. Espera-se que uma ordem de prisão seja solicitada pela polícia quando o prisioneiro for levado à justiça, e esperam-se grandes progressos a partir desta prisão.

– Temos de ver Baynes imediatamente – exclamou Holmes, apanhando o chapéu. – Vamos pegá-lo antes que parta.

Saímos correndo pela rua do lugarejo e o encontramos, como supúnhamos, quando ele estava saindo.

– Leu o jornal, sr. Holmes? – perguntou, com um exemplar na mão.

– Sim, Baynes, eu o li. Espero que não se ofenda se eu lhe der uma palavra de advertência.

– De advertência, sr. Holmes?

– Estive analisando este caso com muito cuidado e acho que o senhor não

está no caminho certo. Não gostaria que se expusesse tanto, a menos que tenha certeza.

– É bondade sua, sr. Holmes.

– Asseguro-lhe que falo pelo seu próprio bem.

Tive a impressão de que uma espécie de piscada surgiu rapidamente em um dos olhinhos apertados do sr. Baynes.

– Combinamos que cada um trabalharia a seu modo, sr. Holmes. E é exatamente isso que estou fazendo.

– Oh, muito bem – disse Holmes. – Não me culpe.

– Não, senhor. Tenho certeza de que não fez por mal. Mas nós temos nossos próprios sistemas, sr. Holmes. O senhor tem o seu, eu tenho o meu.

– Bem, vamos esquecer o assunto.

– Disponha sempre de minhas descobertas. Esse sujeito é um perfeito selvagem, forte como um cavalo e feroz como o diabo. Ele mastigou o polegar de Downing até quase arrancá-lo antes de ser dominado. Mal fala uma palavra em inglês e só conseguimos extrair grunhidos dele.

– Acha que tem prova de que foi ele que matou o patrão?

– Eu não disse isso, sr. Holmes, eu não disse isso. Temos nossos métodos. Siga os seus e eu seguirei os meus. O acordo é este.

Holmes encolheu os ombros quando nos afastamos.

– Não estou entendendo o homem. Ele dá a impressão de que vai falhar. Bem, como ele diz, cada um deve seguir seu próprio caminho e ver no que vai dar. Mas há qualquer coisa no inspetor Baynes que eu não estou entendendo.

– Sente-se nessa cadeira, Watson – disse Holmes, quando voltamos ao nosso aposento no hotel. – Quero deixá-lo a par da situação, já que vou precisar de sua ajuda hoje à noite. Vou mostrar-lhe a evolução do caso até onde eu pude segui-lo. Embora pareça simples em seus aspectos principais, tem dificuldades surpreendentes para uma prisão. Há falhas nessa direção e nós temos de saná-las. Vejamos o bilhete que foi entregue a Garcia na noite de sua morte. Vamos esquecer a teoria de Baynes de que os criados de Garcia estão envolvidos no assunto. A prova disso reside no fato de que foi ele, Garcia, que fez com que Scott Eccles estivesse na sua casa, o que só pode ter sido feito com o intuito de um álibi. Era Garcia, portanto, que tinha uma tarefa a cumprir e, aparentemente, uma tarefa criminosa naquela noite, durante a qual foi morto. Eu disse “criminosa” porque somente um homem

com um intuito criminoso desejaria criar um álibi. Quem, então, poderia matá-lo? Com toda a certeza a pessoa contra a qual existia o intuito criminoso. Até aqui, parece que estamos pisando em terreno firme. Podemos ver agora um motivo para o desaparecimento da criadagem de Garcia. Todos estavam metidos na mesma missão desconhecida. Se fosse bem-sucedida, Garcia voltaria e qualquer suspeita seria descartada pelo testemunho do inglês, e tudo ficaria bem. Mas o negócio era perigoso e, se Garcia não voltasse em determinada hora, era provável que estivesse morto. Então ficou estabelecido que, nesse caso, os dois criados deveriam ir para um lugar já combinado, de onde poderiam escapar das investigações e numa situação de tentar novamente mais tarde. Isso explica tudo, não?

Todo o emaranhado pareceu-me claro. Como sempre, fiquei imaginando por que eu não percebera tudo antes.

– Mas por que um dos criados voltou?

– Podemos supor que, na confusão da fuga, alguma coisa preciosa, algo que não conseguiu levar, tenha ficado ali. Isso poderia explicar a insistência dele, não?

– Bem, qual é o próximo passo?

– É o bilhete que Garcia recebeu durante o jantar. Mostra um cúmplice na outra ponta. Mas onde estava a outra ponta? Já lhe mostrei que só podia ser uma casa grande e que a quantidade delas é pequena. Dediquei meus primeiros dias aqui a uma série de passeios nos intervalos de minhas pesquisas de botânica e fiz um reconhecimento de todas as casas grandes e um exame da história de seus ocupantes. Uma casa, e só uma, despertou minha atenção. É a famosa e antiga granja de High Gable, a 1 quilômetro e meio de Oxshott e a menos de 1 quilômetro do local da tragédia. As outras pertencem a pessoas normais e respeitáveis, que vivem afastadas de confusões. Mas o sr. Henderson, de High Gable, é realmente uma pessoa curiosa, a quem podem acontecer fatos curiosos. A partir daí, concentrei minha atenção nele e em sua criadagem. Um grupo estranho de pessoas, Watson – o próprio homem é o mais estranho de todos. Com uma boa desculpa dei um jeito de falar com o sujeito, mas tive a impressão de ler nos seus olhos escuros e desconfiados que ele estava a par de minhas verdadeiras intenções. Tem uns 50 anos, forte, ágil, cabelos grisalhos, sobrancelhas pretas e bastas, anda empinado como um cervo e tem o ar de um imperador – um homem destemido, autoritário, com uma vontade férrea escondida atrás de

uma pele de pergaminho. Ele tanto pode ser um estrangeiro como alguém que viveu muito tempo nos trópicos, já que é amarelo e seco, mas forte como um chicote. Seu amigo e secretário, sr. Lucas, sem dúvida nenhuma é estrangeiro, cor de chocolate, astuto, polido e felino, com um linguajar sutil e venenoso. Você está vendo, Watson, que nos defrontamos com dois grupos de estrangeiros, um na Vila Glicínia e um em High Gable – de modo que estamos começando a suprir nossas falhas. Estes dois homens, amigos íntimos, são o núcleo da casa, mas há uma outra pessoa que pode ser ainda mais importante para nosso fim imediato. Henderson tem duas filhas – meninas de 11 e 13 anos. A governanta é a senhorita Burnet, uma inglesa quarentona. Existe ainda um criado de confiança. Este pequeno grupo forma a família, porque eles viajam juntos, e Henderson é um grande viajante, sempre se mudando. Faz poucas semanas que ele voltou a High Gable, depois de uma viagem em que ficou ausente durante um ano. Devo acrescentar que ele é muito rico e pode satisfazer todos os seus caprichos. No mais, a casa está cheia de mordomos, lacaios, arrumadeiras, e a criadagem comum, equipe de uma casa grande de campo. Eu soube de tudo isso pelos bisbilhoteiros do lugar, e em parte por meio de minhas próprias observações. Não existe parceiro melhor do que empregados demitidos e ressentidos, e eu tive a sorte de encontrar um. Eu chamo isso de sorte, mas eu não o encontraria se não estivesse procurando por ele. Como diz Baynes, cada um tem seu método. Foi o meu método que me fez encontrar John Warner, ex-jardineiro de High Gable, despedido num acesso temperamental de seu patrão com ares de imperador. Ele, por sua vez, tinha amigos na casa, que também tinham medo e rancor do patrão. Assim eu tinha a chave para os segredos da casa. Gente curiosa, Watson! Não quero dizer que já conheço todos, mas, de qualquer modo, gente muito interessante. A casa tem duas alas, os criados moram numa delas e a família na outra. Não existe ligação entre elas, a não ser para o criado particular de Henderson, que serve as refeições da família. Tudo é levado até uma certa porta, que faz a ligação. As crianças e a governanta dificilmente saem, a não ser para o jardim. Henderson nunca sai sozinho. Seu secretário moreno é como uma sombra. O mexerico entre os criados é que o patrão tem um medo terrível de alguma coisa. “Vendeu a alma ao diabo a troco de dinheiro e está esperando que o credor venha exigir o que lhe pertence”, diz Warner. Ninguém sabe de onde eles vieram ou quem são. São muito violentos. Por duas vezes Henderson agrediu algumas pessoas com um

chicote e só mesmo sua fortuna e uma boa recompensa o mantiveram afastado da justiça. Bem, Watson, vamos agora analisar a situação a partir destas novas informações. Podemos supor que o bilhete tenha vindo dessa casa estranha, e que era um convite para que Garcia executasse algo que já tinha sido planejado. Quem escreveu o bilhete? Era alguém de dentro da casa, e era uma mulher. Quem, a não ser a senhorita Burnet, a governanta? Nosso raciocínio parece indicar esse rumo. De qualquer modo, podemos tê-la como hipótese e ver a que conseqüência vai nos levar. Devo acrescentar que o caráter e a idade da governanta, senhorita Burnet, confirmam minha teoria inicial de que um caso de amor está fora de cogitação. Se ela escreveu o bilhete, com toda certeza era amiga e cúmplice de Garcia. O que, então, ela devia fazer se soubesse que ele estava morto? Se ele morreu por causa de algo criminoso, ela jamais diria uma palavra. Assim sendo, ela guardaria, no fundo do coração, amargura e ódio contra os assassinos e faria tudo o que pudesse para se vingar deles. Poderíamos então vê-la e usá-la? Este foi meu primeiro pensamento. Mas agora estamos diante de um fato sinistro. Ninguém mais viu a senhorita Burnet desde a noite do crime. Ela simplesmente sumiu desde aquela noite. Está viva? Será que ela morreu na mesma noite em que atraiu seu amigo? Ou será que ela é simplesmente uma prisioneira? Esta é a questão que nós temos que esclarecer. Você vai entender a dificuldade da questão, Watson. Não temos nenhuma base para solicitar um mandado de prisão. Toda a nossa história pareceria fantástica se a apresentássemos a um juiz. O desaparecimento da mulher não vale nada, já que, naquela criadagem incomum, qualquer um deles pode sumir durante uma semana. E ainda pode ser que ela esteja correndo perigo de vida. Tudo o que eu posso fazer é vigiar a mansão e deixar meu agente Warner de guarda nos portões. Não podemos deixar que uma situação assim vá em frente. Se a lei não pode fazer nada, nós devemos correr o risco.

– O que você sugere?

– Sei onde fica o quarto dela. Podemos alcançá-lo do telhado de uma construção anexa. Acho que você e eu devemos ir lá esta noite para tentarmos acertar bem no coração do mistério.

Não era uma perspectiva muito tentadora, confesso. A velha casa com sua atmosfera de crime, os habitantes estranhos, os perigos desconhecidos da nossa abordagem e o fato de estarmos nos colocando numa posição ilegal, tudo isso contribuiu para diminuir meu entusiasmo. Mas havia qualquer coisa

no raciocínio frio de Holmes que tornava impossível uma desculpa para não participar de qualquer aventura para a qual ele me convidasse. Sabíamos que assim, somente assim, poderíamos achar a solução. Apertei sua mão em silêncio e a sorte estava lançada.

Mas o destino quis que nossa investigação não tivesse um fim tão aventureiro. Eram mais ou menos cinco horas e as primeiras sombras da noite de março já começavam a surgir quando um sujeito rude entrou correndo em nosso quarto:

– Eles partiram, sr. Holmes. Partiram no último trem. A mulher fugiu e eu a trouxe num cabriolé.

– Excelente, Warner! – exclamou Holmes, levantando-se de um salto. – Watson, nossos problemas estão se acabando rapidamente.

A mulher estava no carro, quase inconsciente por causa de uma exaustão nervosa. Trazia, no rosto aquilino e magro, sinais de uma tragédia recente. A cabeça estava caída no peito, e quando ela a ergueu e fixou os olhos amortecidos em nós, vi que suas pupilas eram pontos negros no centro de grandes íris cinzentas. Ela tinha sido drogada com ópio.

– Fiquei de guarda no portão, como o senhor mandou, sr. Holmes – disse nosso emissário, o jardineiro despedido. – Quando a carruagem saiu, eu a segui até a estação. Ela parecia uma sonâmbula, mas quando eles tentaram empurrá-la para dentro do trem, ela acordou e lutou. Eles a arrastaram para dentro do vagão, mas ela escapou novamente. Eu a socorri e a coloquei no cabriolé, e aqui estamos nós. Jamais vou me esquecer do rosto que vi na janela do vagão quando eu a puxei. Minha vida não valeria nada se ele voltasse aqui – o olho negro, carrancudo, do diabo amarelo.

Nós a levamos para cima, até nosso aposento, e a deitamos num sofá, e alguns goles de café forte fizeram seu cérebro sair da névoa da droga. Holmes havia chamado Baynes e explicou-lhe rapidamente a situação.

– Sim senhor! Pegou a prova que eu queria – disse o inspetor com veemência, apertando a mão de meu amigo. – Eu estava desde o início na mesma pista.

– O quê? O senhor estava atrás de Henderson?

– Ora, sr. Holmes, enquanto o senhor ficava rastejando nas moitas em High Gable, eu estava em cima de uma árvore do pomar a observá-lo. Era apenas uma questão de ver quem pegaria a prova primeiro.

– Então, por que prendeu o mulato?

Baynes deu um risinho.

– Eu tinha certeza de que Henderson – como ele diz chamar-se – estava desconfiado e que ficaria quieto no mesmo lugar enquanto se sentisse seguro. Prendi o homem errado para fazê-lo crer que não estávamos na sua pista. Sabia que ele tentaria fugir e assim nos daria uma chance de chegar até a srta. Burnet.

Holmes pôs a mão no ombro do inspetor.

– O senhor vai longe na sua profissão. Tem instinto e intuição – ele disse.

Baynes corou de prazer.

– Deixei um guarda à paisana na estação durante toda a semana. Onde quer que o pessoal de High Gable vá, ele estará vigiando. Mas deve ter sido difícil para ele quando a srta. Burnet fugiu. Felizmente seu agente a pegou e está tudo bem. Não podemos efetuar nenhuma prisão sem o testemunho dela, de modo que, quanto antes obtivermos um depoimento dela, será melhor.

– Ela está melhorando rapidamente – disse Holmes, olhando para a governanta. – Mas, diga-me, Baynes, quem é Henderson?

– Henderson – respondeu o inspetor – é dom Murillo, antes conhecido como o Tigre de San Pedro.

O Tigre de San Pedro! A história completa do homem surgiu rapidamente em minha cabeça. Ele criou fama como o mais cruel e sanguinário tirano que já governou um país com a máscara de civilização. Forte, destemido e enérgico, ele conseguiu impor seus vícios hediondos a um povo amedrontado durante dez ou 12 anos. Seu nome era um terror em toda a América Central. No final daquele período houve um levante geral contra ele. Mas ele era tão cruel quanto esperto, e ao primeiro sinal de problema, transferiu em segredo seus tesouros para um navio tripulado por correligionários devotados. No dia seguinte, quando os insurretos atacaram o palácio, encontraram tudo vazio. O ditador, suas duas filhas, o secretário e sua fortuna escaparam deles. A partir daquele momento ele sumiu no mundo e sua identidade foi motivo para comentários freqüentes na imprensa européia.

– Sim, senhor, dom Murillo, o Tigre de San Pedro – disse Baynes. – Se o senhor procurar, vai descobrir que as cores de San Pedro são verde e branco, as mesmas mencionadas no bilhete, sr. Holmes. Ele diz chamar-se Henderson, mas consegui reconstituir seu roteiro desde Paris, Roma, Madri e Barcelona, onde seu navio chegou em 1886. Eles o procuraram o tempo todo para a vingança, mas somente agora conseguiram encontrá-lo.

– Eles o descobriram há um ano – disse a srta. Burnet, agora sentada e acompanhando a conversa. – Tentaram matá-lo uma vez, mas um espírito maligno o protegia. E agora de novo, Garcia, nobre e corajoso, falhou, e o monstro escapa. Mas virá um outro, e outro, até que um dia seja feita justiça; isso é tão certo como o nascer do sol.

As mãos finas da mulher se contraíram e seu rosto empalideceu de ódio.

– Mas como a senhorita veio a participar disso? – perguntou Holmes. – Como pode uma inglesa vir a participar desse caso criminoso?

– Eu me envolvi porque não existe outro modo no mundo de se fazer justiça. A lei inglesa se preocupa com o rio de sangue derramado há tanto tempo em San Pedro, ou com a riqueza que o homem roubou? Para vocês, tudo isso pode dar a impressão de crimes cometidos em outro mundo. Mas nós sabemos. Aprendemos a verdade por meio da dor e do sofrimento. Para nós não existe um demônio no inferno como Juan Murillo e nenhuma paz na vida enquanto suas vítimas ainda clamam por vingança.

– Sem dúvida ele era como a senhorita o descreveu – disse Holmes. – Eu ouvi dizer que ele era cruel. Mas como isso a atingiu?

– Vou contar-lhe tudo. A política desse bandido era matar, sob qualquer pretexto, todos os homens que tivessem a possibilidade de tornar-se um rival perigoso para ele. Meu marido – sim, meu nome verdadeiro é sra. Victor Durando – era embaixador de San Pedro em Londres. Foi lá que ele me conheceu e onde nos casamos. Jamais conheci alguém mais nobre. Infelizmente Murillo ouviu falar de suas qualidades, chamou-o de volta com um pretexto qualquer e ele foi fuzilado. Com uma premonição do seu destino, ele se recusou a levar-me com ele. Confiscaram os seus bens e eu fiquei na miséria e com o coração amargurado. Então, veio a queda do tirano. Ele fugiu, como o senhor acabou de descrever. Mas muitos daqueles cujas vidas ele arruinou, torturando e matando seus parentes, jamais deixariam o assunto esquecido. Uniram-se numa sociedade que só terminaria quando a missão fosse cumprida. Depois que descobrimos que ele era o tal de Henderson, minha missão era fazer parte da sua criadagem e manter contato com os outros, deixando-os a par de seus movimentos. Eu poderia fazer isso mantendo minha função de governanta na família. Ele mal sabia que a mulher que ele via a cada refeição era a mesma cujo marido ele mandara para a eternidade. Eu sorria para ele, cumpria minhas obrigações para com as crianças e aguardava minha vez. Em Paris, fizeram uma tentativa, mas

falharam. Fugimos imediatamente, percorrendo em ziguezague toda a Europa a fim de despistar os perseguidores, e finalmente voltamos para esta casa, que ele tinha ocupado na primeira vez que veio à Inglaterra. Mas aqui também estavam esperando os emissários da justiça. Sabendo que ele voltaria para cá, Garcia, filho do mais alto dignitário em San Pedro, ficou esperando, juntamente com dois amigos fiéis, todos com os mesmos motivos para a vingança. Nada se podia fazer durante o dia, já que Murillo tomava todas as precauções e nunca saía sem seu satélite, Lucas, ou Lopez, como era conhecido nos seus dias de poder. Mas, à noite, ele dormia sozinho e o vingador poderia achá-lo. Certa noite, já programada, enviei a meus amigos instruções finais, porque o homem estava permanentemente alerta e sempre mudava de quarto. Eu tinha de verificar se as portas estavam abertas e o sinal, de luz verde ou branca na janela que dava para a alameda, era para indicar que tudo estava bem ou que a tentativa deveria ser adiada. Mas tudo deu errado conosco. De algum modo eu despertei a suspeita de Lopez, o secretário. Ele se aproximou sorrateiramente de mim por trás e me agarrou quando eu tinha acabado de escrever o bilhete. Ele e o patrão me arrastaram até o meu quarto e me acusaram de traição. Se eles soubessem como escapar das conseqüências do seu ato, teriam me matado na mesma hora. Finalmente, depois de muita discussão, chegaram à conclusão de que minha morte seria muito perigosa. Mas estavam decididos a se livrar de Garcia de uma vez por todas. Eles tinham me amarrado e Murillo torceu meu braço até eu lhe dar o endereço. Juro que eu o deixaria quebrar meu braço se eu soubesse o que aconteceria com Garcia. Lopez endereçou o bilhete que eu escrevi, selou-o com sua abotoadura e o enviou pelo criado José. Não sei como eles o mataram, a não ser que foi a mão de Murillo que o liquidou, já que Lopez ficou me vigiando. Eu acho que eles devem ter ficado esperando entre as moitas que cercam o caminho e o acertaram quando ele passou. No começo eles queriam deixá-lo entrar na casa e liquidá-lo como um assaltante comum, mas argumentaram que se eles se envolvessem num inquérito, a verdadeira identidade deles poderia tornar-se pública, e ficariam vulneráveis a ataques futuros. Com a morte de Garcia, talvez parasse a perseguição, já que essa morte poderia amedrontar outros encarregados da tarefa. Tudo estaria bem para eles agora, se não fosse o fato de eu saber o que haviam feito. Tenho certeza de que minha vida esteve em perigo muitas vezes. Estava presa no meu quarto, com ameaças terríveis, cruelmente usadas contra minha

resistência para quebrá-la – vejam este golpe no meu ombro e manchas nos dois lados de meus braços –, e me amordaçaram quando, uma vez, tentei gritar da janela. Continuaram com esta prisão cruel durante cinco dias, com pouca comida para me manter de pé. Hoje eles me trouxeram um almoço suculento, mas depois que comi, percebi que tinha sido drogada. Lembro-me de que, numa espécie de transe, fui meio desfalecida até um carro; puseram-me no trem, no mesmo estado. Só aí, quando as rodas estavam quase se movendo, eu compreendi que minha liberdade estava nas minhas mãos. Pulei do trem, eles tentaram me arrastar de volta e, se não fosse a ajuda deste bom homem aqui, que me colocou no cabriolé, eu não conseguiria escapar. Agora, graças a Deus, estou livre deles para sempre.

Todos nós ouvimos com atenção este relato impressionante. Holmes quebrou o silêncio:

– Nossos problemas ainda não acabaram – ele disse, sacudindo a cabeça. – Termina nosso trabalho policial, começa o legal.

– Exatamente – eu disse. – Um bom advogado pode apresentá-lo como um gesto de autodefesa. Talvez haja centenas de crimes atrás disso, mas só este pode ser julgado.

– Ora, ora – disse Baynes, todo animado. – Creio que a lei é mais do que isso. Autodefesa é uma coisa. Atrair um homem a sangue-frio com o intuito de matá-lo é outra, apesar do medo que se possa ter dele. Não, não, todos nós ficaremos gratificados quando tivermos os habitantes de High Gable no próximo júri de Guilford.

É uma questão de história, no entanto, que ainda demorasse algum tempo até que o Tigre de San Pedro encontrasse seus executores. Astuto e audacioso, ele e seu companheiro despistaram seus perseguidores, entrando pela porta da frente de uma casa na Edmonton Street e saindo pela dos fundos na praça Curzon. Nunca mais foram vistos na Inglaterra. Uns seis meses depois, o marquês de Montalva e o sr. Rulli, seu secretário, foram mortos nos seus quartos no Hotel Escurial, em Madri.

O crime foi atribuído à Organização Niilista e seus autores jamais foram presos.

O inspetor Baynes nos visitou em Baker Street com um retrato falado do rosto moreno do secretário e as feições autoritárias, olhos negros e magnéticos, sobrancelhas espessas do seu chefe. Não tivemos dúvida de que, embora tardia, fora feita justiça.

– Um caso confuso, meu caro Watson – disse Holmes, à noite, fumando seu cachimbo. – Você não poderá apresentá-lo naquela forma compacta de que você tanto gosta. Ele abrange dois continentes, dois grupos de pessoas misteriosas e é ainda mais complicado pela presença extremamente respeitável de nosso amigo Scott Eccles, cuja inclusão mostra que o falecido Garcia tinha uma mente planejadora e um instinto de sobrevivência bem desenvolvido. É impressionante pelo simples fato de que, em meio a um verdadeiro emaranhado de possibilidades, nós, juntamente com nosso digno colaborador, o inspetor Baynes, tenhamos mantido nossa mente presa aos fatos essenciais e, desta forma, fôssemos guiados pelo caminho obscuro e tortuoso. Existe ainda algum detalhe que não tenha ficado claro para você?

– Qual o objetivo da volta do cozinheiro?

– Eu acho que a estranha criatura na cozinha pode justificá-la. O homem era um selvagem primitivo, dos confins de San Pedro, e aquilo era o seu fetiche. Quando ele e o companheiro fugiram para o esconderijo preparado – já ocupado, sem dúvida, por algum cúmplice –, seu comparsa o convenceu a abandonar o objeto comprometedor. Mas o coração do mulato estava com o objeto, e ele voltou no dia seguinte, quando, ao sondar pela janela, encontrou o guarda Walters de plantão. Ele esperou mais três dias, e então sua religião, ou sua superstição, fez com que ele tentasse de novo. O inspetor Baynes, com sua astúcia habitual, minimizara o incidente para mim, mas na verdade tinha reconhecido sua importância e deixara uma armadilha, na qual a criatura caiu. Algum outro detalhe, Watson?

– O pássaro esquartejado, o balde de sangue, os ossos carbonizados, o mistério todo daquela cozinha esquisita?

Holmes sorriu enquanto consultava uma anotação no seu caderno.

– Passei uma manhã no Museu Britânico lendo a respeito disso aqui e de alguns outros pontos. Aqui está uma explicação de Eckermann sobre Voduísmo e Religiões Negras:

O verdadeiro seguidor do vodu não faz nada importante sem alguns sacrifícios, cujo objetivo é agradar aos seus deuses impuros. Em casos extremos, esses rituais tomam a forma de sacrifícios humanos, seguidos de canibalismo. As vítimas mais comuns são um galo branco, esquartejado vivo, ou um bode preto, cujo pescoço é cortado e o sangue queimado.

– Agora você vê que nosso amigo selvagem era bem ortodoxo em seus

rituais. É grotesco, Watson – acrescentou Holmes, enquanto fechava lentamente seu caderno de anotações –, mas, como eu já tive oportunidade de observar, há apenas um passo entre o grotesco e o horrível.

O Caso da Caixa de Papelão

Ao escolher alguns casos típicos que ilustrem as notáveis qualidades mentais de meu amigo Sherlock Holmes, tenho me esforçado ao máximo para selecionar os que apresentem o mínimo de sensacionalismo, ao mesmo tempo oferecendo um vasto campo para seu talento. Infelizmente, porém, é impossível separar o sensacional do criminoso, e um narrador fica com o dilema de sacrificar detalhes que sejam essenciais ao seu trabalho e, assim, dar uma falsa impressão do problema, ou então deve usar o assunto que o caso, e não a escolha, lhe deu. Com este curto prefácio, volto-me para minhas anotações daquilo que foi uma cadeia de acontecimentos estranhos, embora peculiarmente terríveis.

Era um dia extremamente quente de agosto. Baker Street parecia um forno, e o brilho do sol na fachada de tijolos amarelos da casa em frente à nossa chegava a doer nos olhos. Era difícil acreditar que aquelas paredes eram as mesmas que pareciam

tão tristes na neblina do inverno. Nossas venezianas estavam semicerradas e Holmes se encontrava recostado no sofá, lendo e relendo uma correspondência que havia recebido na entrega da manhã.

Meu tempo de serviço na Índia havia me preparado para suportar mais o calor do que o frio, e um termômetro assinalando 35 graus não era penoso para mim. Mas o jornal da manhã não tinha nada interessante. O Parlamento entrara em recesso. Todo mundo estava fora da cidade e eu ansiava pelo verde de New Forest ou pelas praias de Southsea. Uma conta bancária em baixa obrigara-me a adiar minhas férias e, quanto ao meu amigo, nem o campo nem o mar o atraíam. Ele adorava ficar misturado no meio de cinco milhões de pessoas, com suas teias se esticando e correndo entre elas, atento a qualquer rumor ou suspeita de crime misterioso. Entre suas muitas virtudes não estava o gosto pela natureza, e sua única mudança foi quando afastou da cabeça o criminoso da cidade para perseguir o malandro do campo.

Vendo que Holmes estava absorto demais para conversar, deixei de lado o

jornal insosso e me recostei na cadeira, mergulhando numa divagação. De repente a voz do meu amigo interrompeu meus pensamentos:

– Você tem razão, Watson – disse ele. – Na verdade, parece uma forma bastante absurda de se resolver uma disputa.

– Bastante absurda! – exclamei, e então eu percebi de repente que ele estava lendo os mais recônditos pensamentos de minha alma; levantei-me e olhei para ele perplexo.

– O que é isso, Holmes? – perguntei. – Isso está além de tudo o que eu posso imaginar.

Ele riu diante da minha perplexidade.

– Você se lembra – disse ele – de que há algum tempo eu li para você um trecho de uma das peças de Poe, na qual um camarada segue o raciocínio mental de seu companheiro – e você tratou o assunto como um mero exagero do autor. Quando eu lhe disse que tenho a mania de fazer a mesma coisa, você não acreditou.

– Oh, não!

– Talvez não com suas palavras, meu caro Watson, mas certamente com suas sobrancelhas. De modo que, quando você deixou o jornal de lado e começou a divagar, fiquei feliz por ter a oportunidade de ler seus pensamentos e acabar por interrompê-los, como prova de que eu estava em sintonia com você.

Mas eu ainda não estava me dando por satisfeito.

– Naquele exemplo que você me mostrou – eu disse –, o raciocinador tirou suas conclusões dos gestos do homem que ele observava. Se me lembro bem, ele tropeçou num monte de pedras, olhou para as estrelas etc. Mas eu estava aqui, sentado tranqüilamente na minha cadeira; então, que pistas eu posso ter lhe dado?

– Você está fazendo injustiça com você mesmo. As feições humanas servem para que as pessoas expressem suas emoções, e as suas são aliadas fiéis.

– Quer dizer que você leu a seqüência de meus pensamentos a partir de minhas feições?

– Suas feições e, principalmente, seus olhos. Talvez você não se lembre como começou seu devaneio.

– Não, não me lembro.

– Então vou lhe dizer. Depois de largar o jornal, gesto que chamou minha

atenção, você ficou uns trinta segundos com uma expressão vazia. Então seus olhos se fixaram no retrato recém-emoldurado do general Gordon, e vi, pela alteração no seu rosto, que estava começando a seguir um pensamento. Mas ele não foi muito longe. Seus olhos se fixaram no retrato sem moldura de Henry Ward Beecher, que está em cima de seus livros, na estante. Depois olhou para a parede e o significado era óbvio. Você estava pensando que, se o retrato tivesse moldura, ele serviria para preencher o espaço vazio e fazer par com o retrato de Gordon, ali.

– Você me acompanhou maravilhosamente! – exclamei.

– Não podia estar errado até aqui. Mas aí seus pensamentos voltaram para Beecher e você franziu o cenho, como se estivesse estudando o caráter nas feições dele. Logo depois seus olhos perderam a firmeza, mas você continuou a mirar o retrato e seu rosto ficou pensativo. Você estava se lembrando dos incidentes na carreira de Beecher. Eu tinha absoluta certeza de que você não poderia fazer isso sem pensar na missão que ele levou a cabo, em nome do norte, durante a Guerra Civil, porque me recordo de que você expressou sua indignação pelo modo como ele foi recebido pelas pessoas mais barulhentas. Você se sentiu tão indignado com isso que sei muito bem que não poderia pensar em Beecher sem se lembrar disso também. Quando, pouco depois, eu vi seus olhos se afastarem do retrato, suspeitei que seu pensamento se concentrara na Guerra Civil, e quando vi que seus lábios se cerraram, seus olhos brilharam e suas mãos se crisparam, tive certeza de que você estava pensando na bravura que os dois lados mostraram naquela luta desesperada. Mas aí, de novo, seu rosto ficou sombrio; você balançou a cabeça. Estava refletindo sobre a tristeza, o horror e o desperdício de vidas. Sua mão pousou sobre seu próprio ferimento e um sorriso surgiu em seus lábios, o que me mostrou que você estava pensando no aspecto ridículo deste método de resolver questões internacionais. Nesse ponto concordei com você que fora absurdo e fiquei satisfeito em ver que minhas deduções estavam corretas.

– Totalmente! – disse eu. – E agora que explicou tudo, confesso que estou tão intrigado quanto antes.

– Foi muito superficial, meu caro Watson, asseguro-lhe. Eu não teria chamado sua atenção se você não tivesse mostrado certa incredulidade no outro dia. Mas eu tenho em mãos um probleminha cuja solução pode ser mais difícil do que meu pequeno ensaio sobre leitura de pensamentos. Você viu no jornal uma noticiazinha a respeito do conteúdo extraordinário de um pacote

que foi enviado pelo correio à senhorita Cushing, de Cross Street, Croydon?

– Não, não vi nada.

– Ah, então ela lhe escapou. Passe-me o jornal. Aqui está, abaixo da coluna financeira. Será melhor você mesmo lê-la em voz alta.

Peguei o jornal que ele me devolveu e li a notícia. O título era: “Um pacote macabro”.

“A senhorita Susan Cushing, que mora em Cross Street, Croydon, foi vítima do que se pode considerar uma brincadeira particularmente revoltante, a menos que exista algo mais sinistro relacionado com o incidente. Às duas da tarde de ontem, um pacote pequeno, embrulhado com papel marrom, foi entregue pelo carteiro. Dentro havia uma caixa de papelão, cheia de sal grosso. Ao esvaziá-la, a senhorita Cushing ficou horrorizada ao encontrar duas orelhas humanas, aparentemente arrancadas há bem pouco tempo. A caixa foi enviada pelo correio de Belfast na manhã do dia anterior. Não há indicação do remetente, e o assunto é ainda mais misterioso porque a senhorita Cushing, uma senhora solteira de seus 50 anos, sempre levou uma vida reclusa e tem poucos conhecidos ou correspondentes e, assim, é um acontecimento raro para ela receber alguma coisa pelo correio. Entretanto, há alguns anos, quando ela morou em Penge, alugou quartos, na sua casa, para três jovens estudantes de medicina, dos quais ela foi obrigada a se livrar por causa dos hábitos barulhentos e irregulares deles. A polícia acredita que isso pode ter sido perpetrado contra a senhorita Cushing pelos três rapazes, que lhe deviam uma vingança e que esperavam assustá-la enviando-lhe relíquias da sala de dissecação. Essa hipótese é sustentada pelo fato de um dos estudantes ser do norte da Irlanda e, de acordo com a senhorita Cushing, de Belfast. Nesse meio-tempo, o assunto está sendo investigado pelo sr. Lestrade, um de nossos detetives mais competentes, encarregado do caso.”

– Isto quanto ao Daily Chronicle – disse Holmes quando terminei minha leitura. – Agora quanto ao nosso amigo Lestrade. Tenho um bilhete dele, desta manhã, que diz o seguinte:

Eu acho que este caso está bem na sua área de atuação. Temos esperança de esclarecê-lo, mas achamos pouco material para trabalhar no assunto. Telegrafamos, é claro, ao correio de Belfast, mas naquele dia foi entregue

uma grande quantidade de pacotes e eles não têm meios de identificar este em particular, ou o remetente. A caixa pesa meia libra, é de fumo para cachimbo e não nos forneceu nenhuma pista. Parece-me que a hipótese dos estudantes é a mais plausível, mas se você tiver algumas horas livres, ficarei contente em vê-lo aqui. Estarei, durante todo o dia, na casa ou na delegacia.

– O que você acha, Watson? Poderá suportar o calor e ir comigo a Croydon, com a possibilidade de mais um caso para os seus anais?

– Eu já estava com saudade de fazer alguma coisa.

– Vai ter, então. Peça a empregada para chamar um táxi. Estarei pronto em um minuto, assim que trocar minha roupa e encher a cigarreira.

Choveu enquanto estávamos no trem e o calor estava mais suportável em Croydon do que em Londres. Holmes havia mandado um telegrama, de modo que Lestrade, firme, ativo e atento, como sempre, estava nos esperando na estação. Andamos durante cinco minutos até Cross Street, onde morava a senhorita Cushing. Era uma rua comprida, de casas com fachadas de tijolos, dois andares, elegantes e bem conservadas, com degraus de pedra, e havia pequenos grupos de mulheres de avental conversando nas portas das casas. Lestrade parou na metade da rua e bateu em uma porta, e uma empregada a abriu. A senhorita Cushing estava sentada no quarto da frente, para onde fomos levados. Era uma mulher de rosto plácido, com olhos grandes e suaves, cabelos grisalhos em ondas que desciam pelas fontes. Tinha no colo uma cobertura para poltrona e uma cesta com fios de seda multicolorida estava num banquinho ao seu lado.

– Aquelas coisas medonhas estão no quarto de despejo – ela disse quando Lestrade entrou. – Gostaria que o senhor as levasse daqui imediatamente.

– Pois não, senhorita Cushing. Eu as deixei aqui para que meu amigo, sr. Holmes, as visse em sua presença.

– Por que em minha presença, senhor?

– Para o caso de ele querer fazer-lhe algumas perguntas.

– O que adianta me fazer perguntas se eu já lhe disse que nada sei a respeito disso?

– Está certo, madame – disse Holmes, conciliador. – Tenho certeza de que a senhorita já se aborreceu o suficiente com este negócio.

– De fato, senhor. Sou uma mulher pacata e vivo sozinha. É uma coisa inteiramente nova para mim ver meu nome nos jornais e ter a polícia aqui em casa. Não quero aquelas coisas aqui, sr. Lestrade. Se o senhor quiser vê-las,

vá para a casinha do terreiro.

Era um compartimento apertado no pequeno jardim, na parte traseira da casa. Lestrade entrou e trouxe uma caixa de papelão amarelo, com um pedaço de papel marrom e um barbante. Havia um banco ali perto, e nós nos sentamos enquanto Holmes examinava o conteúdo que Lestrade lhe entregou.

– Este barbante é extremamente interessante – disse ele, examinando-o e cheirando-o. – O que acha disso, Lestrade?

– Foi besuntado.

– Exatamente. É um pedaço de barbante besuntado. Você também deve ter notado que a senhorita Cushing cortou o barbante com uma tesoura, o que pode ser visto pelos fiapos em cada ponta. Isto é importante.

– Não vejo por quê – disse Lestrade.

– A importância está no fato de o nó ter ficado intacto, e este nó é especial.

– Está muito apertado. Já tinha notado isso – disse Lestrade com complacência.

– Basta quanto ao barbante – disse Holmes, sorrindo. Agora, o papel do embrulho. Marrom, com forte cheiro de café. Como? Não tinha observado isso? Acho que não há dúvida a respeito disso. Endereço escrito com letras bastante irregulares: “Senhorita S. Cushing, Cross Street, Croydon”. Feito com pena de bico grosso, provavelmente uma J, e tinta vagabunda. A palavra “Croydon” foi escrita inicialmente com “i” e depois mudada para “y”. O pacote, portanto, foi mandado por um homem – e a caligrafia é tipicamente masculina – de pouca cultura e não acostumado com a cidade de Croydon. Até aqui, tudo bem! A caixa é amarela, pesa meia libra, nada tem de especial a não ser duas marcas de polegar no canto inferior esquerdo. Cheia de sal grosso, do tipo usado para conservar peles e outros produtos comerciais. E no meio dele é que está esse estranho conteúdo. – Ele tirou as duas orelhas enquanto falava e as colocou sobre uma tábua nos joelhos, examinando-as detalhadamente; eu e Lestrade, inclinados ao lado dele, olhávamos para as relíquias medonhas e para o rosto pensativo e ansioso do nosso amigo. Finalmente ele as recolocou na caixa e ficou sentado, meditando profundamente.

– Você notou, é claro – ele disse, por fim –, que as orelhas não são de uma só pessoa.

– Sim, eu tinha observado isso. Mas se isto for uma brincadeira de mau gosto de alguns estudantes da sala de dissecação, seria fácil para eles

enviarem duas orelhas diferentes, como se pertencessem a uma só pessoa.

– Exatamente. Mas isto aqui não é uma brincadeira de mau gosto.

– Tem certeza?

– Tudo indica que não é. Corpos da sala de anatomia recebem injeções de um fluido conservante. Estas orelhas não o têm. São frescas, também. Foram arrancadas com um instrumento sem muito corte, o que dificilmente aconteceria se tivesse sido feito por um estudante de medicina – ele usaria o conservante líquido, não o sal grosso. Repito que nós não temos aqui uma travessura de estudantes, mas estamos frente a um crime grave.

Um vago arrepio percorreu meu corpo enquanto ouvia as palavras de meu amigo, e vi a gravidade do assunto estampada em suas feições. Este prelúdio brutal parecia lançar um horror estranho e inexplicável no passado. Lestrade, no entanto, sacudiu a cabeça como uma pessoa não inteiramente convencida.

– Há objeções à teoria da brincadeira, é claro – disse ele –, mas há razões mais fortes contra a outra. Sabemos que esta mulher levava uma vida tranqüila e respeitável em Penge e também aqui durante os últimos vinte anos. Ela quase nunca ficou fora de casa, por um dia sequer, durante esse tempo. Por que, então, um criminoso lhe enviaria as provas de sua culpa, principalmente quando ela entende tão pouco do assunto quanto nós, a não ser que seja uma atriz consumada?

– Este é o problema que nós temos de resolver – respondeu Holmes –, e de minha parte eu vou partir do pressuposto de que meu raciocínio está correto e que foi cometido um duplo assassinato. Uma destas orelhas é de mulher, pequena, delicada, furada para uso de brinco; a outra é de homem, queimada de sol, descorada e também com um furo para brinco. Provavelmente essas duas pessoas estão mortas, ou já teríamos ouvido o caso antes. Hoje é sexta-feira. O pacote foi enviado na quinta de manhã. A tragédia aconteceu, então, na terça ou na quarta, ou mesmo antes. Se as duas pessoas foram mortas, quem, a não ser o assassino, mandaria para a srta. Cushing a prova de seu crime? Podemos supor que o remetente do pacote seja o homem que queremos. Mas ele deve ter tido um motivo muito forte para enviar o pacote à srta. Cushing. Que motivo? Deve ser o de comunicar a ela que o destino se cumpriu, ou para feri-la, talvez; mas, neste caso, ela saberia quem é ele. Será que ela sabe? Duvido. Se soubesse, por que chamaria a polícia? Ela teria enterrado as orelhas e ninguém ficaria sabendo de nada. Isso é o que ela faria se quisesse proteger o criminoso. Mas, se não quisesse protegê-lo, diria seu

nome. Há um nó aqui que precisa ser desfeito.

Ele estivera falando em voz alta, rapidamente, olhando absorto por cima da cerca do jardim; mas levantou-se bruscamente e se dirigiu para a casa.

– Tenho algumas perguntas a fazer à srta. Cushing.

– Neste caso, vou deixá-lo aqui – disse Lestrade –, porque tenho de cuidar de um outro assunto. Creio que nada mais tenho a ouvir da srta. Cushing. Você me encontrará na delegacia.

– Passaremos por lá quando formos pegar o trem – respondeu Holmes.

Pouco depois Holmes e eu estávamos de volta ao quarto da frente, onde a mulher, impassível, continuava trabalhando. Ela deixou o trabalho no colo quando entramos, e nos observou com os olhos azuis perscrutadores, e francos.

– Tenho certeza, senhor – disse ela –, de que tudo isso é um engano, e que o pacote, na verdade, não se destinava a mim. Já disse isso várias vezes ao cavalheiro da Scotland Yard, mas ele simplesmente ri de mim. Não tenho nem um inimigo no mundo inteiro, pelo que sei. Então, por que alguém iria pregar-me uma peça?

– Também estou chegando à mesma conclusão, srta. Cushing – disse Holmes, sentando-se ao lado dela. – Acho que é mais do que provável...

Ele fez uma pausa e eu fiquei surpreso ao ver que observava, com um interesse especial, o perfil da srta. Cushing. Pude ver, em seu rosto arguto, surpresa e satisfação, embora ele tenha readquirido sua expressão impassível quando ela se virou para ver o motivo de sua pausa. Olhei para os cabelos grisalhos dela, a touca caprichada, os brinquinhos dourados, feições calmas, e nada vi que justificasse a emoção evidente do meu amigo.

– Havia uma ou duas perguntas.

– Oh, estou farta de perguntas! – ela exclamou, impaciente.

– Eu creio que a senhorita tem duas irmãs.

– Como sabe disso?

– Logo que entrei no quarto vi que tem sobre a lareira um retrato de um grupo de três mulheres, uma das quais é a senhorita, sem dúvida, enquanto as outras se parecem muito com a senhorita; assim, não havia dúvida sobre o parentesco.

– O senhor tem razão. Aquelas são minhas irmãs, Sarah e Mary.

– E aqui do meu lado há outro retrato, tirado em Liverpool, de sua irmã mais nova, na companhia de um homem que parece ser um comissário de

bordo, pelo uniforme. Vejo que ela era solteira, na época.

– O senhor é um ótimo observador.

– É a minha profissão.

– Bem, o senhor tem razão. Mas ela se casou alguns dias depois com o senhor Browner. Ele estava na linha da América do Sul, mas gostava tanto dela que não conseguia ficar longe por muito tempo; de modo que ele se transferiu para os navios da linha Liverpool e Londres.

– Ah, o Conqueror, talvez?

– Não, o May Day, da última vez que ouvi falar. Uma vez Jim veio me ver. Isso foi antes de quebrar a promessa; depois disso, ele sempre bebia quando estava em terra, um pequeno trago já o deixava completamente louco. Ah, foi um dia fatal quando ele pegou de novo num copo. Primeiro ele se esqueceu de mim, depois brigou com Sarah, e agora que Mary deixou de me escrever, não sei como as coisas estão entre eles.

Era evidente que a srta. Cushing falava sobre um assunto que a afetava profundamente. Como a maioria das pessoas que levavam uma vida solitária, no começo ela se mostrou reservada, mas acabou tornando-se extremamente comunicativa. Contou-nos vários detalhes sobre o cunhado, falou de seus antigos inquilinos, os estudantes de medicina; falou-nos de suas peraltices, dando-nos seus nomes e os dos hospitais. Holmes ouvia tudo com atenção, fazendo uma pergunta de vez em quando.

– A respeito da sua segunda irmã, Sarah – disse ele –, imagino que, sendo ambas solteiras, não quiseram morar juntas.

– Ah, o senhor não conhece o gênio de Sarah, do contrário nem pensaria numa coisa dessas. Eu tentei quando me mudei para Croydon, e ficamos juntas até dois meses atrás, quando tivemos de nos separar. Não quero falar mal de minha própria irmã, mas ela sempre foi uma intrometida e uma pessoa difícil de se contentar.

– A senhorita está dizendo que ela brigou com os parentes de Liverpool?

– Sim, e eles eram então os melhores amigos. Ela foi para lá para ficar perto deles. E agora ela vive acusando Jim Browner. Nos últimos seis meses em que esteve aqui só falava das bebedeiras e dos modos dele. Eu desconfio que ele a pegou fazendo mexericos e lhe passou um sabão, e fosse esse o começo de tudo.

– Obrigado, srta. Cushing – disse Holmes, levantando-se e fazendo uma mesura. – Sua irmã Sarah mora, como disse, em New Street, Wallington?

Adeus, e lamento muito que a senhorita tenha sido importunada com um caso que, como diz, não tem nada a ver consigo.

Quando saímos, estava passando um carro e Holmes o fez parar.

– A que distância fica Wallington?

– Apenas a 1,5 quilômetro, senhor.

– Muito bem. Entre, Watson. Temos de malhar enquanto o ferro ainda está quente. Este caso é simples, mas tem um ou dois detalhes muito interessantes relacionados com ele. Por favor, pare na primeira agência telegráfica que encontrar.

Holmes enviou um telegrama curto, e durante toda a viagem ficou recostado no carro, com o chapéu enterrado até o nariz para se proteger do sol. Nosso condutor parou diante de uma casa que não era diferente da que havíamos deixado. Meu amigo pediu que nos esperasse, e quando ia bater à porta, esta se abriu e apareceu um jovem, vestido de preto, com um chapéu reluzente.

– A senhorita Cushing está em casa? – perguntou.

– Ela está muito doente – disse o jovem. – Desde ontem ela está sofrendo de sintomas cerebrais muito graves. Como seu médico, não posso permitir que ninguém a veja. Peço-lhe que volte dentro de dez dias.

Ele calçou as luvas, fechou a porta e saiu andando pela rua.

– Bem, se não podemos, não podemos – disse Holmes, em tom jovial.

– Talvez ela não pudesse ou mesmo não nos dissesse muita coisa.

– Eu não quero que ela me diga nada. Só queria vê-la. Mas acho que consegui o que queria. Leve-nos para um hotel decente, cocheiro, onde possamos almoçar, e depois disso poderemos ir ver nosso amigo Lestrade na delegacia.

Fizemos uma refeição agradável durante a qual Holmes só falou sobre violinos, contando com grande entusiasmo como ele comprara seu Stradivarius, que valia pelo menos 500 guinéus, de um negociante judeu em Tottenham, Court Road por apenas 55 xelins. Isso o levou a falar de Paganini, e ficamos durante uma hora bebendo vinho, enquanto ele me contou histórias e mais histórias sobre aquele homem extraordinário. Quando chegamos à delegacia, já era final de tarde, e a luz do sol se transformara numa claridade amena. Lestrade nos aguardava na porta.

– Há um telegrama para você, Holmes – disse ele.

– Ah! A resposta!

Abriu o telegrama, deu uma olhada e colocou-o no bolso.

– Está tudo bem – ele disse.

– Descobriu alguma coisa?

– Descobri tudo!

– Como? – Lestrade o olhou, estupefato. – Está brincando?!

– Nunca falei mais sério em minha vida. Foi cometido um crime chocante, e acho que descobri todos os detalhes.

– E o criminoso?

Holmes rabiscou algumas palavras nas costas de um de seus cartões de visita e o passou a Lestrade.

– Este é o nome dele – disse. – O senhor não conseguirá efetuar sua prisão até amanhã à noite. Eu gostaria que não mencionasse meu nome com relação a este caso, já que prefiro vê-lo relacionado a crimes que apresentem dificuldades para sua elucidação. Vamos, Watson.

Partimos para a estação, deixando Lestrade com uma expressão de satisfação no rosto, olhando para o cartão que Holmes lhe dera.

– O caso – disse Holmes, quando já estávamos em nossos aposentos em Baker Street, fumando e conversando – é um daqueles em que tivemos de raciocinar para o passado, das causas aos efeitos, como nos casos que você relatou com os títulos de “Um estudo em vermelho” e “O sinal dos quatro”. Escrevi a Lestrade pedindo-lhe para nos fornecer os detalhes que ainda faltam, e que ele só vai conseguir depois de prender o homem. Ele certamente vai conseguir isso porque, embora destituído de raciocínio, é tão persistente quanto um buldogue depois que entende o que tem de fazer e, na verdade, foi justamente a sua tenacidade que o levou até o topo na Scotland Yard.

– Quer dizer que o caso ainda não está completo? – perguntei.

– Nos fatos essenciais, sim. Sabemos quem é o autor do caso revoltante, embora ainda não tenhamos identificado uma das vítimas. Você, é claro, já tirou suas próprias conclusões.

– Eu acho que Jim Browner, o comissário de bordo da linha de Liverpool, é o homem de quem você suspeita.

– Oh, é mais do que suspeita.

– Mesmo assim não vejo mais do que vagos indícios.

– Para mim, ao contrário, nada podia ser mais claro. Deixe-me mostrar-lhe os passos principais. Nada sabíamos do caso quando começamos a trabalhar

nele, o que é sempre uma vantagem. Não tínhamos teorias prontas. Estávamos lá simplesmente para observar e tirar conclusões de nossas observações. O que foi que vimos primeiro? Uma senhora respeitável e calma, que parecia totalmente inocente de qualquer crime, e um retrato que mostrou ter ela duas irmãs mais jovens. Imediatamente me ocorreu que a caixa podia ser destinada a uma delas. Deixei a idéia de lado, já que ela poderia ser abandonada ou confirmada, à nossa vontade, mais tarde. Então fomos para o jardim, como você se lembra, e vimos o estranho conteúdo da caixinha amarela. O barbante era do tipo usado por marinheiros e logo um bafejo do mar era perceptível em nossa investigação. Quando observei que o nó era comum entre marinheiros, que o pacote havia sido mandado de um porto e que a orelha masculina fora furada para uso de brinco, coisa mais comum entre gente do mar do que de terra, tive certeza de que todos os personagens da tragédia seriam encontrados entre nossas classes marítimas. Quando examinei o endereço no pacote, vi que era para a senhorita S. Cushing. Ora, a irmã mais velha seria, é claro, a senhorita Cushing e, embora sua inicial fosse “S”, poderia pertencer também a uma das outras duas. Nesse caso teríamos de reiniciar nossa investigação em uma nova base. Assim sendo, entrei na casa com a intenção de esclarecer este ponto. Eu estava prestes a dizer a ela que me convencera de que fora cometido um equívoco quando, você deve se lembrar, eu parei de repente. O fato é que eu acabara de ver uma coisa que me encheu de surpresa e, ao mesmo tempo, diminuiu consideravelmente o campo de nossa pesquisa. Você, como médico, Watson, sabe que não existe parte do corpo humano que varie tanto quanto uma orelha. Cada uma é, como regra geral, completamente distinta e diferente das demais. No último número do Jornal Antropológico você vai encontrar duas pequenas monografias que escrevi sobre o assunto. Portanto, eu tinha examinado as orelhas na caixa com os olhos de um especialista e percebi as particularidades anatômicas. Imagine agora minha surpresa quando, ao olhar para a srta. Cushing, notei que a orelha dela correspondia exatamente à orelha feminina que eu tinha acabado de examinar. O caso era mais do que uma coincidência. Ali estava a mesma aurícula curta, a mesma curva aberta do lóbulo superior, o mesmo desenho da cartilagem interna. No essencial, era a mesma orelha. Claro que vi logo a enorme importância da observação. Era lógico que a vítima era um parente, provavelmente bem próximo. Comecei a conversar com ela sobre a família, e você se lembra de que ela nos deu

imediatamente detalhes excelentes e valiosos. Em primeiro lugar, o nome da irmã era Sarah, e o endereço era o mesmo até recentemente, e assim ficou claro como tinha ocorrido o engano e a quem se destinava o pacote. Ela falou, então, do comissário de bordo, casado com a terceira irmã, e soubemos que, em certa época, ele ficou tão íntimo da srta. Sarah que ela até acabou se mudando para Liverpool a fim de ficar perto dos Browners, mas uma briga os afastou mais tarde. Esta briga interrompeu as comunicações durante meses, de modo que, se Browner tivesse que endereçar um pacote à srta. Sarah, sem dúvida nenhuma usaria o antigo endereço. E agora o assunto começou a se esclarecer maravilhosamente. Sabíamos da existência de Browner, um homem impulsivo, de paixões fortes – lembre-se de que ele abandonou um emprego bem superior a fim de ficar mais perto da esposa; um homem também sujeito a bebedeiras ocasionais. Tínhamos motivo para supor que sua esposa fora assassinada e que um homem – possivelmente um homem do mar – também fora morto. Como motivo do crime surge-nos imediatamente o ciúme. Por que a srta. Sarah Cushing deveria receber as provas do crime? Provavelmente porque, durante sua estada em Liverpool, ela, de alguma forma, tinha participado dos acontecimentos que culminaram com a tragédia. Note que esta linha de navios aporta em Belfast, Dublin e Waterford; dessa forma, supondo-se que Browner tenha cometido o crime e embarcado em seguida no seu navio, o May Day, Belfast seria o primeiro lugar de onde ele poderia enviar sua terrível encomenda. Nesta altura, uma segunda solução seria possível, e embora a considere muito improvável, eu estava decidido a elucidá-la antes de seguir em frente. Um apaixonado frustrado poderia ter matado o sr. e sra. Browner, e a orelha masculina podia ser a do marido. Havia muitas objeções graves a esta teoria, mas era possível. Então mandei um telegrama ao meu amigo Algar, da polícia de Liverpool, e pedi-lhe para verificar se a sra. Browner estava em casa e se o marido tinha embarcado no May Day. Depois disso fomos para Wallington, visitar a srta. Sarah. Em primeiro lugar, eu estava curioso para ver até que ponto o tipo de orelha da família estava reproduzido nela. Além disso, é lógico, ela podia nos dar informações importantes, mas eu não estava muito convencido que ela iria fazê-lo. Ela deve ter ouvido falar no caso no dia anterior, já que toda Croydon falava do assunto, e ela mesma deve ter compreendido a quem se destinava o pacote. Se ela estivesse disposta a ajudar a polícia, já teria entrado em contato com as autoridades. Entretanto, era nosso dever visitá-la, e fomos.

Descobrimos que a notícia da chegada do pacote – já que a doença dela data desse dia – teve um impacto enorme sobre ela, até mesmo provocando uma febre cerebral. Estava mais do que claro que ela percebera o significado, mas também estava claro que nós teríamos de esperar algum tempo até recebermos alguma ajuda da parte dela. Em todo caso, não dependeríamos totalmente dela. Tínhamos respostas à nossa espera na delegacia, para onde pedi que Algar as enviasse. Nada podia ser mais conclusivo. A casa da sra. Browner estava fechada havia mais de três dias e os vizinhos achavam que ela viajara para o sul, para visitar parentes. Verificou-se nos escritórios da companhia que Browner partira a bordo do May Day e eu calculo que ele esteja no Tâmisa amanhã à noite. Quando ele chegar, o obtuso mas decidido Lestrade estará esperando por ele, e eu não tenho nenhuma dúvida de que completaremos todos os detalhes.

Sherlock Holmes não foi desapontado nas suas esperanças. Dois dias depois recebeu um envelope volumoso, com um bilhetinho do detetive e um relatório datilografado, que cobria várias páginas de papel almaço.

– Lestrade o apanhou – disse Holmes, olhando para mim. – Talvez lhe interesse ouvir o que ele diz.

Caro sr. Holmes:

De acordo com o plano que nós havíamos elaborado para comprovar nossas hipóteses (o “nós” aqui é bem interessante, não é?), fui para o Cais Albert, ontem, às seis horas, e entrei no S. S. May Day, pertencente à Liverpool, Dublin and London Steam Packet Company. Ao indagar, soube que havia a bordo um comissário com o nome de James Browner, e que durante toda a viagem ele agiu de uma forma tão estranha que o capitão se viu obrigado a dispensá-lo de suas funções. Desci à sua cabine e o encontrei sentado num caixote com a cabeça mergulhada nas mãos, balançando-se para a frente e para trás. É um sujeito grande e forte, rosto liso e pele bem morena, como Aldridge, aquele que nos ajudou no caso da lavanderia. Ele deu um pulo quando eu lhe falei de minha missão, e usei o apito para chamar dois policiais do cais, que estavam próximos, mas ele deu a impressão de estar completamente desalentado e estendeu tranqüilamente as mãos para as algemas. Nós o trouxemos para a delegacia, assim como o caixote, porque pensamos que talvez contivesse algo incriminador, mas a não ser um facão afiado, usado pela maioria dos marinheiros, não encontramos nada que nos

interessasse. Mas achamos que não precisamos de mais provas porque, ao ser levado até o inspetor, na delegacia, ele pediu para fazer uma declaração que, é claro, foi anotada exatamente como ele a fez pelo nosso taquígrafo. Fizemos três cópias datilografadas, uma das quais estou anexando. O caso é extremamente simples, como eu sempre achei, mas sou grato por ter me ajudado na minha investigação.

Com os melhores agradecimentos,

Atenciosamente,

G. Lestrade.

– Hum! A investigação foi realmente bem simples – comentou Holmes – mas eu acho que ele não tinha essa opinião quando nos chamou no início. Em todo caso, vamos ver o que Jim Browner tem a dizer. Esta é a sua declaração de modo como foi feita perante o inspetor Montgomery, na Delegacia de Polícia de Shadwell, e tem a vantagem de ser com as palavras do próprio criminoso.

"Se tenho alguma coisa a dizer? Sim, tenho muito a dizer. Tenho de limpar minha consciência. Podem me enforcar ou podem me deixar em paz. Não me importa o que vocês vão fazer comigo. Digo-lhes que não preguei os olhos desde que fiz aquilo e acho que não vou conseguir de novo. Algumas vezes é a cara dele, mas geralmente é a dela. Sempre uma ou outra está na minha frente. Ele me olha carrancudo, ameaçador, mas ela tem uma espécie de surpresa no rosto. Oh, coitadinha, ela devia estar surpresa quando viu a morte no rosto que só mostrava amor por ela. Mas a culpa foi de Sarah, e que a maldição de um condenado caia sobre ela e que o sangue lhe apodreça nas veias. Não é que eu queira me inocentar. Sei que voltei a beber como o animal que fui. Mas ela teria me perdoado; ela teria continuado ligada a mim, como sempre, se aquela mulher não tivesse enegrecido nosso lar. Porque Sarah Cushing me amava – esta é a raiz da história – e me amou até que todo o seu amor se transformou num ódio virulento quando viu que eu gostava mais das pegadas de minha mulher na lama do que do seu corpo e sua alma.

Eram três irmãs. A mais velha era uma boa mulher, a segunda, um demônio, e a terceira, um anjo. Sarah tinha 33 anos e Mary 29 quando eu me casei. Éramos muito felizes quando fomos morar juntos, e em toda Liverpool não havia ninguém melhor do que minha Mary. Então convidamos Sarah

para passar uma semana conosco, a semana se estendeu para um mês e, uma coisa levando a outra, ela finalmente ficou sendo uma de nós. Eu não bebia naquela época, e estávamos guardando dinheiro, e tudo estava indo muito bem. Meu Deus, quem poderia pensar que terminaria assim? Quem poderia sonhar com isso? Normalmente eu ficava em casa nos fins de semana e muitas vezes passava a semana toda, se acontecesse de o navio estar sendo carregado, de modo que via freqüentemente minha cunhada, Sarah. Ela era uma bela mulher, alta, morena, ativa e enérgica, porte solene e um brilho faiscante nos olhos. Mas quando minha pequena Mary estava comigo, eu nunca pensava em Sarah, e isso eu juro como espero a misericórdia de Deus. Às vezes parecia que ela gostava de ficar sozinha comigo, ou que gostava de me convidar para passear com ela, mas nunca dei importância a isso. Mas, uma noite, abri meus olhos. Eu havia chegado do navio e vi que minha mulher tinha saído, mas Sarah estava em casa.

– Onde está Mary? –, perguntei.

– Oh, ela saiu para pagar algumas contas. – Eu estava impaciente e fiquei andando de um lado para o outro na sala.

– Você não consegue ficar feliz durante cinco minutos sem Mary, Jim? –, ela perguntou.

– É pouco lisonjeiro para mim que você não se contente com a minha companhia por tão pouco tempo.

– Tudo bem, minha cara –, eu disse, estendendo gentilmente minhas mãos para ela, mas ela as segurou por uns segundos e suas mãos estavam queimando como se ela estivesse com febre.

Olhei-a nos olhos e vi tudo. Ela não precisava falar, nem eu. Fiquei sério na mesma hora e retirei minhas mãos. Então ela ficou em silêncio ao meu lado por um instante e depois, colocando a mão no meu ombro, disse: "Fique calmo, Jim", e saiu da sala com um riso de escárnio.

Bem, a partir daquela ocasião Sarah me odiou de todo o coração – e ela é uma mulher que sabe odiar também. Fui um tolo por ter deixado que ela continuasse conosco – um completo idiota – mas nunca disse uma palavra sequer a Mary, já que eu sabia que isso iria magoá-la. As coisas continuaram como antes, mas depois de algum tempo percebi uma certa mudança em Mary. Ela sempre fora confiante e inocente, mas tornou-se esquisita e desconfiada, querendo saber onde eu estivera e o que fizera, quem me mandava cartas, o que eu tinha nos bolsos, e centenas de coisinhas bobas. A

cada dia ela ficava mais estranha, mais irritável, e brigávamos por qualquer coisa. Fiquei intrigado com tudo isso. Sarah me evitava então, mas ela e Mary eram inseparáveis. Agora entendo que ela estava conspirando malevolamente e envenenando minha mulher contra mim, mas eu era tão cego que não percebi isso naquela época. Então quebrei minha promessa e comecei a beber de novo, mas eu acho que não teria recomeçado se Mary tivesse continuado a ser a mesma. Agora ela tinha motivo para ficar desgostosa comigo e a distância entre nós começou a ficar cada vez maior. E então esse Alec Fairbairn apareceu, e as coisas ficaram ainda piores. Foi para ver Sarah que ele começou a aparecer em minha casa, mas logo depois para nos ver, já que ele era um homem insinuante e fazia amigos com facilidade. Era um sujeito agradável, impetuoso, elegante e esperto, que já estivera em meio mundo e sabia contar coisas que já vira. Era uma companhia agradável, não nego, e maravilhosamente educado para ser um marinheiro, de modo que eu acho que muitas vezes ele viajou mais como passageiro do que como tripulante. Durante um mês ele ia todos os dias à minha casa e eu nunca suspeitei que pudesse surgir alguma maldade de suas maneiras suaves e educadas. Então, finalmente alguma coisa despertou minha suspeita, e daquele dia em diante minha paz acabou para sempre. Foi uma coisinha à-toa. Voltei repentinamente para casa e, quando entrei pela porta, notei um brilho de boas-vindas no rosto de minha mulher. Mas quando ela viu que era eu, o brilho sumiu e ela se afastou, com o desapontamento estampado no rosto. Foi o suficiente para mim. Não podiam ser de ninguém além de Alec Fairbairn os passos que ela confundiu com os meus. Se eu o visse naquele momento, tê-lo-ia matado, porque fico completamente louco quando perco a calma. Mary viu o brilho diabólico em meus olhos e correu na minha direção, colocando as mãos nos meus braços:

– Não, Jim, não! –, suplicou.

– Onde está Sarah? –, perguntei.

– Na cozinha.

– Sarah! –, gritei quando entrei na cozinha – não quero nunca mais que Fairbairn apareça aqui.

– Por que não? –, ela perguntou.

– Porque eu estou dando uma ordem.

– Oh, se meus amigos não servem para esta casa, então eu também não sirvo.

– Pode fazer o que quiser, mas se Fairbairn aparecer de novo por aqui, vou mandar para você uma orelha dele como lembrança.

Ela ficou amedrontada com meu olhar, eu acho, porque não disse uma palavra, e foi-se embora na mesma noite.

Bem, não sei se foi pura maldade dessa mulher ou se ela pensava que podia me colocar contra minha esposa, estimulando o mau comportamento dela. Seja lá como for, ela alugou uma casa a apenas duas ruas de distância e abriu uma pensão para marinheiros. Fairbairn costumava ficar lá, e Mary ia tomar chá com a irmã e Alec. Não sei quantas vezes ela esteve lá, mas um dia eu a segui, e quando entrei pela porta, Fairbairn fugiu pelo muro do jardim, como o gambá medroso que ele era. Jurei a minha mulher que eu a mataria se a encontrasse de novo na companhia dele, e a levei de volta comigo, soluçando e tremendo, branca feito cera. Não havia mais nenhum vestígio de amor entre nós. Eu podia perceber que ela me odiava e me temia, e só de pensar nisso comecei a beber mais ainda; e ela passou a me desprezar também. Bem, Sarah achou que não podia continuar morando em Liverpool, e voltou, eu acho, para morar com a outra irmã em Croydon; mas as coisas em minha casa continuaram aos trancos como sempre. Chegou, então, esta última semana, com toda a desgraça e ruína. Foi assim: tínhamos partido no May Day para uma viagem de ida e volta de sete dias, mas uma chapa do casco afrouxou e inundou a maquinaria; então tivemos de voltar ao porto para um reparo de 12 horas. Saí do navio e fui para casa, pensando na surpresa que seria para minha mulher e achando que talvez ela ficasse contente em me ver mais cedo. Pensava assim quando entrei na minha rua, e naquele momento vi um coche passando por mim, e lá dentro estava ela, sentada ao lado de Fairbairn, os dois conversando e rindo, sem perceberem que eu estava ali, vendo tudo da calçada. Vou lhes dizer, palavra de honra, que daquele momento em diante eu não estava mais senhor de mim mesmo e tudo me parece um sonho quando tento me lembrar. Eu estivera bebendo bastante e as duas coisas juntas viraram minha cabeça. Tem um negócio batendo na minha cabeça, como uma britadeira, mas naquela manhã parecia que as cataratas do Niágara estavam assobiando e zunindo em meus ouvidos. Saí correndo atrás do carro. Tinha um pesado bastão de carvalho nas mãos e lhes digo que estava furioso; mas, enquanto corria, fiquei esperto também, e me mantive um pouco afastado, para poder vê-los sem ser visto. Logo depois eles desceram na estação de trem. Havia muita gente na bilheteria, de modo que cheguei perto deles, sem

que me vissem. Compraram passagens para New Brighton. Eu também, mas fiquei uns três vagões mais atrás. Quando chegamos, eles desceram e se dirigiram para a praia, e eu estava sempre a uns 200 metros de distância. Finalmente os vi alugarem um bote e saírem remando, pois era um dia muito quente e certamente eles pensavam que na água seria mais refrescante. Era como se eles tivessem sido entregues nas minhas mãos. Havia uma espécie de neblina e não se conseguia ver mais do que algumas centenas de metros. Também aluguei um bote e parti atrás deles. Eu só conseguia ver uma mancha do bote deles, pois estavam seguindo tão depressa quanto eu e deviam estar mais ou menos a 1,5 quilômetro da praia, quando eu os alcancei. A neblina era uma espécie de cortina ao nosso redor, e lá estávamos nós três, no meio. Meu Deus, será que vou esquecer a expressão de seus rostos quando descobriram quem estava no barco que se aproximava do deles? Ela gritou. Ele praguejou como um louco e tentou me acertar com um remo, pois viu a morte no meu rosto. Eu me esquivei e o acertei com meu bastão; estourei a cabeça dele como um ovo. Eu podia tê-la poupado, talvez, embora estivesse alucinado, mas ela lançou os braços em volta dele, chorando e se lamentando, chamando-o de ‘Alec!’. Bati de novo e ela caiu ao lado dele. Eu era uma fera selvagem que tinha acabado de sentir o gosto de sangue. Se Sarah estivesse ali, ela se juntaria a eles, por Deus. Arranquei meu facão e... bem, já disse o suficiente. Senti uma espécie de alegria selvagem quando imaginei como Sarah se sentiria ao receber aqueles sinais como resultado de suas intrigas. Amarrei, então, os corpos no barco, quebrei uma tábua e fiquei ali até vê-los no fundo. Eu sabia muito bem que o dono do barco iria pensar que eles haviam se perdido na neblina e acabaram indo para o mar. Limpei-me, voltei à terra e embarquei no navio sem que ninguém desconfiasse do que ocorrera.

Naquela noite preparei o pacote para Sarah Cushing e no dia seguinte o enviei de Belfast. Aí está toda a verdade da história. Podem me enforcar, podem fazer o que quiserem comigo, porque não conseguirão me castigar mais do que já fui castigado. Não consigo fechar os olhos porque vejo aqueles dois rostos me encarando como quando viram meu bote surgir da neblina. Matei-os rapidamente, mas eles estão me matando devagar, e se eu passar mais uma noite assim, vou enlouquecer ou morrer antes de amanhecer. O senhor vai me colocar numa cela sozinho? Pelo amor de Deus, não faça isso, e que o senhor possa ser tratado no dia de sua agonia como me tratar agora.”

– O que significa isso, Watson? – perguntou Holmes em tom solene, quando terminou de ler o documento. – Para que serve este círculo de miséria, violência e medo? Tem de ter uma finalidade, ou então nosso mundo é governado pelo acaso, o que é impensável. Mas que finalidade? Eis aí o grande e eterno problema para o qual a razão humana está tão distante da solução como sempre.

O Círculo Vermelho

– Bem, senhora Warren, não vejo por que deva se preocupar, nem vejo por que eu deva gastar meu tempo valioso e interferir no caso. Eu realmente tenho outras coisas com que me ocupar.

Assim falou Sherlock Holmes, e voltou novamente sua atenção para o grande álbum de recortes, no qual estava colocando em ordem parte do seu material mais recente. Mas a senhoria tinha a persistência e a esperteza do sexo feminino. Manteve firmemente o ponto de vista.

– O senhor deu um jeito num caso para um de meus inquilinos no ano passado, o sr. Fairdale Hobbs...

– Ah, sim, um casinho simples.

– Mas ele não pára de falar nisso – a sua bondade, senhor, e o modo como esclareceu uma situação nebulosa. Eu me lembro das palavras dele quando eu mesma

estava envolvida em dúvidas e trevas. Eu sei que o senhor conseguiria, se quisesse.

Holmes era acessível por meio da lisonja, e também, justiça seja feita, pela amabilidade. As duas forças o fizeram deixar de lado o pincel de goma-arábica com um suspiro de resignação, e recostar-se na cadeira.

– Bem, bem, sra. Warren, vamos ouvir sua história, então. Não se incomoda se eu fumar? Obrigado. Watson, os fósforos. A senhora está preocupada, pelo que sei, porque seu novo inquilino fica trancado no quarto e não o vê. Ora, senhora Warren, se eu fosse seu inquilino, com freqüência deixaria de me ver durante semanas ou mais.

– Não duvido, senhor, mas aqui é diferente. Isto está me assustando, sr. Holmes. Não durmo de medo. Escuto os passos apressados dele, andando de um lado para o outro desde cedo até tarde da noite e não vê-lo um instante sequer... tudo isso é mais do que posso suportar. Meu marido também está nervoso com isso, como eu, mas ele está sempre fora de casa, trabalhando o dia todo, enquanto eu não tenho paz. Do que ele está se escondendo? O que foi que fez? Com exceção da menina, fico completamente sozinha em casa com ele, e isso é mais do que meus nervos podem agüentar.

Holmes inclinou-se para a frente e tocou, com seus dedos longos e finos, o ombro da mulher. Ele tinha um poder quase hipnótico de acalmar quando queria. A expressão de medo desapareceu do rosto dela e os gestos nervosos voltaram ao normal. Ela sentou-se na cadeira que ele indicou.

– Se eu for cuidar do caso, preciso conhecer todos os detalhes – disse. – Pense com calma. O menor detalhe pode ser essencial. A senhora diz que o homem chegou há dez dias e lhe pagou uma quinzena de casa e comida?

– Ele perguntou minhas condições. Eu disse 50 xelins por semana. Há uma salinha e um quarto mobiliados no andar superior da casa.

– E daí?

– Ele disse: "Vou lhe pagar 5 libras por semana se aceitar as minhas condições." Sou uma mulher pobre, senhor, e meu marido ganha pouco; o dinheiro significa muito para mim. Ele tirou uma nota de 10 libras e ficou a mostrá-la para mim. "Pode receber a mesma quantia durante 15 dias, por muito tempo, se mantiver as condições", ele disse. "Se não, nada tenho a tratar com a senhora."

– Quais eram as condições?

– Bem, senhor, ele queria ter uma chave da casa. Até aí, tudo bem. Inquilinos sempre a têm. Ele também deveria ser deixado inteiramente só e nunca, sob nenhum pretexto, ser perturbado.

– Nada de mais nisso, não?

– Parece, senhor, mas isso está fora de qualquer lógica. Faz dez dias que ele está lá e nem meu marido, nem a menina, ninguém pôs os olhos nele desde então. Escutamos os passos dele, andando de um lado para o outro, de noite, de manhã, de tarde. Com exceção da primeira noite, ele nunca mais saiu de casa.

– Oh, então ele saiu na primeira noite, certo?

– Sim, senhor, e voltou bem mais tarde, depois que todos nós já estávamos deitados. Ele me havia dito, depois que alugou o quarto, que iria agir assim e me pediu para não trancar a porta. Eu ouvi quando ele subiu a escada depois da meia-noite.

– E as refeições?

– Foi recomendação especial dele que nós devíamos, sempre que ele tocasse a campainha, deixar o prato sobre uma cadeira, do lado de fora da porta. Ele tocaria de novo quando tivesse terminado, e nós pegaríamos o prato na mesma cadeira. Quando ele quer alguma outra coisa, escreve em

letra de fôrma num pedaço de papel e deixa ali.

– Letra de fôrma?

– Sim, com um lápis, em letra de fôrma, apenas a palavra e nada mais. Aqui está uma que trouxe para lhe mostrar. “SABONETE”. Eis outra: “FÓSFORO”. Esta ele deixou na primeira manhã “DAILY GAZETTE”. Deixo-lhe o jornal, junto com o café, toda manhã.

– Ora, Watson – disse Holmes, olhando com grande curiosidade para as tiras de papel que a mulher lhe entregara – isto é realmente estranho. Posso entender a reclusão, mas por que escrever com letra de fôrma? Escrever assim é mais trabalhoso. Por que não escrever normalmente? O que significa isso, Watson?

– Que não quer mostrar a caligrafia.

– E por quê? Por que a senhoria não deve ver sua letra? Pode ser como você disse, mas então, por que pedidos tão lacônicos?

– Não consigo imaginar.

– Isto abre um campo interessante para uma investigação inteligente. As palavras são escritas com um lápis de ponta grossa, bem comum. Note que o papel foi rasgado aqui deste lado, depois que escreveu, de forma que o “S” do “SABONETE” quase foi arrancado. Bem sugestivo, não, Watson?

– Precaução?

– Exatamente. É claro que havia alguma marca, impressão do polegar, algo que pudesse dar uma indicação da identidade da pessoa. A senhora diz que o homem era de estatura mediana, moreno, de barba. Quantos anos teria?

– Jovem, não mais de 30.

– Bem, pode me dar mais algumas informações?

– Falava um inglês correto, embora eu ache que seja estrangeiro, pelo sotaque.

– Estava bem-vestido?

– Muito bem-vestido, um cavalheiro. Roupas escuras, nada que desse na vista.

– Deu algum nome?

– Não, senhor.

– Recebeu cartas ou visitas?

– Nada.

– Com certeza a senhora ou a menina entram no quarto de manhã.

– Não. Ele mesmo cuida do quarto.

– Ora, ora! Isto é realmente notável. E a bagagem dele?

– Trazia uma mala marrom grande, nada mais.

– Parece que não temos muito material para nos ajudar. A senhora diz que nada saiu do quarto – absolutamente nada?

A mulher tirou um envelope da bolsa. Do envelope tirou dois palitos de fósforo queimados e uma ponta de cigarro, colocando tudo sobre a mesa.

– Estavam na bandeja dele, hoje cedo. Eu os trouxe porque soube que o senhor tira grandes conclusões de coisas pequenas.

Holmes encolheu os ombros.

– Não há nada aqui – ele disse. – Os fósforos, é claro, foram usados para acender cigarro. Isto está claro pelo pedaço queimado. Gasta-se a metade do palito ao se acender um cachimbo ou charuto. Mas... caramba! Esta guimba de cigarro é realmente interessante. O cavalheiro tinha barba e bigode, não?

– Sim, senhor.

– Não estou entendendo isso. Eu diria que só pode ter sido fumado por alguém sem barba. Isso porque, Watson, até mesmo seu modesto bigode ficaria chamuscado.

– Uma piteira? – eu sugeri.

– Não, não. A extremidade não mostra isso. Não poderia haver duas pessoas no quarto, sra. Warren?

– Não, senhor. Ele come tão pouco que nem imagino como consegue se manter vivo.

– Bem, acho que devemos aguardar mais algum material. Afinal de contas, a senhora não tem nada a reclamar. Recebeu o aluguel e ele não é um inquilino problemático, embora seja fora do comum. Ele lhe paga bem e, se prefere viver trancado, não é da sua conta. Não temos desculpa para nos intrometermos na sua privacidade, até termos algum motivo para achar que há algo suspeito. Aceitei o caso e vou ficar atento. Conte-me qualquer novidade e confie na minha ajuda, se for necessária.

– Certamente há alguns detalhes interessantes neste caso, Watson – disse Holmes depois que a mulher saiu. – Pode muito bem tratar-se de uma coisa banal – excentricidade mesmo, ou então pode ser algo mais profundo do que aparenta na superfície. A primeira coisa que chama a atenção é a possibilidade de que a pessoa que está agora no quarto seja completamente diferente do homem que o alugou.

– Por que acha isso?

– Bem, além do toco de cigarro, não foi sugestivo o fato de que a única vez que o inquilino saiu foi logo depois que alugou o quarto? Ele voltou – ou alguém voltou – quando qualquer testemunha possível estava fora do caminho. Não temos nenhuma prova de que a pessoa que voltou seja a mesma que saiu. Além do mais, o homem que alugou os aposentos falava bem o inglês. Esta outra, no entanto, escreve "FÓSFORO", quando o correto é "FÓSFOROS". Eu acho que a palavra foi tirada de um dicionário, que daria o substantivo e não o plural. O estilo lacônico talvez disfarce a falta de conhecimento do inglês. Sim, Watson, há fortes motivos para supor que tenha havido uma troca de inquilinos.

– Mas com que objetivo?

– Ah, aí é que está nosso problema. Há uma linha bastante clara de investigação.

Ele apanhou o livro volumoso em que, dia após dia, arquivava os avisos de desaparecidos nos vários jornais londrinos.

– Puxa vida – disse, folheando as páginas –, que coro de gemidos, choros e lamentações! Que punhado de acontecimentos estranhos. Mas, com toda certeza, é um campo valiosíssimo para quem se dedica ao estudo do incomum! O nosso inquilino está sozinho e não pode ser abordado por carta sem a quebra do absoluto segredo desejado. Como as notícias ou mensagens chegam até ele? Claro que através de anúncios em um jornal. Parece não haver outra forma e, felizmente, temos de nos ocupar apenas com um jornal. Aqui estão os recortes do Daily Gazette dos últimos 15 dias. "Senhora com um boá preto no Prince's Skating Club...", podemos ir em frente. "Com toda a certeza, Jimmy não vai querer magoar o coração de sua mãe" isto parece não ter importância para nós. "Se a senhora que desmaiou no ônibus de Brixton...", ela não me interessa. "Todo dia meu coração anseia", lamentações infindáveis! Ah, isto já é possível. Ouça: "Tenha paciência. Vamos encontrar algum meio de comunicação seguro. Nesse meio-tempo, esta coluna. G." Isto foi dois dias depois da chegada do inquilino da sra. Warren. Parece plausível, não? O inquilino misterioso pode entender inglês, mesmo que não saiba escrevê-lo. Vamos ver se conseguimos pegar a pista de novo. Sim... sim... aqui está, três dias depois: "Estou tomando providências com êxito. Paciência e prudência. As nuvens hão de passar. G." Depois disso, uma semana de silêncio. E agora vem algo mais definido: "O caminho está ficando limpo. Se eu achar meio de me comunicar com sinais, lembre-se do

código combinado: 1, A; 2, B, e assim por diante. Você logo terá notícias. G.” Isto foi no jornal de ontem,

e hoje não há nada. Tudo se encaixa muito bem no inquilino da sra. Warren. Se esperarmos um pouco, Watson, tenho certeza de que o caso vai ficar ainda mais compreensível.

E assim foi, pois logo de manhã encontrei meu amigo de pé, com as costas voltadas para a lareira e um sorriso de total satisfação nos lábios.

– Que tal isto aqui, Watson? – perguntou, pegando o jornal na mesa. – “Casa vermelha alta com fachada de pedra branca. Terceiro andar. Segunda janela à esquerda. Depois do anoitecer. G.” Isto basta. Acho que, depois do café-da-manhã, devemos fazer um pequeno reconhecimento da vizinhança da sra. Warren. Ah, sra. Warren, que novidades nos traz esta manhã?

Nossa cliente tinha irrompido na sala com tamanho ímpeto que demonstrava que acontecera algo importante.

– É um caso de polícia, sr. Holmes! – berrou ela. – Não quero mais saber disso! Ele tem de sair de lá com a bagagem! Eu ia subir e falar com ele, só que resolvi ouvir primeiro seu conselho. Mas minha paciência está no fim, e quando acontece de baterem no meu marido por causa disso...

– Bateram no seu marido?

– De qualquer forma foi maltratado.

– Mas quem fez isso?

– Ah, isso é o que queremos saber! Foi hoje de manhã, senhor. Meu marido é o controlador do livro de ponto da firma Morton e Waylight’s, em Tottenham Court Road. Ele sai de casa antes das sete horas. Bem, hoje cedo ele ainda não tinha dado dez passos quando dois homens se aproximaram por trás, jogaram um paletó em sua cabeça e o meteram num carro encostado ao meio-fio. Andaram com ele durante uma hora e depois abriram a porta e o jogaram para fora. Ele ficou tão tonto na estrada que nem viu o que aconteceu com o carro. Quando se levantou, viu que estava em Hampstead Heat; tomou um ônibus de volta para casa e está lá, deitado no sofá, enquanto eu vim diretamente lhe contar o que aconteceu.

– Muito interessante – disse Holmes. – Ele notou a aparência dos homens, ouviu-os conversar?

– Não, ele está completamente tonto. Só sabe que foi levantado e atirado como num passe de mágica. Havia pelo menos dois homens, ou talvez três.

– E a senhora relaciona este ataque com seu inquilino?

– Ora, há 15 anos moramos ali e nunca aconteceu uma coisa assim antes. Não quero mais saber dele! Dinheiro não é tudo! Vou fazê-lo sair de minha casa antes de o dia terminar.

– Espere um pouco, sra. Warren. Não faça as coisas de modo precipitado. Começo a achar que este caso é muito mais importante do que pareceu à primeira vista. Está claro agora que algum perigo está ameaçando seu inquilino. Também está claro que os inimigos dele, esperando-o perto de sua casa, pegaram seu marido por engano, na manhã cheia de neblina. Quando perceberam o engano, eles o soltaram. Podemos apenas supor o que fariam se não tivesse sido um engano.

– Bem, o que devo fazer, sr. Holmes?

– Gostaria imensamente de ver seu inquilino, sra. Warren.

– Não sei como se pode conseguir isso, a não ser que o senhor arrombe a porta. Eu sempre o escuto destrancando-a quando desço, depois de deixar a bandeja para ele.

– Ele tem de pegá-la. Com toda a certeza podemos nos esconder e vê-lo.

A mulher pensou por um momento.

– Bem, senhor, há um quarto em frente. Eu posso arrumar um espelho, talvez, e o senhor fica atrás da porta...

– Excelente! Quando ele almoça?

– Ali pelas 13 horas.

– Eu e o dr. Watson estaremos lá, então. Até mais tarde, sra. Warren.

Às 12:30h nós nos achávamos nos degraus da casa da sra. Warren, uma casa alta, de tijolos amarelos, em Great Orme Street, uma ruazinha estreita a noroeste do Museu Britânico. Como fica perto da esquina, tem uma vista da Howe Street, com casas mais elegantes. Com um risinho de satisfação, Holmes apontou para uma das casas, que se destacava das outras.

– Veja, Watson: “Casa vermelha alta com fachada de pedra branca.” É o lugar para os sinais, sem dúvida. Sabemos o lugar e conhecemos o código; de modo que nossa tarefa será simples. Há um cartaz de “Aluga-se” na janela. Evidentemente é um apartamento vazio, ao qual o cúmplice tem acesso. Muito bem, sra. Warren, e agora?

– Está tudo preparado para os senhores. Se subirem agora e deixarem os sapatos aqui, eu os instalarei lá.

Ela arranjara um excelente esconderijo. O espelho fora colocado de tal forma que, sentados no escuro, podíamos ver toda a porta em frente. Mal

tínhamos nos instalado, depois que a mulher saiu, quando ouvimos uma campainha tocando, o que significava que o misterioso hóspede tinha chamado. Naquele momento a senhoria apareceu com a bandeja, colocou-a sobre a cadeira, perto da porta fechada e foi-se embora, pisando forte. Espremidos no ângulo da porta, ficamos olhando para o espelho. De repente, depois que os passos da mulher desapareceram, ouvimos uma chave rangendo na porta, a maçaneta se mexeu e duas mãos finas apareceram e pegaram o prato da cadeira. Mas logo em seguida as mesmas mãos largaram o prato na cadeira e eu vi, rapidamente, um rosto bonito, moreno e aterrorizado olhando para a estreita abertura da nossa porta. Ele bateu a porta rapidamente, trancou-a e tudo ficou em silêncio. Holmes puxou-me pela manga e descemos silenciosamente a escada.

– Voltarei à noite – ele disse à mulher ansiosa. – Acho que nós podemos analisar melhor o caso em nossos aposentos, Watson.

– Minha suposição, como você viu, estava correta – disse Holmes, sentado em sua poltrona. Houve uma substituição de inquilinos. O que não previ, Watson, era que encontraríamos uma mulher, e não se trata de uma mulher comum.

– Ela nos viu.

– Bem, ela viu algo que a assustou. Isto é evidente. A seqüência geral dos acontecimentos está bastante clara, não? Um casal procura refúgio em Londres por causa de um perigo terrível e iminente. O tamanho desse perigo pode ser medido pelo rigor das precauções. O homem, que tem um trabalho qualquer a fazer, precisa deixar a mulher em absoluta segurança enquanto ele age. Não é um problema fácil, mas ele resolveu de forma original e de maneira tão eficaz que nem a dona da pensão, que lhe leva as refeições, sabe de sua presença. Os bilhetes, em letra de fôrma, são uma maneira de evitar que descobrissem o sexo dela pela caligrafia. O homem não pode aproximar-se da mulher; do contrário levará até ela os inimigos. Como não pode comunicar-se diretamente com ela, recorreu à seção de anúncios de um jornal. Até aqui, está tudo muito claro.

– Mas qual o motivo disso tudo?

– Ah, sim, Watson, extremamente prático, como sempre! Qual o motivo disso tudo? O extravagante problema da senhora Warren aumenta um pouco e assume um aspecto ainda mais sinistro quando continuamos. Até aqui podemos dizer o seguinte: esta não é uma fuga comum de amor. Você viu o

rosto da mulher ao sinal de perigo. Ficamos sabendo, também, que o ataque ao marido da sra. Warren sem dúvida nenhuma era dirigido ao inquilino. Estes alarmes e a desesperada necessidade de segredo, tudo indica ser um caso de vida ou morte. O ataque ao sr. Warren mostra ainda que o inimigo, quem quer que seja, também não está a par da substituição do inquilino. Muito interessante e complexo, Watson.

– Por que você continua? O que tem a ganhar com isso?

– Sim, o quê? É pelo amor à arte, Watson. Acho que você, quando se formou em medicina, muitas vezes cuidou de doenças sem pensar em pagamento, não?

– Enriquecimento de meus conhecimentos, Holmes.

– Essa formação não acaba nunca, Watson. É uma seqüência de lições, a seguinte ainda mais interessante. Aqui nós temos um caso instrutivo. Não há nem dinheiro nem mérito nele, mas mesmo assim a gente quer esclarecê-lo. Quando anoitecer, estaremos num estágio mais avançado de nossas investigações.

Ao voltarmos à casa da sra. Warren, a tristeza da noite de inverno de Londres se transformara numa espessa neblina cinza, envolvendo tudo na monotonia de sua cor, quebrada somente pelos retângulos amarelos e vivos das janelas iluminadas. Olhando pela janela, já dentro da casa, vimos uma luz mais tênue brilhando no alto, na escuridão da noite.

– Alguém está andando no quarto – sussurrou Holmes, com o rosto atento e magro encostado na vidraça. Sim, estou vendo a sombra dele. Lá está ele de novo! Tem uma vela na mão. Está olhando para fora, agora. Quer ter a certeza de que ela está atenta. Começou a sinalizar agora. Pegue a mensagem você também, Watson, e poderemos conferir um com o outro. Apenas um sinal... isso é a letra A, com toda a certeza. Olha lá, de novo. Quantos você contou? 20. Eu também. Isso deve ser um T. Significa AT. Bastante compreensível. Outro T. Certamente é o começo da segunda palavra. Agora... TENTA. Ponto. Será que é tudo, Watson? ATTENTA não significa nada, nem se dividíssimos em três palavras – AT TEN TA, a menos que TA sejam iniciais de um nome. Lá está ele de novo! O que é isso? ATTE... ora, é a mesma palavra de novo. Curioso, Watson, muito curioso! Recomeçou! AT... ora, repetindo pela terceira vez! ATTENTA três vezes. Quantas vezes vai repetir? Não, parece que terminou. Ele saiu da janela. O que você acha, Watson?

– Uma mensagem em código, Holmes.

De repente meu companheiro soltou uma risada de compreensão.

– E não é um código difícil, Watson. Claro, é em italiano. O A significa que é dirigido a uma mulher. “Cuidado”, “Cuidado”, “Cuidado”. E então, Watson?

– Acho que você acertou.

– Sem dúvida. Uma mensagem muito urgente, repetida três vezes para enfatizar isso. Mas, cuidado com o quê? Espere um pouco, ele está voltando à janela.

Vimos de novo a silhueta do homem agachado e o movimento da pequena luz pela janela, quando recomeçou com os sinais. Foram mais rápidos do que antes, tão rápidos que era difícil acompanhá-los.

– PERICOLO... pericolo... hein? o que é, Watson? Perigo, não? Sim, por Deus, é um sinal de perigo. Lá vai de novo. Peri... ora, que diabo...

A luz sumiu de repente, a figura desapareceu da janela e o terceiro andar formava um quadro escuro, no alto do prédio, em comparação com as vidraças iluminadas. O último sinal de aviso fora cortado de repente. Como e por quem? O mesmo pensamento ocorreu a nós dois.

Holmes levantou-se de um pulo do lugar onde estava agachado, perto da janela.

– Isto é grave, Watson – ele exclamou. – Há alguma crueldade acontecendo por lá. Por que essa mensagem pararia assim? Tenho que pôr a Scotland Yard neste caso... e mesmo assim, é muito urgente para que o abandonemos...

– Devo chamar a polícia?

– Precisamos definir um pouco melhor a situação. Pode ter uma interpretação mais inocente. Vamos, Watson, vamos agir e ver o que podemos fazer.

Enquanto seguíamos rapidamente pela Howe Street, olhei para a casa de onde acabáramos de sair. E lá, destacada na janela superior, pude ver a sombra de uma cabeça, cabeça de mulher, perscrutando, tensa e rígida, a noite lá fora, esperando com ansiedade o reinício da mensagem interrompida.

Um homem, agasalhado com um cachecol e um sobretudo, estava encostado à porta do prédio de apartamentos.

– Holmes! – ele exclamou assim que aparecemos.

– Ora, Gregson! – respondeu meu amigo, apertando a mão do detetive da

Scotland Yard. – Os amantes sempre se encontram no fim da viagem. O que faz aqui?

– Espero que sejam os mesmos motivos que o trazem – disse Gregson. – Não imagino como você entrou neste caso.

– Fios diferentes, mas que levam à mesma meada. Estive observando os sinais.

– Sinais?

– Sim, daquela janela. Foram interrompidos. Viemos ver o motivo. Mas já que o caso está em suas mãos, eu não vejo motivo para continuar.

– Espere um pouco! – exclamou Gregson, ansioso. – Vou ser honesto com o senhor, pois nunca estive num caso em que não me sentisse mais seguro tendo-o ao meu lado. Existe apenas uma saída destes apartamentos, portanto nós o pegamos.

– Quem é ele?

– Bem, bem, passamos na sua frente pelo menos uma vez, sr. Holmes. Deve considerar-nos melhor, desta feita.

Dizendo isso, bateu firme com a bengala no chão, e no mesmo instante um cocheiro saltou da carruagem estacionada do outro lado da rua, com um chicote na mão, e aproximou-se de nós.

– Deixe-me apresentá-lo ao sr. Sherlock Holmes – disse Gregson ao cocheiro. – Este é o sr. Leverton, da Agência Americana Pinkerton.

– O herói do mistério da caverna de Long Island? – perguntou Holmes – Prazer em conhecê-lo, senhor.

O americano, um jovem tranqüilo, com ar eficiente, rosto comprido e bem barbeado, ficou vermelho com o elogio.

– Estou no maior caso de minha vida agora, sr. Holmes. Se eu puder pegar Gorgiano...

– O quê? Gorgiano do Círculo Vermelho?

– Oh, então ele já tem fama na Europa, não? Bem, sabemos tudo a respeito dele na América. Sabemos que está metido em cinqüenta assassinatos, e mesmo assim ainda não temos nada concreto para pegá-lo. Estou na pista dele desde Nova York e faz uma semana que estou de olho nele aqui em Londres, esperando uma desculpa para pôr as mãos nele. O sr. Gregson e eu o seguimos até aqui e, como só há uma porta, ele não conseguirá escapar. Três pessoas já saíram dali desde que ele entrou, mas tenho certeza de que ele não era nenhuma delas.

– O sr. Holmes falou a respeito de sinais – disse Gregson. – Espero que ele saiba, como sempre, muitas coisas que ignoramos.

Holmes explicou, em poucas palavras, como nós víamos a situação. O americano bateu as mãos, desapontado.

– Ele está sabendo de nós! – exclamou.

– Por que diz isso?

– Bem, dá essa impressão, não? Ele está lá, enviando mensagens a um cúmplice – e há vários de sua quadrilha em Londres. Então, de repente, como diz, quando ele estava avisando que havia perigo, a mensagem foi interrompida. O que significa isso a não ser que ele nos viu na rua, da janela onde estava, ou então percebeu de algum modo que o perigo estava perto e que devia agir rapidamente para evitá-lo? O que o senhor sugere, sr. Holmes?

– Vamos subir imediatamente e ver o que aconteceu.

– Mas não temos um mandado de prisão contra ele.

– Ele está num apartamento vazio, em circunstâncias suspeitas – disse Gregson. – Por ora, isso nos basta. Depois que o pegarmos, vamos ver se Nova York não pode nos ajudar a mantê-lo preso. Eu assumo a responsabilidade por sua prisão agora.

Nossos policiais podem não primar pela inteligência, mas sempre são corajosos. Gregson subiu as escadas para prender o assassino temível com a mesma calma fria e profissional com que teria subido as escadas da Scotland Yard. O detetive da Pinkerton tentou ir na frente, mas Gregson o manteve firmemente atrás, usando o cotovelo. Os perigos de Londres eram privilégio da polícia londrina.

A porta do apartamento da esquerda, no terceiro andar, estava meio aberta. Gregson a escancarou. Dentro, tudo era silêncio e escuridão. Risquei um fósforo e acendi o lampião do detetive. Quando a chama firmou-se, todos nós soltamos uma exclamação de surpresa. No chão havia uma marca recente de sangue. As pegadas vermelhas apontavam na nossa direção e conduziam a um outro quarto, cuja porta estava fechada. Gregson a arrombou e ergueu o lampião para iluminar bem o ambiente, enquanto nós espiávamos ansiosos por cima dos seus ombros.

No chão, no meio do quarto vazio, estava a forma encolhida de um homem enorme, rosto barbeado e moreno, horrivelmente grotesco em sua contorção, a cabeça cercada por um halo sinistro de sangue, em meio a uma poça no chão branco.

Estava com os joelhos encolhidos, as mãos abertas em agonia e, no meio de sua garganta, larga e morena, projetava-se o cabo de um punhal enterrado na carne. Grande como era, o homem deve ter caído como um touro abatido com um golpe terrível. Ao lado de sua mão direita estava uma adaga de dois gumes, cabo de chifre, e perto dela uma luva de pelica preta.

– Meu Deus, é Gorgiano, o Negro! – exclamou o detetive americano. – Alguém o pegou antes de nós.

– Aqui está a vela na janela, sr. Holmes – disse Gregson. – Mas o que está fazendo?

Holmes tinha se adiantado, acendera a vela e a estava passando de um lado a outro da janela. Depois espiou para fora, soprou a vela e a jogou no chão.

– Creio que vai nos ajudar – ele disse.

Aproximou-se e ficou pensativo, enquanto os dois profissionais examinavam o corpo.

– O senhor disse que três pessoas saíram do prédio enquanto estava lá embaixo – disse, finalmente. – O senhor as observou de perto?

– Sim, sim.

– Havia um sujeito de uns 30 anos, barba preta, estatura mediana?

– Sim, foi o último a passar por mim.

– Esse é o seu homem, eu acho. Posso dar-lhe sua descrição e, além do mais, temos uma excelente impressão de suas pegadas. Isso deve ser o suficiente para o senhor.

– Nem tanto, sr. Holmes, entre as milhões de pessoas em Londres.

– Talvez não. Por isso achei melhor chamar esta senhora para ajudá-lo.

Ouvindo estas palavras, nós nos viramos. Uma mulher, bonita e alta, estava à porta – a misteriosa inquilina de Bloomsbury. Ela avançou devagar, o rosto pálido e apreensivo, os olhos fixos na figura negra no chão.

– Vocês o mataram! – murmurou. – Oh, Dio mio, vocês o mataram!...

Então, ela deu um suspiro profundo e saiu pulando com um grito de alegria. Dançou em volta do quarto, batendo as mãos, os olhos escuros brilhando de contentamento, e uma torrente de exclamações em italiano jorrando dos seus lábios. Era terrível e ao mesmo tempo espantoso ver a mulher tão alegre com uma visão daquelas. Ela parou de repente e olhou para nós com um ar interrogativo.

– Mas, vocês... são policiais, não? Vocês mataram Giuseppe Gorgiano, não foi?

– Somos da polícia, madame.

Ela olhou em volta, para os cantos escuros do quarto.

– Mas, então... onde está Gennaro? – perguntou. – É meu marido, Gennaro Lucca. Eu me chamo Emília Lucca, e viemos de Nova York. Onde está Gennaro? Há pouco ele me chamou desta janela e eu vim o mais depressa que pude.

– Eu a chamei – disse Sherlock.

– O senhor? Como?

– Seu código não era difícil, senhora. Desejávamos sua presença aqui, e eu sabia que bastava enviar o sinal de "Vieni" e a senhora apareceria com toda a certeza.

A bela italiana olhou com espanto para o meu amigo.

– Não entendo como o senhor sabe essas coisas – disse ela. – Giuseppe Gorgiano, como foi que ele...

Ela parou, e então seu rosto se iluminou de alegria e orgulho.

– Agora estou entendendo! Meu Gennaro! Meu belo e esplêndido Gennaro, que me protegeu de todo o mal – ele fez isso, com sua própria mão forte ele matou o monstro! Oh, Gennaro, maravilhoso Gennaro! Que mulher pode ser digna de um homem assim?

– Bem, senhora Lucca – disse o prosaico Gregson, pondo a mão na manga da mulher tão friamente como se ela fosse uma desocupada de Notting Hill – ainda não sei o que a senhora é nem quem é, mas já disse o suficiente para que a levemos até a Scotland Yard.

– Um momento, Gregson – disse Holmes. – Eu acho que esta senhora deve estar tão ansiosa para nos dar informações quanto nós para ouvi-las. A senhora sabe, madame, que seu marido será preso e julgado pelo assassinato deste homem aqui? O que disser pode ser usado contra vocês. Mas se acha que seu marido agiu por motivos que não são criminosos, e que ele quer que saibamos, então o melhor que a senhora pode fazer para ajudá-lo será contar-nos a história.

– Agora que Gorgiano está morto, nada mais nos assusta – ela disse. – Ele era um demônio e um monstro, e não existe um juiz em todo o mundo que puniria meu marido por tê-lo matado.

– Neste caso – disse Holmes – sugiro que fechemos esta porta, deixemos tudo do modo como encontramos, e vamos até o quarto desta mulher a fim de tirarmos nossa conclusão depois de ouvirmos tudo o que ela tem a nos dizer.

Meia hora depois nós estávamos sentados na apertada sala da signora Lucca, ouvindo a extraordinária narrativa dos acontecimentos sinistros, cujo final nós testemunhamos por acaso. Falava um inglês rápido e fluente, mas não muito correto, e que, em nome da clareza, eu vou corrigir.

– Nasci em Posilippo, perto de Nápoles – disse ela – e meu pai chamava-se Augusto Barelli, decano dos advogados e, nessa ocasião, deputado daquela região. Gennaro era empregado de meu pai e eu me apaixonei por ele, como se apaixonaria qualquer outra mulher. Ele não tinha dinheiro nem posição – nada, a não ser beleza, força e energia – de modo que meu pai se opôs ao nosso casamento. Fugimos, casamo-nos em Bari e eu vendi minhas jóias para arranjar o dinheiro que nos levaria para os Estados Unidos. Isto aconteceu há quatro anos, e desde então sempre vivemos em Nova York.

– No início tivemos muita sorte. Uma vez Gennaro prestou um favor a um senhor italiano – ele o livrou de alguns malfeitores num lugar chamado Bowery, conseguindo, assim, um amigo poderoso. Esse senhor era Tito Castalotte, sócio majoritário da grande firma Castalotte e Zamba, principais importadores de frutas de Nova York. O signor Zamba é paralítico, e nosso novo amigo, Castalotte, tinha amplos poderes na firma, que empregava mais de trezentas pessoas. Levou meu marido para trabalhar com ele, fez dele chefe de um departamento e mostrou-lhe sua boa vontade em todos os sentidos. O signor Castalotte era um solteirão e eu acho que considerava Gennaro seu próprio filho, e nós, eu e meu marido, gostávamos dele como se fosse nosso pai. Havíamos alugado e mobiliado uma casinha no Brooklyn e nosso futuro parecia garantido quando apareceu aquela nuvem negra que, em breve, iria escurecer nosso céu.

– Uma noite, ao voltar do trabalho, Gennaro trouxe um compatriota com ele. Chamava-se Gorgiano e também viera de Posilippo. Era um homem enorme, como vocês mesmos viram pelo cadáver. Ele era enorme não apenas no tamanho, mas tudo nele era grotesco, gigantesco, aterrorizante. A voz parecia um trovão dentro de nossa casa pequena. Mal havia espaço para seus braços e gestos enormes quando falava. Tudo nele era exagerado e monstruoso, suas idéias, emoções e paixões. Ele falava, ou melhor, rugia, com tamanha energia que as outras pessoas só conseguiam ficar sentadas ouvindo, amedrontadas diante daquela poderosa torrente de palavras. Os olhos fixavam-se como fogo numa pessoa e a dominavam. Era um homem terrível e extraordinário ao mesmo tempo. Graças a Deus, está morto! Ele

voltou muitas vezes à nossa casa. Mas eu percebia que Gennaro ficava infeliz na presença dele, assim como eu. Meu pobre marido ficava sentado, pálido e quieto, ouvindo infindáveis discursos sobre questões políticas e sociais, o prato favorito de nosso visitante. Gennaro não dizia nada, mas eu, que o conhecia bem, via angústia em seu rosto, coisa que nunca vira antes. No início achei que se tratava de aversão. Mas, pouco a pouco, compreendi que era algo mais do que isso. Era medo – um medo profundo, secreto, imenso. Naquela noite – na noite em que percebi o medo dele – eu o abracei e implorei, pelo amor que tinha por mim e por tudo o que lhe era caro, que não me escondesse nada e me dissesse por que razão aquele homem imenso tinha tanto domínio sobre ele. Gennaro me contou e meu coração ficou gelado enquanto eu ouvia. Meu pobre Gennaro, na sua juventude livre e ousada, quando o mundo inteiro parecia estar contra ele, e quase enlouqueceu por causa das injustiças da vida, ele se filiara a uma sociedade napolitana, o Círculo Vermelho, aliada dos antigos Carbonários. Os juramentos e segredos dessa irmandade eram terríveis, mas, depois de entrar, não era mais possível escapar. Quando nós fugimos para a América, Gennaro pensou que tinha se livrado dela para sempre. Imagine o seu horror, certa noite, ao encontrar-se na rua com o homem que o iniciara em Nápoles, o gigante Gorgiano, um homem que recebera o apelido de “Morte”, no sul da Itália, porque tinha tantas mortes nas costas! Ele fora para Nova York fugindo da polícia italiana, e já havia instalado uma filial da terrível sociedade no novo país. Gennaro contou-me tudo isso e mostrou-me uma carta, que recebera naquele dia, com um círculo vermelho desenhado no alto, informando que haveria uma reunião num determinado dia e que a presença dele não era apenas solicitada, mas exigida mesmo.

Isso já era bastante ruim, mas o pior ainda estava por vir. Eu tinha notado que, quando Gorgiano vinha à nossa casa, o que ele fazia com freqüência, à noite, conversava muito comigo; e mesmo quando suas palavras eram dirigidas a Gennaro, seus olhos terríveis, brilhantes e selvagens estavam sempre fixos em mim.

Uma noite, ele se revelou. Eu havia despertado nele aquilo que ele chamava de “amor” – amor de um selvagem, de um bruto. Gennaro ainda não tinha chegado quando ele entrou. Avançou e me enlaçou nos braços fortes, apertou-me como um urso, me cobriu de beijos e me implorou para ir com ele. Eu estava lutando e gritando quando Gennaro entrou e o atacou.

Gorgiano o deixou sem sentidos

e fugiu dali, e nunca mais voltou. Naquela noite havíamos feito um inimigo mortal.

Alguns dias depois houve a reunião. Gennaro voltou com uma expressão que me dizia que algo terrível tinha acontecido. Era pior do que podíamos imaginar. Os fundos da sociedade eram obtidos por meio de chantagem contra italianos ricos, e ameaças de violência, se eles se recusassem a dar dinheiro. Castalotte, nosso benfeitor e amigo, fora abordado e se recusara a se submeter às ameaças, levando tudo ao conhecimento das autoridades. Decidiram, então, que ele teria de ser transformado num exemplo para evitar que outros também se rebelassem. Na reunião ficou decidido que ele e a casa deveriam ir pelos ares, com uso de dinamite. Houve sorteio para ver quem executaria o plano. Gennaro viu o rosto cruel do nosso inimigo sorrindo para ele quando enfiou a mão no vaso, na hora do sorteio. Não há dúvida de que a coisa tinha sido, de algum modo, preparada antes, porque o disco fatal, com o círculo vermelho, saiu na sua mão – o mandado do crime. Ele tinha de matar seu melhor amigo, ou então ficaria exposto, e eu também, à vingança de seus camaradas. Fazia parte daquele sistema infernal punir aqueles que eles temiam ou odiavam, não só as próprias pessoas como também suas famílias; sabendo disso, Gennaro ficou quase louco de apreensão. Durante aquela noite inteira ficamos sentados, abraçados, cada um dando força ao outro para enfrentar as dificuldades que tínhamos pela frente.

O atentado deveria ocorrer na noite seguinte. Ao meio-dia, eu e meu marido estávamos a caminho de Londres, não sem antes avisar nosso benfeitor do perigo, e também deixando informações à polícia para proteger a vida dele no futuro.

O resto os senhores já sabem. Tínhamos certeza de que nossos inimigos ficariam atrás de nós como sombras. Gorgiano tinha motivos pessoais para a vingança, mas, de qualquer modo, sabíamos como ele poderia ser impiedoso, esperto e incansável. Tanto a Itália como a América estão repletas de histórias de seu terrível poder. Se ele tivesse de colocá-lo em ação, seria agora.

Meu marido deu um jeito de me arranjar um esconderijo nos poucos dias que tínhamos de vantagem na fuga, a fim de que eu não ficasse exposta a nenhum perigo. Ele, por sua vez, queria estar livre para entrar em contato tanto com a polícia italiana como a americana. Eu mesma não sei onde ele

morava, nem como. Tudo o que sabia era através das páginas de um jornal. Uma vez, ao olhar pela janela, vi dois italianos vigiando a casa e soube que Gorgiano, de alguma forma, descobrira nosso esconderijo. Finalmente Gennaro me falou, pelo jornal, que enviaria sinais de uma determinada janela; mas quando esses sinais vieram, nada mais eram do que avisos de alerta, subitamente interrompidos. Agora está claro para mim que Gennaro sabia que Gorgiano estava por perto e, graças a Deus, meu marido estava preparado quando o outro chegou. E agora, senhores, eu lhes pergunto se temos algo a temer da lei, ou se algum juiz no mundo iria condenar meu marido pelo que ele fez.

– Bem, sr. Gregson – disse o americano encarando o policial –, eu não sei qual o ponto de vista da lei britânica a respeito disso, mas creio que em Nova York o marido desta senhora vai receber um voto de agradecimento geral.

– Ela terá de vir comigo e falar com o chefe – respondeu Gregson. – Se o que disse for comprovado, creio que ela e o marido não têm muito a temer. Mas o que não entendo, sr. Holmes, é como diabo o senhor entrou nesta história.

– Cultura, Gregson, cultura. Ainda procurando conhecimento na velha universidade. Bem, Watson, aí você tem mais um exemplo do trágico e do grotesco para acrescentar à sua coleção. A propósito, ainda não são oito horas, e esta noite tocam Wagner no Covent Garden! Se nós nos apressarmos, ainda poderemos pegar o segundo ato.

Os Planos do Bruce-Partington

Na terceira semana de novembro de 1895, Londres foi envolvida por um nevoeiro denso e escuro. De segunda a quinta-feira eu duvidei se seria possível, de nossa janela em Baker Street, ver a fachada das casas em frente. Holmes passou o primeiro dia catalogando seu volumoso livro de referências; no segundo e terceiro dias, ficou pacientemente ocupado com um assunto que se transformara recentemente no seu hobby – a música da Idade Média. Mas, no quarto dia, quando nós levantamos das cadeiras após o café-da-manhã e vimos a névoa pesada e insinuante ainda firme e se condensando em manchas oleosas nas vidraças, a natureza impaciente e ativa de meu amigo não agüentou mais essa monotonia. Ficou andando impaciente pela sala, numa energia febril contida, tamborilando com as unhas nos móveis, irritado com a falta de ação.

– Nada de interessante no jornal, Watson?

Eu sabia que, ao perguntar sobre algo interessante, Holmes se referia a algo de interesse criminal. Havia notícias de uma revolução, possivelmente guerra, e sobre uma iminente mudança de governo, mas estas coisas não estavam no horizonte do meu amigo. Não tinha visto nada que se enquadrasse na modalidade de crime que não fosse comum e fútil. Holmes grunhiu e recomeçou suas caminhadas infindáveis.

– O criminoso de Londres é, com certeza, um sujeito sem imaginação – disse, numa voz lamurienta como a de um esportista que perde o jogo. – Olhe pela janela, Watson. Veja como as pessoas aparecem indistintamente, mal são vistas e já desaparecem de novo na névoa. Um ladrão ou um assassino podia andar por Londres impunemente num dia assim, como um tigre na selva, invisível até o bote fatal na sua vítima.

– Houve alguns roubos insignificantes – eu disse.

Holmes fungou com desdém.

– Este palco imenso e sombrio está montado para algo melhor do que isso. É uma sorte para a comunidade que eu não seja um criminoso.

– Isso é verdade! – eu disse, convicto.

– Suponha que eu fosse Brooks ou Woodhouse, ou algum dos cinqüenta homens que têm bons motivos para me matar. Quanto tempo eu conseguiria sobreviver à minha própria perseguição? Um chamado, uma cilada, e tudo estaria terminado. É bom que não haja dias de neblina nos países latinos – países típicos de assassinatos. Por Deus, aí vem algo, finalmente, para quebrar nossa monotonia mortal.

Era a criada com um telegrama. Holmes o abriu e caiu na gargalhada.

– Ora, ora! Adivinhe só? Meu irmão Mycroft está vindo aí.

– E daí?

– E daí? É como se você se encontrasse com um trem numa ruazinha de interior. Mycroft tem seus trilhos e só anda neles. O apartamento em Pall Mall, o Clube Diógenes, Whitehall, este é o mundo dele. Uma vez – e apenas uma – ele esteve aqui. O que será que o fez sair dos trilhos?

– Ele não explica?

Holmes entregou-me o telegrama do irmão.

Preciso falar-lhe sobre Cadogan West. Irei imediatamente.
Mycroft.

– Cadogan West? Já ouvi este nome.

– Não me lembra nada. Mas para que Mycroft apareça aqui de repente... Um planeta também pode sair de sua órbita! A propósito, você sabe o que Mycroft é?

Eu tinha uma vaga lembrança de alguma informação na época do caso do intérprete grego.

– Você me disse que ele tinha um escritório e que trabalhava para o governo britânico.

Holmes deu uma risadinha.

– Eu não conhecia você muito bem naquela época. Precisamos ser discretos quando falamos de assuntos importantes do governo. Você está certo em pensar que ele trabalha para o governo inglês. Você também estaria certo se dissesse que ele é, de vez em quando, o próprio governo britânico!

– Meu caro Holmes!

– Eu sabia que você ficaria surpreso. Mycroft recebe 450 libras por ano, permanece numa posição subalterna, não tem ambições de espécie alguma,

não receberá títulos nem condecorações, mas continua sendo o homem mais indispensável deste país.

– Mas, como?

– Bem, a posição dele é única. Ele mesmo a criou para si. Nunca houve algo assim antes, nem haverá depois. Ele possui, entre todos os seres vivos, o cérebro mais metódico e preciso, com imensa capacidade de estocar fatos. As mesmas faculdades que eu uso para a elucidação de crimes, ele usa para a sua função específica. As conclusões de todos os departamentos são encaminhadas a ele; ele é a central de filtragem, o serviço de compensação que faz o equilíbrio. Todos os outros homens são especialistas, mas a especialidade dele é a onisciência. Suponhamos que um determinado ministro necessite de informações sobre certo assunto que envolva a Marinha, a Índia, o Canadá e a questão bimetálica; ele poderia receber orientação sobre cada assunto de vários departamentos, mas somente Mycroft pode englobar todos eles e dizer, de antemão, como cada fator afetará o outro. Eles começaram usando-o como uma espécie de atalho conveniente, mas agora ele se tornou indispensável. No seu cérebro fantástico tudo está classificado e pode ser usado imediatamente. Quantas vezes sua palavra determinou a política nacional! Vive nisso. Ele não pensa em mais nada, a não ser quando, como exercício mental, cede se eu o chamo e lhe peço alguns conselhos sobre alguns de meus modestos problemas. Mas Júpiter está descendo hoje à Terra. Que diabo pode ser isso? Quem é Cadogan West e o que significa para Mycroft?

– Eu sei! – exclamei, e arranquei um jornal de uma pilha que estava em cima do sofá. – Sim, aqui está, com certeza. Cadogan West foi o jovem encontrado morto no metrô, na terça-feira de manhã.

Holmes ficou subitamente atento, o cachimbo no ar.

– Isso deve ser muito sério, Watson. Uma morte que faz com que meu irmão mude seus hábitos não deve ser algo comum. Que diabo Mycroft tem a ver com isso? O caso não tinha nada de interessante, se me lembro bem. Aparentemente o jovem tinha caído do trem, suicidando-se. Não tinha sido roubado e não havia motivo aparente para se pensar em violência. Não foi assim?

– Houve um inquérito – eu disse – e muitos fatos novos apareceram. Olhando com mais atenção, eu diria que foi um caso curioso.

– A julgar pelo efeito em meu irmão, eu diria que se trata de algo

extraordinário – ele comentou, acomodando-se na poltrona. – Agora, Watson, vamos aos fatos.

– O nome dele era Arthur Cadogan West. Tinha 27 anos, solteiro, e trabalhava no Arsenal Woolwich.

– Funcionário do governo. Veja a ligação com o mano Mycroft!

– Saiu de repente de Woolwich na segunda-feira à noite. Foi visto pela última vez pela noiva, srta. Violet Westbury, que ele deixou repentinamente na neblina às 19:30h daquela noite. Não houve briga entre eles e ela não consegue achar um motivo para a atitude dele. Só se ouviu falar nele novamente quando o corpo foi encontrado por um funcionário de nome Mason, do lado de fora da estação Aldgate do metrô de Londres.

– Quando?

– O corpo foi encontrado às seis horas de terça. Estava atirado sobre os trilhos, do lado esquerdo da linha que vai para o leste, num ponto da estação onde a linha surge do túnel por onde passa. A cabeça estava horrivelmente dilacerada, coisa que poderia ter sido causada pela queda do trem. O corpo só podia atingir o trilho dessa maneira. Se ele tivesse sido arrastado de alguma rua da vizinhança, deveria ter passado antes pelas cancelas da estação, onde há sempre bilheteiro. Este detalhe parece certo.

– Muito bem, o caso está suficientemente definido. O homem, morto ou vivo, caiu ou foi jogado do trem. Até aqui, está claro para mim. Continue.

– Os trens que atravessam os trilhos ao lado dos quais foi encontrado o corpo são os que correm do oeste para o leste, alguns apenas metropolitanos e alguns deles de Willesden e alguns entrocamentos distantes. Podemos ter certeza de que o rapaz, quando morreu, viajava nesse sentido bem tarde da noite; mas em que lugar ele entrou no trem é difícil determinar.

– A passagem, é claro, poderia mostrar isso.

– Não havia bilhete nos seus bolsos.

– Sem bilhetes? Ora, Watson, isto é realmente estranho. De acordo com minha experiência, é impossível chegar à plataforma de um trem metropolitano sem mostrar a passagem. Então o jovem provavelmente tinha uma. Será que a tiraram dele para ocultar o nome da estação de onde ele veio? É possível. Ou ele a terá deixado cair no trem? Isso também é possível. Mas a questão é interessante. Não havia sinais de roubo, não é?

– Aparentemente, não. Aqui está uma lista dos pertences dele. A carteira continha duas libras e 15 xelins. Também tinha um talão de cheques da

agência do Capital and Counties Bank em Woolwich. A sua identidade foi descoberta assim. Havia também dois ingressos para o Teatro Woolwich para aquela mesma noite. Também havia um pequeno pacote com documentos técnicos.

Holmes deu uma exclamação de satisfação.

– Finalmente aí está, Watson! Governo britânico, Woolwich, Arsenal, documentos técnicos, meu irmão Mycroft – a cadeia está completa. Mas, aí vem ele, se não me engano, para contar pessoalmente.

Pouco depois a figura alta e corpulenta de Mycroft Holmes entrou apressada na sala. Pesado e maciço, havia um indício qualquer de inércia nele, mas acima do corpo um tanto desajeitado estava uma cabeça com uma fronte autoritária, uma expressão atenta nos olhos cinzentos, os lábios firmes e bem desenhados e um conjunto fisionômico sutil; após a primeira olhada a gente se esquecia do corpo volumoso para se lembrar apenas da mente predominante.

Junto com Mycroft vinha nosso velho conhecido da Scotland Yard, Lestrade, magro e austero. A gravidade dos rostos dos dois anunciava um assunto importante. O policial apertou-nos as mãos sem dizer uma palavra. Mycroft livrou-se de seu sobretudo e caiu pesadamente numa poltrona.

– Um negócio desagradabilíssimo, Sherlock – disse ele. – Detesto alterar meus hábitos, mas a necessidade é imperiosa. Na situação atual do Sião, minha ausência do escritório é desastrosa. Mas é uma verdadeira crise. Nunca vi o primeiro-ministro tão contrariado. O Almirantado... bem, está em polvorosa como uma colméia. Você leu sobre o caso?

– Acabamos de ler. No que consistiam os documentos técnicos?

– Ah, aí está! Felizmente não foram revelados. A imprensa ficaria frenética. Os documentos que o infeliz jovem tinha no bolso eram os planos do submarino Bruce-Partington.

Mycroft Holmes falou com uma solenidade que demonstrava o grau de importância do assunto. Sherlock e eu ficamos na expectativa.

– Certamente que você ouviu falar a respeito disso. Eu achei que todo mundo sabia.

– Ouvi apenas o nome.

– Sua importância dificilmente pode ser exagerada. É o segredo de Estado guardado com mais cuidado. Acredite que uma guerra naval será impossível dentro do raio de operação de um Bruce-Partington. Há dois anos, uma

quantia muito grande, camuflada no orçamento, foi usada na aquisição do monopólio da invenção. Estão sendo feitos todos os esforços para mantê-lo em segredo. Os planos, extremamente complicados, incluem trinta patentes separadas, cada uma essencial ao funcionamento do todo; são guardados num cofre-forte especial, num escritório anexo ao arsenal, com portas e janelas à prova de arrombamento. Os planos não podiam sair do escritório sob nenhum pretexto. Se o construtor-chefe da Marinha os quisesse consultar, até mesmo ele era obrigado a ir ao escritório de Woolwich para isso. E agora nós os encontramos no bolso de um funcionário subalterno, morto, no coração de Londres. Do ponto de vista oficial, isto é simplesmente terrível.

– Mas você os recuperou?

– Não, Sherlock, não! E aí é que está a tragédia! Não os recuperamos. Foram tirados dez documentos de Woolwich. Havia apenas sete deles no bolso de Cadogan West. Os três mais importantes sumiram, foram roubados, se evaporaram. Você tem de deixar tudo de lado, Sherlock. Esqueça seus casos policiais. É um problema internacional vital que você tem de solucionar. Como Cadogan West roubou os papéis, onde estão os três que faltam, como ele morreu, como o corpo dele foi parar ali, como resolver o problema? Encontre uma resposta para todas estas perguntas e terá prestado um excelente serviço à pátria.

– Por que você mesmo não o resolve, Mycroft? Você vê tanto quanto eu.

– É possível, Sherlock. Mas é uma questão de ver detalhes. Dê-me os detalhes e eu, sentado numa poltrona, lhe darei em troca uma excelente opinião de perito. Mas correr daqui para lá, interrogar guardas ferroviários, pôr a cara no chão com uma lente... não é meu métier. Não, você é o único homem que pode esclarecer o caso. Se deseja ver seu nome na próxima lista de honrarias...

Meu amigo sorriu e sacudiu a cabeça.

– Eu trabalho por amor à arte – disse. – Mas o problema certamente apresenta alguns pontos interessantes, e terei prazer em investigá-lo. Dê-me mais alguns fatos, por favor.

– Anotei nesta folha de papel os fatos principais, juntamente com alguns endereços que lhe serão úteis. No momento o guardião oficial dos documentos é o famoso perito do governo, sir James Walter, cujas condecorações e subtítulos enchem duas linhas de um livro de consulta. Ele passou a vida no serviço, é um cavalheiro, hóspede bem recebido nas famílias

mais distintas e, sobretudo, um homem cujo patriotismo está acima de qualquer suspeita. Ele é um dos dois que possuem a chave do cofre. Devo acrescentar que, sem dúvida nenhuma, os documentos estavam no escritório na segunda-feira, durante o expediente, e que sir James partiu para Londres por volta das três da tarde levando a sua chave. Ele estava na casa do almirante Sinclair, em Barclay Square, durante a maior parte da noite em que ocorreu o incidente.

– Isso foi verificado?

– Sim, o irmão dele, coronel Valentine Walter, viu sua partida de Woolwich, e o almirante Sinclair, sua chegada a Londres; de modo que sir James não é mais um fator do problema.

– E o outro homem que tem a chave, quem é ele?

– Funcionário graduado e desenhista, sr. Sidney Johnson. Tem 40 anos, é casado, cinco filhos. É um sujeito calado, taciturno, mas no conjunto tem uma excelente ficha no serviço público. Não é muito popular entre seus companheiros, mas é um bom funcionário. De acordo com seu relato, confirmado apenas pela esposa, ele ficou em casa durante toda a noite de segunda-feira, depois que chegou do trabalho, e sua chave nunca saiu da corrente do relógio que usa.

– Fale-nos sobre Cadogan West.

– Estava há dez anos no serviço e sempre fez um bom trabalho. Tem fama de ser irascível e impetuoso, mas é um sujeito sério e honesto. Nada temos contra ele. Trabalhava com Sidney Johnson no departamento. Suas funções faziam com que ele tivesse contato diário e direto com os planos. Ninguém mais mexia neles.

– Quem trancou os planos naquela noite?

– O sr. Sidney Johnson, o funcionário graduado.

– Bem, está perfeitamente claro quem os tirou. Eles foram encontrados com Cadogan West. Isto parece definitivo, não?

– Parece, Sherlock, e mesmo assim há muita coisa inexplicada. Em primeiro lugar, por que ele os pegou?

– Eles não são valiosos?

– Ele poderia conseguir facilmente milhares de libras por eles.

– Será que existe algum outro motivo para que ele levasse os documentos para Londres, a não ser para vendê-los?

– Não, não existe.

– Então temos de trabalhar com essa hipótese. O jovem West levou os papéis. E isso ele só conseguiria com uma chave falsa...

– Várias chaves falsas. Ele tinha que abrir a porta do edifício e a do escritório.

– Então ele tinha várias chaves falsas. Levou os documentos para Londres a fim de vender o segredo, pensando, sem dúvida, em colocá-los novamente no cofre na manhã seguinte, antes que dessem pela falta deles. Enquanto estava em Londres, nessa missão desleal, ele morreu.

– Como?

– Vamos supor que estivesse voltando para Woolwich quando foi morto e atirado do trem.

– Aldgate, onde foi encontrado o corpo, fica muito depois da estação da Ponte de Londres que seria o caminho dele para Woolwich.

– Podemos imaginar vários motivos que o teriam levado a passar da Ponte de Londres. Por exemplo, havia alguém no vagão com quem ele estivesse conversando animadamente. A conversa terminou numa cena violenta, na qual ele perdeu a vida. Talvez ele tenha tentado sair do vagão, caiu nos trilhos e morreu. O outro sujeito fechou a porta. Havia uma densa neblina e não se via nada.

– Com o que sabemos, não se poderia dar uma explicação melhor; mas, mesmo assim, Sherlock, veja quanta coisa você deixou de considerar. Vamos supor, só para um exerciciozinho de argumentação, que Cadogan West tenha mesmo decidido levar os documentos para Londres. Naturalmente ele teria marcado um encontro com o agente estrangeiro aqui e deixado a noite livre. Em vez disso, ele comprou dois ingressos para o teatro, acompanhou a noiva até a metade do caminho e de repente desapareceu.

– Um embuste! – exclamou Lestrade, que ouvia a conversa com impaciência.

– E bem original. Essa é a objeção no 1. Objeção no 2: vamos supor que ele tenha chegado a Londres e se encontrado com o agente estrangeiro. Tem de levar os documentos de volta de manhã bem cedo, ou o roubo será descoberto. Ele levou dez documentos. No seu bolso só havia sete. O que aconteceu com os outros três? Certamente que ele não os deixaria por livre e espontânea vontade. E onde está o pagamento por sua traição? Era de se esperar que se encontrasse uma grande quantia de dinheiro no seu bolso.

– Para mim, está perfeitamente claro – disse Lestrade. – Não tenho a menor

dúvida a respeito do que aconteceu. Ele levou os documentos para vendê-los. Encontrou-se com o agente. Não entraram em acordo sobre o preço. Ele voltou para casa e o espião foi com ele. No trem, o agente o matou, pegou os documentos mais importantes e jogou seu corpo do vagão. Isso explicaria tudo, não?

– Por que ele não tinha passagem?

– Ela indicaria qual a estação mais próxima da casa do espião. Assim sendo, ele também a tirou do bolso do morto.

– Ótimo, Lestrade, muito bom – disse Holmes. – Sua teoria se sustenta. Mas se isto for verdade, então o caso está no fim. De um lado, o traidor está morto; de outro, os planos do submarino Bruce-Partington provavelmente já estão no Continente. O que podemos fazer?

– Agir, Sherlock, agir! – exclamou Mycroft, levantando-se. – Todos os meus instintos são contrários a esta explicação. Use suas faculdades. Vá até o local do crime. Fale com as pessoas envolvidas. Examine tudo! Em toda a sua carreira você nunca teve uma oportunidade como esta para servir ao seu país!

– Bem, bem – disse Holmes, encolhendo os ombros. – Vamos, Watson! E você, Lestrade, poderia, por gentileza, acompanhar-nos por uma ou duas horas? Vamos começar nossos trabalhos fazendo uma visita à estação Aldgate. Até logo, Mycroft. Mandarei algumas notícias antes da noite, mas eu já lhe adianto que não deve esperar muita coisa.

Uma hora mais tarde, Holmes, Lestrade e eu estávamos na estação de Aldgate, no ponto onde as linhas saem do túnel pouco antes da estação. Um senhor idoso, gentil e corado estava ali representando a companhia ferroviária.

– Este é o lugar onde estava o corpo do rapaz – disse ele, indicando um ponto a 1 metro dos trilhos. – Não poderia ter caído lá de cima porque, como podem ver, os muros são inacessíveis. Portanto, só pode ter vindo do trem, e daquele trem, e, pelo que pudemos verificar, deve ter sido o que passou por volta da meia-noite de segunda-feira.

– Os vagões foram examinados em busca de sinais de violência?

– Não existem esses sinais, e também não foi encontrada nenhuma passagem.

– Encontraram alguma porta aberta?

– Nenhuma.

– Obtivemos algumas pistas novas esta manhã – disse Lestrade. – Um

passageiro, que vinha no trem metropolitano, ali pelas 23:40h de segunda-feira, declarou ter ouvido um baque surdo, como se um corpo tivesse sido atirado nos trilhos, um pouco antes de o trem chegar à estação de Aldgate. Mas havia uma neblina densa e não se enxergava nada. Ele não comunicou o fato na ocasião. Ora, mas que diabo está acontecendo com o sr. Holmes?

Meu amigo, de pé, tinha uma expressão de grande interesse no rosto, olhando para os trilhos onde faziam a curva depois do túnel. Aldgate é um entroncamento e havia uma série de desvios. Seus olhos atentos e vigilantes focalizavam os desvios e eu vi, no seu rosto alerta, o aperto dos lábios, o tremor das narinas, a contração das sobrancelhas espessas, que eu conhecia tão bem.

– Os desvios, os desvios – murmurou ele.

– O que têm eles? O que está querendo dizer?

Suponho que não existam muitas estações com entroncamentos iguais a esta.

– Não, existem bem poucas.

– E uma curva, também. Desvios e curvas. Por Deus, se fosse assim...

– Assim como, sr. Holmes? Tem alguma pista?

– Uma idéia... uma suposição... nada mais que isso. O caso, de qualquer maneira, ganha em interesse. Único, perfeitamente único e... mesmo assim, por que não? Não vejo sinais de sangue nos trilhos.

– Quase não havia sinais.

– Mas eu creio que o ferimento foi bem grande.

– O osso foi esmagado, mas não havia um grande ferimento externo.

– Mesmo assim, era de se esperar sangramento. Será que eu poderia inspecionar o trem em que estava o passageiro que ouviu o baque de uma queda na neblina?

– Receio que não, sr. Holmes. Os vagões do trem foram separados e redistribuídos.

– Posso lhe garantir, sr. Holmes – disse Lestrade – que todos os vagões foram examinados cuidadosamente. Eu mesmo cuidei disso.

Uma das fraquezas mais óbvias do meu amigo era sua impaciência com inteligências menos brilhantes do que a sua.

– É possível – disse, afastando-se. – Na verdade, não eram os vagões que eu queria examinar. Watson, fizemos tudo o que era possível por aqui. Não vamos incomodá-lo mais, sr. Lestrade. Creio que nossas investigações, agora,

vão nos levar a Woolwich.

Na Ponte de Londres ele escreveu um telegrama para o irmão, que me mostrou antes de despachar:

Vejo alguma luz na escuridão, mas pode apagar-se. Enquanto isso, mande, por favor, por um mensageiro que nos espere em Baker Street, lista completa de todos os espiões estrangeiros ou agentes internacionais que se saiba que estão na Inglaterra, com endereços completos.

Sherlock.

– Isto será muito útil, Watson – disse, quando tomamos o trem para Woolwich. – Evidentemente, temos de ser gratos a Mycroft por nos ter incluído no que promete ser um caso realmente notável.

Seu rosto ansioso ainda exibia aquela expressão de energia intensa e concentrada, o que me mostrou que algum indício novo e sugestivo havia aberto uma linha estimulante de raciocínio. Veja um cão de caça, com orelhas caídas e rabo pendente, como fica indolentemente nos canis, e compare-o com o mesmo animal ativo, com olhos brilhantes e músculos retesados, perseguindo a caça – esta foi a mudança que ocorreu em Holmes desde a manhã. Era, agora, um homem diferente da figura abatida e inerte, no seu roupão cinza, caminhando inquieto, apenas algumas horas atrás, pela nossa sala em Baker Street, cercada pela neblina.

– Temos material aqui. Há um objetivo. Fui um verdadeiro tolo por não ter percebido suas possibilidades.

– Para mim, tudo ainda continua nebuloso.

– O final também é um mistério para mim, mas estou com uma idéia que pode nos levar além. O homem morreu em algum outro lugar e seu corpo estava no teto de um vagão.

– No teto?

– Notável, não? Mas veja os fatos. Seria uma coincidência o fato de o corpo ter sido encontrado exatamente no ponto onde o trem oscila e se sacode, quando passa pelos desvios? Não é esse o lugar onde se pode esperar que um objeto que esteja no teto caia? Os desvios não afetariam um objeto dentro do trem. Ou o corpo caiu do teto ou ocorreu uma coincidência muito curiosa. Mas veja agora a questão do sangue. É claro que não haveria sinal de sangue nos trilhos se o corpo tivesse sangrado em outro local. Cada fato é

sugestivo por si mesmo. Juntos, eles têm uma força cumulativa.

– E o bilhete também! – exclamei.

– Exatamente. Não encontramos uma explicação para o desaparecimento do bilhete. E isto explicaria. Tudo se encaixa.

– Mas suponha que tenha sido assim; ainda estaríamos longe de esclarecer o mistério da morte do rapaz. Na verdade, o caso se torna ainda mais complicado, e não mais simples.

– Talvez – disse Holmes, pensativo – talvez.

Caiu num silêncio profundo que durou até o trem parar finalmente na estação Woolwich. Chamou um cabriolé e tirou do bolso a folha de papel de Mycroft.

– Temos várias visitas para fazer esta tarde. Creio que sir James Walter merece nossa atenção primeiro.

A casa do famoso perito era uma linda vila, com gramados verdes se estendendo até o Tâmisa. A neblina estava se dissipando quando chegamos, e os raios de um sol pálido começavam a aparecer. Um mordomo atendeu à porta.

– Sir James, senhor? – disse, com um rosto solene. – Sir James morreu hoje de manhã.

– Deus do céu! – exclamou Holmes. – Como ele morreu?

– Talvez seja melhor entrar, senhor, e conversar com o irmão dele, coronel Valentine.

– Sim, será melhor.

Ele nos levou até uma sala fracamente iluminada, onde, pouco depois, apareceu um homem alto, simpático, com cerca de 50 anos, o irmão mais novo do cientista que morrera. Seus olhos desvairados, bochechas vincadas, cabelos despenteados, refletiam o golpe repentino que se abatera sobre a casa. Mal conseguia articular as frases quando falou sobre o assunto.

– Foi um escândalo terrível – disse. – Sir James, meu irmão, era um homem que prezava muito sua honra e não conseguiu sobreviver a uma catástrofe dessas. Sempre teve orgulho da eficiência de seu departamento e isso agora foi um golpe fatal.

– Esperávamos que ele pudesse nos dar algumas informações que nos ajudassem a esclarecer o caso.

– Eu lhes asseguro que tudo era um mistério para ele como é para os senhores e para todos nós. Ele já havia posto à disposição da polícia tudo o

que sabia. Naturalmente, ele não tinha dúvida de que Cadogan West era o culpado. Mas todo o resto era inconcebível.

– E o senhor sabe de alguma coisa que possa nos ajudar no caso?

– Não sei de nada, a não ser o que li ou ouvi. Não quero ser grosseiro, mas os senhores devem entender que no momento estamos muito perturbados, e lhes peço que encerremos esta conversa.

– Isto é realmente um acontecimento inesperado, Watson – disse Sherlock quando voltamos para o carro. – Fico imaginando se a morte foi natural ou se o pobre velho se matou! Se foi suicídio, pode ser considerado um indício de remorso por negligência do dever? Vamos deixar essa pergunta para mais tarde. Vejamos, agora, a família de Cadogan West.

A mãe do rapaz morava numa casa pequena, mas bem cuidada, nos arredores da cidade. A velha senhora estava abatida demais pela dor para poder nos dar qualquer informação útil, mas ao seu lado estava uma jovem pálida, que se apresentou como a senhorita Violet Westbury, noiva de Cadogan West e a última a vê-lo na noite fatal.

– Não consigo encontrar uma explicação, sr. Holmes – ela disse. – Não preguei o olho desde a tragédia, pensando, pensando, pensando, noite e dia, no significado de tudo isso. Arthur era sincero, gentil, o mais patriota dos homens. Ele preferiria arrancar a mão direita a vender um segredo de Estado confiado à sua guarda. Para todos que o conheciam, isto é absurdo, impossível, irracional.

– Mas, e os fatos, srta. Westbury?

– Sim, sim, admito que não encontro explicação para eles.

– Ele estava precisando de dinheiro?

– Não; suas necessidades eram simples e ele ganhava bem. Havia economizado algumas centenas de libras e nós íamos nos casar no início do próximo ano.

– Sinais de alguma perturbação mental? Vamos, srta. Westbury, seja absolutamente franca conosco.

O olhar atento do meu amigo havia notado alguma mudança na atitude dela. A moça enrubesceu e hesitou.

– Sim – disse, finalmente –, eu tinha percebido que havia qualquer coisa na cabeça dele.

– Há quanto tempo?

– Somente na última semana, ou um pouco mais. Ele andava pensativo e

preocupado. Uma vez eu lhe perguntei sobre isso. Ele admitiu que havia alguma coisa, relacionada com a sua vida profissional. Ele me disse: “É sério demais para que eu fale sobre isso, até mesmo a você.” Não consegui arrancar mais nada dele.

Holmes ficou sério.

– Continue, srta. Westbury. Mesmo que pareça prejudicá-lo, continue. Não sabemos o que pode resultar disso.

– Na verdade, não tenho mais nada a dizer. Por uma ou duas vezes tive a impressão de que ele estava para me contar alguma coisa. Certa noite referiu-se à importância do segredo, e eu me lembro de ele dizer que, sem dúvida, espiões estrangeiros pagariam um bom dinheiro pelos planos.

Sherlock ficou ainda mais sério.

– Disse que éramos negligentes a respeito desses assuntos – que seria fácil para um traidor apoderar-se dos planos.

– E ele fez esses comentários apenas nos últimos dias?

– Sim, recentemente.

– Fale-nos, agora, da última noite.

– Nós íamos ao teatro. A neblina estava tão forte que não adiantava tomar um carro. Fomos andando e no caminho passamos perto do escritório. De repente, ele sumiu no meio da neblina.

– Sem dizer uma palavra?

– Soltou uma exclamação, e foi tudo. Eu fiquei esperando, mas ele não voltou. Então, fui para casa. Na manhã seguinte, depois que abriram o escritório, eles vieram perguntar. Por volta do meio-dia ficamos sabendo da notícia horrível. Oh, sr. Holmes, se o senhor pudesse pelo menos salvar-lhe a honra. Representava tanto para ele!

Holmes balançou tristemente a cabeça.

– Vamos, Watson, temos mais coisas pela frente. Nossa próxima parada é o escritório de onde foram retirados os documentos.

– Se tudo era contra o rapaz antes, agora piorou ainda mais – Holmes comentou quando o táxi partiu. – Seu casamento dá um motivo para o roubo. Naturalmente ele precisava de dinheiro. Estava com a idéia na cabeça, já que mencionou o assunto. Ele quase transformou a noiva numa cúmplice, revelando-lhe seus planos. Tudo muito mal.

– Mas, Holmes, afinal de contas seu caráter não vale nada? Por que ele deixaria a noiva no meio da rua e fugiria para cometer um crime?

– É isso aí! Claro que há objeções. Mas é um caso extraordinário que tem de ser explicado.

O sr. Sidney Johnson, o funcionário graduado, recebeu-nos no escritório com o respeito que o cartão de visitas de Holmes sempre impunha. Era um homem magro, carrancudo, de meia-idade, que usava óculos, e estava com o rosto encovado e as mãos trêmulas em conseqüência da tensão nervosa a que fora submetido.

– Horrível, sr. Holmes, horrível. Ouviu falar da morte do chefe?

– Estamos vindo da casa dele.

– O lugar está uma bagunça. O chefe, morto, Cadogan West, morto, nossos documentos, roubados. E na segunda-feira, às 17 horas, quando trancamos o escritório, éramos tão eficientes quanto qualquer outro departamento a serviço do governo. Meu Deus, é horrível pensar nisso! Que West, entre todos, pudesse fazer uma coisa assim?

– Então o senhor tem certeza de que ele é o culpado?

– Não vejo outra explicação. E mesmo assim, confiava nele tanto quanto em mim mesmo.

– A que horas fecharam o escritório na segunda?

– Às cinco.

– O senhor mesmo o trancou?

– Sou sempre o último a sair.

– Onde estavam os planos?

– No cofre. Eu mesmo os coloquei lá.

– Existe algum vigia para o prédio?

– Sim, mas ele tem outros departamentos para vigiar também. É um velho soldado e homem de inteira confiança. Ele não viu nada naquela noite, pois havia a neblina.

– Suponhamos que Cadogan West quisesse entrar no edifício tarde da noite; ele precisaria de três chaves para conseguir pôr as mãos nos documentos, não é verdade?

– Sim, de fato. A chave da porta externa, a chave do escritório e a chave do cofre.

– Sir James Walter e o senhor eram os únicos que tinham essas chaves?

– Eu não tenho as chaves das portas, só a chave do cofre.

– Sir James era um homem de hábitos regulares?

– Sim, creio que sim. Pelo que sei, as três chaves sempre ficavam com ele,

no mesmo porta-chaves. Eu sempre as via ali.

– Ele levou o porta-chaves com ele para Londres?

– Ele disse que sim.

– O senhor sempre ficou com sua chave?

– Sempre.

– Então, Cadogan West, se for o culpado, devia ter uma duplicata. Mas não foi encontrada com ele. Outra coisa: se um funcionário deste departamento quisesse vender os planos, não seria mais simples ele copiar os planos do que levar os originais, como foi feito?

– Seria necessário um grande conhecimento técnico para copiar os planos de forma eficiente.

– Mas suponho que tanto sir James, o senhor ou Cadogan West tinham este conhecimento altamente especializado.

– Sem dúvida, mas peço-lhe que não me envolva no assunto, sr. Holmes. De que adianta especular dessa maneira, quando, na verdade, os planos originais foram encontrados com Cadogan West?

– Bem, de fato é estranho que ele corresse o risco de levar os planos originais quando poderia copiá-los com segurança, o que também serviria aos seus objetivos.

– Na verdade, é estranho – e mesmo assim ele o fez.

– Todas as perguntas a respeito deste caso revelam alguma coisa inexplicável. E ainda temos três documentos desaparecidos. Pelo que sei, são os essenciais.

– Sim, é verdade.

– O senhor quer dizer que alguém que tenha esses três documentos poderia construir um submarino Bruce-Partington sem os outros sete?

– Foi o que eu disse ao Almirantado. Mas hoje estive analisando os desenhos de novo, e já não tenho tanta certeza assim. As válvulas duplas de ajustamento automático estão desenhadas em um dos documentos recuperados. Até que o país estrangeiro invente algo semelhante, não vai conseguir construir o Bruce-Partington. É claro que eles podem superar este problema em breve.

– Mas os três documentos são os mais importantes?

– Sem dúvida.

– Creio que vou dar uma volta pelo prédio, com sua permissão. Não me ocorre nenhuma outra pergunta que queira lhe fazer.

Ele examinou a fechadura do cofre, a porta do escritório e, por fim, as folhas de ferro das janelas. Somente quando nos encontrávamos no gramado, do lado de fora do edifício, é que ele ficou extremamente interessado em uma coisa. Havia uma moita de louro perto da janela, e vários ramos haviam sido torcidos ou arrancados. Ele os examinou detidamente com a lente, e depois examinou algumas marcas superficiais e pouco nítidas na terra. Finalmente pediu ao chefe para fechar as janelas de ferro, e me mostrou que elas não se encaixavam no centro, o que permitia a qualquer pessoa do lado de fora ver o que acontecia dentro do escritório.

– Estas marcas estão prejudicadas pelo atraso de três dias. Podem significar alguma coisa ou nada. Bem, Watson, acho que não conseguiremos mais nada em Woolwich. Nossa colheita foi parca. Vamos ver se conseguimos algo melhor em Londres.

Mas ainda acrescentamos mais um trunfo à nossa pesquisa antes de sairmos da estação de Woolwich. O vendedor de passagens nos contou confidencialmente que ele vira Cadogan West – que conhecia de vista – na noite de segunda-feira, e que ele tomara o trem das 20:15h para a Ponte de Londres. Estava sozinho e comprou uma passagem de terceira classe. O vendedor ficara impressionado na ocasião com o jeito excitado e nervoso do rapaz. Tremia tanto que mal conseguiu pegar o troco, e o bilheteiro teve de ajudá-lo. Uma consulta ao quadro de horários mostrou que o de 20:15h era o primeiro trem que Cadogan West poderia ter tomado, depois de deixar a noiva por volta das 19:30h.

– Vamos reconstituir, Watson – disse Holmes, depois de meia hora de silêncio. – Não estou bem certo se, de todos os nossos casos, já tivemos um que fosse tão complicado de resolver. Cada novo indício que desenterramos apenas nos mostra um novo obstáculo adiante. Mas, mesmo assim, creio que já progredimos bastante. O resultado de nossas investigações em Woolwich foi bastante desfavorável ao jovem Cadogan West, mas as pistas na janela serviram para uma suposição mais favorável. Vamos supor, por exemplo, que ele tenha sido abordado por algum agente estrangeiro. Isso pode ter sido feito em condições que o impediram de falar a respeito do assunto, mas teria afetado seus pensamentos, como demonstraram os comentários que fez para a noiva. Muito bem, vamos supor agora que, quando estava indo com a jovem para o teatro, tenha vislumbrado, na neblina, a figura do agente indo na direção do escritório. Ele era um jovem impetuoso, rápido nas decisões. Tudo

o impelia para o cumprimento do dever. Ele seguiu o homem, chegou até a janela, viu o roubo dos documentos e perseguiu o ladrão. Desta maneira superamos a objeção de que ninguém roubaria os originais quando podia copiá-los. O estranho tinha de levar os originais. A tese se sustenta até aqui.

– E qual o passo seguinte?

– Aí temos problemas. Pode-se imaginar que, nessas circunstâncias, a primeira atitude do jovem Cadogan fosse prender o bandido e acionar o alarme. Por que não agiu assim? Será que foi um oficial superior que levou os documentos? Isso explicaria a conduta de Cadogan. Ou será que o ladrão o teria despistado na neblina e West partiu imediatamente para Londres, para chegar antes à casa do agente, supondo-se que soubesse onde ela ficava? O negócio deve ter sido de extrema urgência, já que ele deixou a noiva no meio da neblina e não tentou se comunicar com ela. Nossa pista esfria aqui, e há uma grande lacuna entre essas hipóteses e a descoberta do corpo do rapaz, com sete documentos no bolso, no teto de um vagão do metrô. Meu instinto me diz que, agora, devo trabalhar na outra ponta. Se Mycroft nos enviou a lista de endereços, podemos descobrir nosso homem e seguir duas pistas em vez de apenas uma.

Havia, de fato, uma lista nos aguardando em Baker Street. Um mensageiro do governo a trouxera, em caráter de urgência, e Holmes deu uma olhada nela, passando-a para mim:

Há um grande número de peixinhos, mas poucos que bancariam uma parada dessa dimensão. Os únicos dignos de atenção são Adolph Meyer, de Great Georg Street, 13, Westminster; Louis La Rothière, de Campden Mansions, Notting Hill; e Hugo Oberstein, de Caulfield Gardens, 13, Kensington. Sabe-se que este último estava na cidade segunda-feira, e que agora foi embora. Fico feliz em saber que vislumbrou alguma luz. O Gabinete aguarda seu relatório final com a maior ansiedade. Chegam pedidos urgentes das mais altas esferas. Todas as forças do Estado estão à sua disposição, caso venha a precisar delas.

Mycroft.

– Receio que nem todos os cavalos e homens da rainha poderão ajudar neste caso – disse Holmes, sorrindo, depois de abrir o grande mapa de Londres sobre os joelhos e inclinar-se sobre ele. – Bem, bem, finalmente as

coisas estão começando a ficar a nosso favor. Ora, Watson, acredito honestamente que vamos nos sair bem, no fim das contas.

Bateu no meu ombro, numa repentina explosão de alegria.

– Vou sair agora. Será apenas um reconhecimento. Não vou fazer nada importante sem que meu fiel companheiro e biógrafo esteja do meu lado. Fique aqui e provavelmente estarei de volta dentro de uma ou duas horas. Se o tempo custar a passar, pegue papel e lápis e comece a contar como salvamos a Inglaterra.

Fui contagiado pela sua animação, já que sabia muito bem que ele não abandonaria o seu habitual comportamento austero a menos que houvesse um bom motivo para isso. Esperei durante aquele infindável início de noite de novembro, impaciente pelo seu retorno. Finalmente, pouco depois das nove da noite, chegou um mensageiro com um bilhete.

Estou jantando no Restaurante Goldini, Gloucester Road. Por favor, venha logo e me encontre lá. Traga um pé-de-cabra, uma lanterna, um formão e um revólver.

S. H.

Belo equipamento para um cidadão respeitável levar pelas ruas escuras e envoltas em neblina! Espalhei tudo discretamente sob o meu sobretudo e me dirigi para o endereço indicado. Lá estava meu amigo, sentado a uma mesa redonda, perto da porta de entrada do bizarro restaurante italiano.

– Já jantou? Ótimo, então me acompanhe num café e vinho. Experimente um dos charutos da casa. Não são tão venenosos como se espera. Trouxe as ferramentas?

– Estão aqui, no meu sobretudo.

– Excelente. Deixe-me contar-lhe rapidamente o que andei fazendo, e o que vamos fazer. Deve ser evidente para você agora, Watson, que o corpo do jovem foi colocado no teto do vagão. Isto ficou claro desde o momento em que determinei o fato de que fora do teto, e não do interior, que ele havia caído.

– Ele não pode ter sido atirado de uma ponte?

– Eu diria que era impossível. Se você examinar os tetos, vai ver que são ligeiramente abaulados, e não há grades em volta deles. Portanto, podemos afirmar com certeza que Cadogan West foi colocado ali em cima.

– E como?

– Esta era a pergunta que tínhamos de responder. Só existe uma maneira possível. Você sabe que os trens correm fora das galerias subterrâneas em alguns pontos no West End. Eu me lembrava vagamente de que, quando viajei num dos trens, tinha visto algumas janelas logo acima de minha cabeça. Suponha que um trem pare debaixo de uma delas; seria difícil colocar um corpo no teto?

– Parece que não.

– Temos de nos lembrar do antigo ditado que diz que, quando todas as outras teorias falham, qualquer que seja a que reste, mesmo parecendo improvável, deve ser a verdadeira. Aqui, todas as outras teorias falharam. Quando descobri que o mais importante agente estrangeiro, que acabou de sair de Londres, morava numa das casas à margem da linha do metrô, fiquei tão contente que você se surpreendeu com minha alegria.

– Oh, então era isso, hein?

– Sim, era isso. O sr. Hugo Oberstein, residente em Caulfield Gardens, 13, passou a ser o meu alvo. Comecei minhas operações na Gloucester Road Station, onde um funcionário prestativo me acompanhou numa caminhada ao longo da linha, e eu matei minha curiosidade não apenas a respeito das janelas traseiras de Caulfield Gardens, que dão para os trilhos, mas até sobre o fato mais essencial de que, devido à interseção de um dos principais ramais, os trens ficam freqüentemente parados ali, naquele local exato, durante alguns minutos.

– Esplêndido, Holmes! Você descobriu tudo!

– Nem tanto, Watson, nem tanto. Progredimos, mas o fim ainda está longe. Bem, depois de verificar as janelas traseiras de Caulfield Gardens, vi a parte da frente e confirmei que, de fato, o passarinho tinha voado da gaiola. Trata-se de uma casa grande e, pelo que pude ver, sem mobília nos quartos superiores. Oberstein morava lá apenas com um criado, possivelmente um cúmplice de absoluta confiança. Temos de nos lembrar de que Oberstein foi para o Continente negociar seu tesouro, mas sem desconfiar que se sabe que está fugindo; assim sendo, ele não tem motivo para temer um mandado de prisão, e a idéia de uma visita de um amador em sua casa não lhe ocorreria. E é justamente isso o que vamos fazer.

– Não conseguiríamos um mandado para uma busca legal?

– Dificilmente, pela exigüidade de provas.

– Então, o que podemos fazer?

– Precisamos saber que tipo de correspondência ele tem em casa...

– Não estou gostando disso, Holmes.

– Meu caro amigo, você deve ficar vigiando a rua. Eu farei o trabalho sujo. Não é hora de escrúpulos. Pense no bilhete de Mycroft, no Almirantado, no Gabinete, nas pessoas importantes que aguardam notícias. Temos de agir!

Minha resposta foi levantar-me da mesa.

– Tem razão, Holmes. Temos de agir!

Ele também se levantou e apertou minha mão.

– Eu sabia que você não iria se acovardar no fim – disse, e por um segundo vi nos olhos dele algo que se assemelhava a ternura, que nunca vira antes. Mas logo em seguida ele voltou a ser o mesmo homem prático e racional.

– Fica a uns 800 metros daqui, mas não temos pressa. Vamos andando. Não deixe as ferramentas caírem, por favor. Seria uma complicação bastante desagradável se você fosse preso como um sujeito suspeito.

Caulfield Gardens era uma dessas filas de casas, com fachadas lisas, pilares e pórticos, produtos característicos de meados da época vitoriana no West End de Londres. Na casa seguinte à que procurávamos parecia estar havendo uma festa infantil, porque um alarido de vozes de crianças e o martelar de um piano ressoavam na noite. O nevoeiro ainda continuava e nos ocultava com seu manto amigo. Holmes acendeu a lanterna e iluminou a porta maciça.

– Este é um obstáculo difícil – disse. – Com certeza, além de trancada, deve ter um ferrolho. Será melhor irmos para os fundos. Há uma excelente arcada lá, caso tenhamos de nos esconder de algum policial zeloso que resolva aparecer. Ajude-me, Watson, e eu o ajudarei depois.

Um minuto depois já estávamos na área. Mal tínhamos chegado ao lugar protegido pelas sombras quando ouvimos em cima os passos de um policial, andando no meio da neblina. Quando o som cadenciado desapareceu, Holmes começou a trabalhar na porta inferior. Eu o vi curvar-se e forçar a porta até que, com um estalo seco, ela se abriu. Pulamos para o interior escuro e ele a fechou. Subimos a escada em curva, sem tapete. A luz amarela de sua lanterna brilhou nos vidros de uma janela baixa.

– Aqui estamos, Watson; deve ser esta...

Abriu a janela e nessa hora ouvimos um som baixo e áspero que foi aumentando até transformar-se num rugido alto quando um trem passou por nós, na escuridão, como uma flecha. Holmes iluminou o peitoril da janela. Havia uma camada da fuligem deixada pelos trens que passavam, mas a

superfície preta estava raspada e esfregada em alguns lugares.

– Veja onde eles colocaram o corpo. Ora, Watson, o que é isto? Não há dúvida de que se trata de uma marca de sangue.

Apontava a marca desbotada no peitoril.

– Aqui também, na pedra da escada. A prova está completa. Vamos ficar aqui até que pare um trem.

Não tivemos de esperar muito tempo. O trem seguinte surgiu do túnel, como o anterior, mas diminuiu depois a velocidade e então, com os freios gemendo, parou exatamente embaixo do lugar onde estávamos. A distância da janela até o teto dos vagões não era mais do que 1,5 metro, se tanto. Holmes fechou cuidadosamente a janela.

– Fomos recompensados até aqui – disse. – O que você acha, Watson?

– Uma obra-prima. Você está se superando.

– Não concordo com você. A partir do momento em que concebi a idéia de que o corpo estava no teto de um vagão, o que, afinal, não era assim tão absurdo, todo o resto foi inevitável. Se não fossem os altos interesses envolvidos, o caso até este ponto seria insignificante. Mas ainda temos dificuldades pela frente. Talvez possamos achar algo aqui que nos ajude.

Subimos a escada de serviço e entramos nos aposentos do primeiro andar. O primeiro era uma sala de jantar sobriamente mobiliada, mas que não tinha nada que nos interessasse. O segundo era um quarto de dormir, nas mesmas condições. O seguinte pareceu-nos mais promissor e meu amigo fez um exame metódico. Estava cheio de livros e papéis e, evidentemente, tinha sido usado como escritório. Com rapidez e cuidado, Holmes revistou o conteúdo de cada gaveta e de cada armário, mas não descobriu nada que animasse seu rosto austero. Ao fim de uma hora não tinha conseguido nenhum progresso.

– O cão matreiro apagou as pistas – disse. – Não deixou nada que pudesse incriminá-lo. Ele destruiu ou carregou sua correspondência comprometedora. Esta é nossa última esperança.

Era uma caixinha de estanho que estava em cima da escrivaninha. Holmes a abriu, com uma ferramenta. Dentro, vários rolos de papel, cobertos de números e cálculos, mas sem nenhuma indicação do que se tratava. A repetição das palavras “pressão da água” e “pressão por polegada quadrada” sugeria alguma possível relação com um submarino. Holmes, impaciente, jogou-os de lado. Restou apenas um envelope que continha pedacinhos de jornal. Despejou-os sobre a mesa e vi logo, pelo seu rosto ansioso, que as

esperanças haviam renascido.

– O que será isto, Watson? Hein? O que será? Registro de uma série de mensagens nos anúncios de um jornal. Pelo tipo de letra e pelo papel, os classificados do Daily Telegraph. Lado superior direito de uma página. Sem datas... mas as mensagens têm seqüência. Esta deve ser a primeira:

"Esperava receber notícias mais cedo. Condições aceitas. Escreva detalhadamente para endereço fornecido no cartão.
Pierrot."

– Em seguida temos:

"Complexo demais para entendimento. Necessito relatório completo. Grana o aguarda quando entregar mercadoria.
Pierrot."

– Depois vem:

"Assunto pressiona. Devo retirar proposta se não cumprir contrato. Marque encontro por carta. Confirmarei em anúncio.
Pierrot."

– E finalmente:

"Segunda à noite, depois das nove horas. Duas pancadas. Só nós. Não fique tão desconfiado. Pagamento em dinheiro vivo quando entregar mercadoria.
Pierrot."

– Um registro bem completo, Watson! Se nós pudéssemos chegar até o homem na outra ponta!...

Sentou-se, perdido nos seus pensamentos, batendo com os dedos na mesa. Finalmente levantou-se:

– Bem, talvez não seja tão difícil, afinal de contas. Não há nada mais que possamos fazer aqui, Watson. Acho melhor irmos até a redação do Daily Telegraph para encerrar nosso trabalho de hoje.

Mycroft Holmes e Lestrade compareceram ao encontro marcado para depois do café-da-manhã, no dia seguinte, e Sherlock contou-lhes o que

havíamos feito na noite anterior. O detetive profissional sacudiu a cabeça ao ouvir nossa confissão de arrombadores.

– Não podemos fazer essas coisas na polícia, sr. Holmes – disse Lestrade. – Não é de espantar que obtenha mais resultados do que nós. Mas qualquer dia desses o senhor irá longe demais e, juntamente com seu amigo, vai se meter em complicações...

– Pela Inglaterra, pelo lar e beleza... hein, Watson? Mártires no altar do país. Mas, o que você acha disso tudo, Mycroft?

– Excelente, Sherlock! Admirável! Mas o que pretende fazer com isso?

Holmes pegou o Daily Telegraph que estava em cima da mesa.

– Você viu a mensagem de Pierrot no jornal de hoje?

– O quê? Outra?

– Sim, aqui está:

"Hoje à noite. Mesma hora. Mesmo lugar. Duas pancadas. Importância vital. Sua própria segurança em jogo.

Pierrot."

– Por Deus! – exclamou Lestrade. – Se ele comparecer, nós o pegaremos!

– Foi esta a minha idéia, quando mandei colocar o anúncio. Creio que seria melhor ambos virem conosco ali pelas oito da noite até Caulfield Gardens, onde possivelmente chegaremos mais perto de uma solução.

Uma das características mais notáveis de Sherlock Holmes era sua capacidade de afastar da cabeça a ação e concentrar todos os seus pensamentos em coisas mais leves, quando se convencia de que não podia mais fazer um trabalho proveitoso. Lembro-me de que durante a maior parte daquele dia memorável ele ficou absorvido numa monografia que estava escrevendo sobre os Moteles Polifônicos de Lassus. Eu, de minha parte, era totalmente desprovido dessa capacidade de abstração, de modo que o dia pareceu-me interminável. A grande importância nacional do assunto, o suspense nos altos escalões, a natureza da experiência que iríamos tentar – tudo se combinou para meus nervos. Foi um alívio para mim quando, finalmente, depois de um jantar leve, começamos nossa expedição.

Lestrade e Mycroft, de acordo com o combinado, encontraram-se conosco diante da estação de Gloucester Road. A porta traseira da casa de Oberstein havia ficado destrancada na noite anterior, e eu tive de entrar por ela e abrir a

da frente, já que Mycroft Holmes se recusara, indignado, a pular as grades. Às nove horas nós estávamos sentados no escritório, aguardando pacientemente o nosso homem.

Passou-se uma hora, depois outra. Às 11, a batida compassada do relógio da igreja parecia soar como o naufrágio de nossas esperanças. Lestrade e Mycroft agitavam-se nos seus assentos e olhavam repetidamente para seus relógios. Holmes estava sentado quieto e calmo, as pálpebras semicerradas, mas com todos os sentidos alertas. Ao escutar um barulho, ergueu a cabeça.

– Ele vem vindo – murmurou.

Ouvimos passos furtivos do lado de fora, um arrastar de pés e depois duas batidas secas com a aldrava. Holmes se levantou, indicando-nos com um gesto que deveríamos continuar sentados. A iluminação a gás do vestíbulo nada mais era do que um fiozinho de luz. Ele abriu a porta da rua, e quando uma figura negra passou rapidamente por ele, Holmes fechou e trancou a porta.

– Por aqui! – nós o ouvimos dizer, e um instante depois o homem apareceu diante de nós. Holmes o havia seguido de perto, e quando o visitante se virou para escapar, com um grito de medo e espanto, Holmes o agarrou pelo pescoço e o atirou no chão do cômodo. Antes que o visitante tivesse tempo de recuperar o equilíbrio, Holmes trancou a porta e ficou encostado nela. O homem olhou em volta, vacilante, e caiu desmaiado no chão. Com a queda, seu chapéu de abas largas caiu, o cachecol deslizou deixando seu rosto à mostra, e vimos as feições suaves e delicadas, a barba clara do coronel Valentine Walter.

Holmes deu um assobio de surpresa:

– Desta vez você pode me descrever como um asno, Watson – ele disse. – Não era este o pássaro que eu esperava encontrar.

– Quem é ele? – perguntou Mycroft, ansioso.

– O irmão mais novo do falecido sir James Walter, chefe do departamento de submarinos. Sim, sim, estou vendo a seqüência dos acontecimentos agora. Bem, o homem está voltando a si. Acho melhor deixarem o interrogatório a meu cargo.

Tínhamos levado o corpo desmaiado para um sofá. O prisioneiro, recobrando os sentidos, sentou-se, olhou em volta com uma expressão apavorada e passou as mãos na testa, como alguém que não consegue acreditar no que vê.

– O que significa isto? – perguntou. – Vim aqui visitar o sr. Oberstein...

– Já sabemos de tudo, coronel Walter – disse Holmes. – Como um cavalheiro inglês pôde fazer isso é coisa que está além da minha compreensão. Mas toda a sua correspondência e seu relacionamento com Oberstein são de nosso conhecimento, assim como as circunstâncias ligadas à morte do jovem Cadogan West. Gostaria de aconselhá-lo a tentar diminuir sua pena arrependendo-se e confessando tudo, já que há alguns detalhes que só podemos saber por seu intermédio.

O homem gemeu e afundou a cabeça nas mãos. Esperamos, mas ele continuou em silêncio.

– Eu lhe asseguro – continuou Holmes – que conhecemos todos os fatos principais. Sabemos que o senhor precisava de dinheiro, que fez cópias das chaves de seu irmão e que se correspondia com Oberstein, que respondia às suas cartas por meio de anúncios classificados no Daily Telegraph. Sabemos que se dirigiu ao escritório de Woolwich na noite de segunda-feira, que foi visto e seguido por West que, possivelmente, tinha algum motivo para desconfiar do senhor. Ele viu seu roubo mas não pôde dar o alarme, já que seria possível que estivesse apenas pegando os documentos para levar para seu irmão em Londres. Deixando de lado seus problemas pessoais, como bom cidadão que era, ele o seguiu de perto, na neblina, e ficou nos seus calcanhares até chegarem a esta mesma casa. Aí ele interferiu e foi então, coronel Walter, que o senhor acrescentou à sua traição o crime mais terrível de assassinato.

– Eu não o matei! Eu não o matei! Juro, diante de Deus, que eu não o matei! – gritou nosso desprezível prisioneiro.

– Diga-nos, então, como Cadogan West morreu antes de vocês o atirarem no teto de um trem.

– Sim, direi. Juro-lhes que direi. Eu fiz o que o senhor contou, confesso-o. Foi exatamente como o senhor falou. Eu tinha de pagar uma dívida na Bolsa de Valores. Precisava muito de dinheiro, Oberstein me ofereceu 5 mil libras. Foi para salvar-me da ruína que agi. Mas, quanto ao assassinato, sou tão inocente quanto o senhor.

– O que aconteceu, então?

– Ele já suspeitava antes, e me seguiu, como o senhor mesmo disse. Eu não sabia disso, até que cheguei nesta porta. O nevoeiro era denso e não se enxergava além de 2 metros. Eu dei as duas pancadas e Oberstein veio abrir a

porta. O jovem surgiu de repente e exigiu que lhe explicássemos o que íamos fazer com os documentos. Oberstein tinha um cassetete pequeno, que carregava sempre com ele. Quando Cadogan West tentou entrar à força nesta casa, Oberstein o golpeou na cabeça. O golpe foi mortal. Ele morreu em cinco minutos. Ficou lá no vestíbulo, e nós não sabíamos o que fazer. Então Oberstein teve aquela idéia do trem, que parava embaixo da janela traseira. Mas primeiro ele examinou os papéis que eu havia trazido. Disse que três dos documentos eram essenciais e que precisaria ficar com eles. Mas eu disse que ele não podia ficar com os planos. Iria haver o diabo em Woolwich se não fossem devolvidos. Ele, porém, disse que tinha de ficar com os papéis, porque eram tão técnicos que era impossível copiá-los a tempo. Eu afirmei que todos deviam ser recolocados naquela mesma noite no cofre. Ele ficou pensando por um instante e depois disse que tinha encontrado uma solução. Ficaria com os três principais e colocaria os outros sete no bolso do rapaz. Quando o corpo fosse encontrado, tudo recairia sobre ele. Eu não via outra saída e então fizemos o que ele sugerira. Esperamos meia hora na janela até que um trem parasse. A neblina estava tão densa que não se conseguia ver nada, e não tivemos dificuldade em colocar o corpo de West no teto do vagão. Esse foi o fim do caso, no que me diz respeito.

– E seu irmão?

– Ele não disse nada, mas um dia ele me pegou com as suas chaves e acho que desconfiou. Eu vi a suspeita nos seus olhos. Como o senhor sabe, ele não agüentou o golpe.

Houve um silêncio no quarto, quebrado por Mycroft Holmes:

– Pode reparar o mal que fez? Isso aliviaria a sua consciência e, talvez, o seu castigo.

– Mas, o que posso fazer?

– Onde está Oberstein com os documentos?

– Não sei.

– Ele não lhe deu nenhum endereço?

– Disse que cartas para o Hôtel du Louvre, em Paris, acabariam chegando às mãos dele.

– Então a reparação ainda está ao seu alcance – disse Sherlock Holmes.

– Farei tudo o que puder. Não tenho simpatia por aquele sujeito; afinal, foi minha ruína e desgraça.

– Aqui tem papel e caneta. Sente-se nesta mesa e escreva o que lhe vou

ditar. Escreva no envelope o endereço dado. Isso, está ótimo. Agora, vamos à carta.

Caro senhor:

A respeito da nossa transação, o senhor já deve ter visto, a esta altura, que um detalhe essencial está faltando. Possuo um documento que preencherá essa lacuna. Entretanto, vi-me em novas dificuldades e devo pedir-lhe um novo adiantamento de 500 libras. Não confio no serviço do correio nem aceitarei nada a não ser ouro ou dinheiro. Poderia encontrá-lo no exterior, mas isso despertaria suspeita, caso eu deixasse o país no momento. Dessa forma, espero encontrá-lo no salão de fumar do Hotel Charing Cross, ao meio-dia de sábado. Lembre-se de que aceitarei somente dinheiro inglês ou ouro.

– Isto será o suficiente – continuou Holmes. – Ficarei muito surpreso se não atrair o nosso homem.

E atraiu! É uma questão de história – a história secreta de um país, que quase sempre é muito mais interessante do que os relatos públicos – que Oberstein, ansioso para completar o maior golpe de sua vida, caiu na armadilha e passou 15 anos numa prisão inglesa. Os valiosos planos do submarino Bruce-Partington foram encontrados em sua bagagem, planos que ele havia posto à venda em todos os centros navais da Europa. O coronel Walter morreu na prisão, no fim do segundo ano de sua pena. Quanto a Holmes, voltou, reanimado, a cuidar da monografia sobre os Motetes Polifônicos de Lassus, trabalho que mandara imprimir para distribuição num círculo restrito, e considerado pelos especialistas a última palavra sobre o tema.

Algumas semanas mais tarde eu soube, por acaso, que meu amigo havia passado um dia em Windsor, de onde voltou com uma belíssima esmeralda num prendedor de gravata. Quando lhe perguntei se o havia comprado, respondeu-me que fora presente de certa dama da nobreza, porque ele tivera a felicidade de resolver um pequeno caso do interesse dela. Não disse mais nada, mas eu acho que posso adivinhar o nome da augusta senhora, e não duvido que a esmeralda sempre fará meu amigo se recordar do caso dos planos do submarino Bruce-Partington.

O Detetive Moribundo

A senhora Hudson, senhoria de Sherlock Holmes, era uma mulher paciente. Seu apartamento do primeiro andar não só era invadido a toda hora por hordas de pessoas esquisitas e muitas vezes indesejáveis, como também seu notável inquilino tinha uma vida excêntrica e irregular, o que deve ter posto à prova a paciência dela. O incrível desmazelo dele, sua mania de tocar música nas horas mais impróprias, suas constantes práticas de tiro ao alvo dentro do quarto, as experimentações científicas estranhas e fedorentas, a atmosfera de violência e perigo que o cercava constantemente, tudo isso provavelmente fazia dele o pior inquilino de Londres. Por outro lado, o aluguel que pagava era nababesco. Não tenho dúvida de que a casa poderia ter sido comprada com o que Holmes pagou de aluguel pelos aposentos durante os anos em que morei com ele.

A senhoria o respeitava muitíssimo e jamais ousou intrometer-se na vida dele,

por mais estranhas que pudessem ser suas atitudes. Também gostava muito dele, pois ele demonstrava excepcional gentileza no trato com as mulheres. Sherlock não admirava as mulheres e desconfiava delas, mas sempre foi um adversário cavalheiresco. Sabendo como era sincera sua preocupação com ele, ouvi atentamente a história que ela me contou, quando veio me ver em minha casa, no segundo ano de meu casamento, falando-me da triste situação a que meu velho amigo estava reduzido.

– Ele está morrendo, dr. Watson – ela disse. – Faz três dias que está se afundando e temo que ele não viva um dia mais. Ele não me deixa chamar um médico. Hoje de manhã, quando vi os ossos quase furando a pele do seu rosto, os olhos grandes e brilhantes me fitando, não agüentei mais. “Com sua permissão ou sem ela, vou chamar um médico agora mesmo”, eu lhe disse. “Então, que seja o Watson”, ele respondeu. Eu não perderia um minuto, ou poderá encontrá-lo morto.

Fiquei horrorizado, porque eu não sabia da doença dele. Não preciso dizer que corri para pegar meu paletó e o chapéu. Enquanto estávamos indo para Baker Street, pedi-lhe mais detalhes.

– Posso lhe contar pouca coisa, senhor. Ele andou trabalhando num caso em Rotherhithe, numa ruazinha perto do rio, e voltou com essa doença. Deitou-se na quarta-feira à tarde e não se levantou mais. Durante estes últimos três dias não bebeu nem comeu.

– Deus do céu! Por que a senhora não chamou um médico?

– Ele não quer. O senhor bem sabe como ele é autoritário. Não ousei desobedecê-lo. Mas ele não ficará muito tempo neste mundo, como o senhor mesmo vai ver quando puser os olhos nele.

Era, de fato, um espetáculo deplorável. Na luz baça de um dia enevoado de novembro, o quarto do doente era um lugar triste, mas o que me gelou o coração foi aquele rosto lívido e descarnado, olhando-me da cama. Seus olhos tinham aquele brilho de febre, havia um vermelho doentio em ambas as faces e crostas escuras nos lábios; as mãos magras se contorciam incessantemente sobre o cobertor, a voz estava áspera e convulsiva. Quando entrei no quarto, ele continuou deitado, apático, mas ao me ver, seus olhos brilharam como sinal de reconhecimento da minha presença.

– Bem, Watson, parece que o negócio vai mal – ele disse numa voz débil, mas com um pouco do seu velho jeito despreocupado.

– Meu caro amigo! – exclamei, aproximando-me dele.

– Não se aproxime! Fique afastado! – disse num tom autoritário que eu só ouvia nos momentos de crise. – Se você se aproximar de mim, Watson, vou ser obrigado a lhe pedir que saia desta casa.

– Mas... por quê?

– Porque eu quero assim. Não lhe basta isso?

A senhora Hudson tinha razão. Ele estava mais autoritário do que nunca. Mas era lamentável ver seu esgotamento.

– Eu só queria ajudar – expliquei.

– Exatamente! Mas a melhor ajuda será fazer o que estou dizendo!

– Certamente, Holmes.

Ele abrandou sua atitude austera.

– Não ficou zangado? – perguntou, ofegante.

Pobre sujeito! Como eu podia ficar zangado vendo-o naquela situação angustiante na minha frente?

– É para o seu próprio bem, Watson – disse, numa voz rouca.

– Para o meu bem?...

– Eu sei o que está acontecendo comigo. É uma doença dos cules de

Sumatra – uma doença que os holandeses conhecem mais do que nós, embora lhe tenham dado pouca importância até hoje. Só uma coisa é certa – é infalivelmente mortal e tremendamente contagiosa.

Falava, agora, com uma energia febril, com as mãos magras se contorcendo e se agitando na tentativa de me manter afastado.

– Contagiosa pelo contato, Watson... sim, pelo contato. Fique longe e tudo estará bem.

– Por Deus, Holmes! Você acha que o que disse significa alguma coisa para mim, por um instante sequer? Não me afetaria se se tratasse de um estranho. Imagine se vai me impedir de cumprir meu dever para com um velho amigo.

Aproximei-me de novo, mas ele me repeliu com um olhar furioso.

– Se você ficar ali, eu falo. Do contrário, pode ir embora.

Tenho um respeito tão grande pelas qualidades excepcionais de Holmes que sempre me sujeitei às suas vontades, mesmo quando eu não conseguia entendê-las. Mas agora todos os meus instintos profissionais estavam alertas. Ele podia ser meu mestre em qualquer outro lugar, mas aqui eu estava no quarto de um doente.

– Holmes, você está perturbado. Um homem doente não passa de uma criança, e é assim que eu vou tratá-lo. Quer você goste ou não, vou examinar seus sintomas e medicá-lo.

– Se eu for obrigado a ter um médico, querendo ou não – ele disse, olhando-me com rancor –, deixe-me, pelo menos, ter um em que eu possa confiar...

– Então não confia em mim?

– Na sua amizade, sem dúvida. Mas fatos são fatos, Watson, e, afinal de contas, você é apenas um clínico geral com experiência limitada e dotes medíocres. É doloroso ter de lhe dizer estas coisas, mas você não me deixa escolha.

Fiquei profundamente magoado.

– Esta observação é indigna de você, Holmes. Ela me mostra claramente o estado de seus nervos. Mas, já que não confia em mim, não vou impor meus préstimos. Deixe-me trazer sir Jasper Meek, ou Penrose Fisher, ou qualquer um dos melhores médicos de Londres. Você precisa de um médico, e isto é definitivo. Se acha que vou ficar aqui e vê-lo morrer sem que eu o ajude ou traga algum outro médico para socorrê-lo, então você realmente não me

conhece.

– Sei que quer o meu bem, Watson – disse o doente, numa voz mista de soluço e gemido. – Quer que lhe mostre sua ignorância? O que você sabe, por exemplo, sobre a febre de Tapanuli? O que sabe sobre a peste negra de Formosa?

– Nunca ouvi falar em nenhuma delas.

– Há muitas doenças desconhecidas e muitas complicações patológicas estranhas no Oriente, Watson.

Ele fazia uma pausa depois de cada frase para juntar as forças que lhe restavam.

– Aprendi muito durante algumas pesquisas que fiz recentemente, pesquisas de caráter médico-legal. Foi durante uma delas que contraí esta moléstia. Não há nada que você possa fazer.

– Pode ser que não. Mas acontece que eu conheço o dr. Ainstree, a maior autoridade viva em doenças tropicais, e ele está na cidade no momento. Não adianta fazer objeções, Holmes; vou agora mesmo buscá-lo.

Virei-me decidido a sair. Nunca experimentei tamanho choque! Num instante, com um pulo de tigre, o homem agonizante me interceptou. Escutei o estalido seco da chave trancando a porta. Em seguida, cambaleando, ele voltou para a cama, exausto e ofegante, depois do tremendo dispêndio de energia.

– Não vai tirar a chave de mim à força, Watson. Eu o prendi, amigo. Você está aqui e aqui vai ficar até quando eu quiser. Mas vou satisfazer sua vontade.

Dizia isso em rápidos arrancos, esforçando-se tremendamente para respirar entre uma palavra e outra.

– Você quer apenas o meu bem. Claro que sei disso. Você vai fazê-lo, mas dê-me tempo para recuperar minhas forças. Agora não, Watson, agora não! São quatro horas agora. Às seis poderá ir.

– Mas isto é loucura, Holmes.

– Apenas duas horas, Watson. Eu lhe prometo que poderá sair às seis. Pode esperar?

– Não tenho outra alternativa.

– E não tem mesmo, Watson. Obrigado, não preciso de ajuda para arrumar as cobertas. Mantenha distância, por favor. E agora, Watson, há uma outra condição que vou impor. Você vai procurar ajuda, mas não do médico que

mencionou; será daquele que eu indicar.

– Está bem, então.

– Estas são as três primeiras palavras sensatas que você diz desde que entrou neste quarto, Watson. Ali na estante você vai encontrar alguns livros. Eu estou exausto; fico imaginando como uma bateria se sente quando joga eletricidade num mau condutor. Às seis horas, Watson, continuaremos nossa conversa.

Mas a conversa estava destinada a ser retomada muito antes da hora combinada, e em circunstâncias que me provocaram um tremendo susto, igual ao que levei quando ele trancou a porta. Eu havia ficado de pé durante algum tempo olhando a figura silenciosa na cama. O rosto estava quase todo coberto e ele parecia dormir. Incapaz de me concentrar em leituras, eu fiquei andando lentamente pelo quarto, olhando os retratos de criminosos famosos que adornavam as paredes. Finalmente, nessa minha perambulação, aproximei-me do consolo da lareira. Vários cachimbos, bolsas de fumo, seringas, canivetes, cartuchos de revólver e outros objetos estavam espalhados ali em cima. No meio de tudo isso havia uma caixinha branca e preta de marfim, com uma tampa móvel. Era um objeto bonito e eu estendi a mão para pegá-lo e examiná-lo mais de perto quando... Ele deu um grito horrível, um berro que deve ter sido ouvido na rua inteira. Quando me virei, vi um rosto convulso e olhos desvairados. Fiquei paralisado, com a caixinha na mão.

– Largue isso aí! Agora, Watson, agora!

Quando recoloquei o objeto no lugar, ele afundou de novo a cabeça no travesseiro e deu um suspiro de alívio.

– Detesto que mexam nas minhas coisas, Watson. Você sabe disso. Pare de me atormentar. Você, um médico, é capaz de mandar uma pessoa para o hospício... Sente-se, homem, e deixe-me descansar!

O incidente deixou em mim uma impressão extremamente desagradável. A excitação, violenta e injustificada, seguida pela brutalidade das palavras, normalmente gentis, tudo me demonstrou sua profunda desorganização mental. De todas as desgraças, a ruína de um cérebro privilegiado é a mais deplorável. Fiquei sentado, numa silenciosa mortificação, até chegar a hora marcada.

Ele parecia ter ficado de olho no relógio, como eu, porque eram quase 18 horas quando começou a falar com a mesma animação febril de antes.

– Agora, Watson – disse. – Tem dinheiro trocado?

– Tenho.

– Moedas?

– Bastante.

– Quantas meias-coroas?

– Cinco.

– Oh, muito pouco! Muito pouco! Que azar, Watson! Mas você pode colocá-las no bolsinho do relógio. Ponha o resto do seu dinheiro no bolso da calça. Obrigado. Isso vai ajudá-lo a manter seu equilíbrio.

Estava delirando! Estremeceu e novamente fez um som meio tosse, meio soluço.

– Acenda o bico de gás, Watson, mas tenha todo o cuidado para que ele não passe, nem por um momento, da metade de sua potência. Excelente. Não, não precisa fechar as cortinas. Agora, por favor, ponha algumas cartas e jornais nesta mesa, aqui perto. Obrigado. Agora, um pouco do material do consolo da lareira. Excelente, Watson. Ali está uma pinça para os tabletes de açúcar. Pegue com ela a caixinha de marfim. Coloque aqui entre os jornais. Está ótimo! Agora pode ir e trazer o sr. Culverton Smith, que mora em Lower Burke Street, no 13.

Para dizer a verdade, minha vontade de ir buscar um médico tinha diminuído, porque o pobre Holmes estava delirando e me pareceu perigoso deixá-lo sozinho. Entretanto, agora ele estava tão ansioso para consultar aquela pessoa como estivera obstinado em não aceitar antes.

– Nunca ouvi falar neste nome – eu disse.

– Possivelmente não, meu bom Watson. Talvez fique surpreso ao saber que o homem que mais entende dessa doença no mundo não é um médico, mas um agricultor. O sr. Culverton Smith é um conhecido fazendeiro residente em Sumatra, agora em visita a Londres. Um surto desta moléstia em sua plantação, distante de qualquer assistência médica, obrigou-o a estudá-la profundamente, com resultados impressionantes. É uma pessoa muito metódica e eu não queria que você fosse buscá-lo antes das seis horas porque sei que não o encontraria em casa. Se você puder convencê-lo a vir aqui, com sua excepcional experiência da doença – assunto que se tornou seu passatempo predileto –, tenho certeza de que ele poderá me ajudar.

Transcrevo as palavras de Holmes sem quebrar a seqüência, não mostrando como eram interrompidas pela falta de ar, e as mãos crispadas que indicavam

a dor que estava sofrendo. A aparência dele havia piorado nas poucas horas em que eu estivera ali no quarto. As manchas vermelhas no rosto estavam maiores, os olhos mais brilhantes nas cavidades ainda mais escuras e um suor frio surgira na testa. Mas ainda mantinha o tom imperioso ao falar. Até o último suspiro ele seria sempre o mestre.

– Conte-lhe exatamente como me deixou. Transmita a impressão que você tem de mim... um homem agonizante... em delírios... Para falar a verdade, não consigo entender por que o leito do mar não é uma massa sólida feita de ostras, já que elas parecem proliferar tanto. Oh, estou delirando de novo... É estranho como o cérebro controla o cérebro! O que eu estava dizendo, Watson?

– Instruções para minha conversa com o sr. Culverton Smith.

– Ah, sim, eu me lembro agora. Minha vida depende disso. Insista com ele, Watson. Não estamos em boas relações. Seu sobrinho... eu desconfiei de algo irregular... e fiz com que ele visse isso. O rapaz teve uma morte horrível. Ele tem mágoa de mim. Você vai convencê-lo, Watson. Implore, suplique, traga-o aqui de qualquer maneira. Ele pode me salvar – só ele!

– Eu o trarei num carro, mesmo que tenha de arrastá-lo!

– Nem pense em fazer uma coisa assim! Você tem de convencê-lo a vir. E volte sozinho, antes dele. Dê uma desculpa qualquer, mas não venha com ele. Não se esqueça, Watson. Não me decepcione. Você nunca me falhou antes. Não há dúvida de que existem inimigos naturais que limitam o aumento das criaturas. Você e eu, Watson, fizemos a nossa parte. O mundo deve, então, ser invadido por ostras? Não, não, é horrível! Você vai transmitir tudo o que está na sua mente!

Deixei-o e saí com a imagem de um intelecto magnífico tagarelando como uma criança retardada. Levei a chave, com medo de ele se trancar no quarto. A sra. Hudson, trêmula e chorosa, me aguardava no corredor. Quando passei por ela, ainda ouvi a voz aguda e penetrante de Holmes numa cantoria delirante. Na rua, enquanto chamava um carro, um homem aproximou-se de mim em meio à neblina.

– Como está o sr. Holmes? – perguntou.

Era um velho conhecido, o inspetor Morton, da Scotland Yard.

– Ele está muito doente – respondi.

Ele me fitou de um modo estranho. Se não fosse perverso demais, eu diria ter visto em seu rosto, à luz do lampião, uma espécie de alegria...

– Ouvi falar – ele comentou.

O cabriolé se aproximou e eu fui embora. Lower Burke Street era uma fila de belas casas, situadas num trecho entre Notting Hill e Kensington. A casa, diante da qual o cocheiro parou, tinha um aspecto de sóbria respeitabilidade, com grades de ferro de estilo antigo, porta maciça de folha dupla, ornatos de bronze reluzente. Tudo combinava com o solene mordomo que apareceu, enquadrado numa claridade rósea de uma lâmpada atrás dele.

– Sim, o sr. Culverton Smith está. Dr. Watson? Muito bem, senhor, vou levar-lhe o seu cartão.

Meu nome e meu título humildes pareceram não impressionar o sr. Culverton Smith. Pela porta entreaberta ouvi uma voz alta, petulante, penetrante.

– Quem é ele? O que quer? Ora, Staples, quantas vezes eu tenho de lhe dizer que não quero ser incomodado nas minhas horas de estudo?

Seguiu-se uma série de desculpas do mordomo.

– Bem, não vou recebê-lo, Staples. Não posso interromper meu trabalho desta forma. Não estou em casa. Diga-lhe isso. Diga-lhe para voltar amanhã de manhã, se realmente precisa falar comigo.

Novamente ouvi o murmúrio respeitoso.

– Bem, bem, diga-lhe isso. Ele pode vir de manhã, ou não vir. Meu trabalho não pode ser interrompido.

Pensei em Holmes, se contorcendo doente na cama e talvez contando os minutos até eu poder levar-lhe ajuda. Não era hora para cerimônias. A vida dele dependia de minha presteza. Antes que o mordomo constrangido me desse o recado, eu o empurrei e entrei na sala.

Com um grito estridente de raiva, um homem levantou-se da espreguiçadeira ao lado da lareira. Vi um rosto amarelo e grande, grosseiro e gorduroso, com uma papada acentuada e os olhos ameaçadores sob as sobrancelhas espessas e grisalhas fixos em mim. A cabeça pontuda e calva tinha um pequeno barrete de veludo inclinado sobre um dos lados do crânio rosado. A cabeça era grande, mas quando olhei para ele, vi, com espanto, que o corpo do homem era pequeno e frágil, curvado nos ombros e nas costas, como alguém que tivesse sofrido de raquitismo na infância.

– O que significa isso? – perguntou numa voz alta e estridente. – O que significa esta intromissão? Não mandei lhe dizer que só o receberia amanhã cedo?

– Lamento muito – eu disse –, mas o assunto não pode ser adiado. Sherlock Holmes...

A menção ao nome do meu amigo produziu um efeito extraordinário no homenzinho. A raiva estampada no rosto sumiu de repente. Sua expressão ficou tensa e alerta.

– Você vem da parte de Holmes?

– Acabei de deixá-lo.

– E Holmes, como está?

– Terrivelmente doente. Vim por causa disso.

Ele indicou-me uma cadeira e voltou para o seu lugar. Quando eu estava para me sentar, vi o rosto dele refletido no espelho sobre a lareira. Podia jurar que vi um sorriso malicioso e diabólico. Mesmo assim tentei convencer-me de que se tratava de algum tique nervoso, porque logo em seguida ele se virou para mim com uma expressão de verdadeira preocupação no rosto.

– Sinto muito ouvi-lo dizer isso. Só conheço o sr. Holmes por causa de uns negócios que mantivemos, mas tenho grande respeito pelo seu talento e caráter. Ele é um estudioso do crime como eu o sou das doenças. Para ele, o criminoso, para mim, o micróbio. Lá estão minhas prisões.

Ao dizer isso, apontou para uma fila de frascos e tubos de ensaio que estavam sobre uma mesa.

– No meio daquelas culturas gelatinosas estão cumprindo pena alguns dos piores malfeitores do mundo.

– É por causa do seu conhecimento especial que Sherlock deseja vê-lo. Ele o tem em alta conta e acha que é o único homem em Londres que pode salvá-lo.

O homenzinho estremeceu e o elegante barrete caiu no chão.

– Por quê? – perguntou. – Por que o sr. Holmes acha que eu poderia ajudá-lo agora?

– Por causa de seus conhecimentos sobre doenças orientais.

– Mas por que ele acha que a doença que contraiu seja oriental?

– Ele trabalhou recentemente entre marinheiros chineses, nas docas, num caso qualquer.

O sr. Culverton sorriu com satisfação e pegou o barrete do chão.

– Oh, é isso então, hein? Acho que o caso pode não ser tão grave quanto o senhor supõe. Há quanto tempo ele está doente?

– Faz uns três dias.

– Tem tido delírios?

– De vez em quando.

– Ora, ora, isto me parece grave. Seria desumano não atender ao seu pedido de socorro. Não gosto de interromper os meus estudos, dr. Watson, mas este caso é, de fato, excepcional. Irei imediatamente com o senhor.

Lembrei-me da recomendação de Holmes.

– Tenho outro compromisso – desculpei-me.

– Muito bem, irei sozinho, então. Tenho seu endereço anotado. Prometo que estarei lá dentro de meia hora, no máximo.

Com o coração apreensivo, voltei ao quarto de Holmes. Temia que o pior tivesse acontecido na minha ausência. Para meu grande alívio, porém, ele tinha melhorado bastante desde que eu saíra. Sua aparência ainda era horrível, mas não estava mais delirando e falava com uma voz fraca, é verdade, porém com mais lucidez e vivacidade do que o normal.

– E então, esteve com ele, Watson?

– Sim, ele está a caminho.

– Formidável, Watson! Formidável! Você é o melhor dos mensageiros!

– Ele queria vir comigo.

– Mas de maneira alguma. Isto não poderia ser. Ele lhe perguntou o que tenho?

– Eu falei dos chineses no East End...

– Ótimo! Bem, Watson, você fez tudo o que um bom amigo podia fazer. Pode sair de cena agora.

– Tenho de esperar para ouvir o diagnóstico dele, Holmes.

– Claro que sim. Mas tenho motivos para supor que a opinião dele será muito mais franca e valiosa se ele pensar que estamos sozinhos. Há espaço suficiente para você se esconder atrás da cabeceira da cama, Watson.

– Holmes!...

– Receio que não haja alternativa, meu amigo. O lugar não despertará suspeita, pois não é próprio para servir de esconderijo. Creio que é o único lugar em que você poderá ficar.

Sentou-se de repente, com uma expressão rígida no rosto descarnado.

– Aí está ele, Watson. Depressa, homem, se gosta de mim! E não se mexa, aconteça o que acontecer, seja lá o que for, ouviu bem? Não diga uma palavra! Não faça um movimento! Apenas fique atento.

Logo em seguida, seu repentino acesso de energia sumiu, e sua fala,

autoritária e dominadora, transformou-se no murmúrio vago e baixo de uma pessoa delirante.

Do esconderijo onde me instalei rapidamente, ouvi passos subindo a escada, a porta do quarto sendo aberta e fechada. Então, para minha surpresa, houve um longo silêncio, quebrado apenas pela respiração pesada e ofegante do doente. Eu podia imaginar o visitante de pé ao lado da cama, olhando para o meu amigo sofredor. Finalmente, o estranho silêncio foi rompido.

– Holmes! Holmes! – chamou o visitante, no tom insistente de alguém que acorda um dorminhoco. – Pode me ouvir, Holmes?

Ouvi em seguida um farfalhar de panos, como se ele estivesse sacudindo o doente vigorosamente pelos ombros.

– É o sr. Smith? – murmurou Holmes. – Duvidava que viesse.

O outro riu.

– Eu já sabia – respondeu. – E mesmo assim, como vê, aqui estou. Retribuição! Retribuição!

– Foi muita bondade... muito nobre de sua parte. Eu respeito os seus conhecimentos especiais.

O visitante riu, sarcástico.

– Verdade? Felizmente, você é o único homem em Londres que o aprecia. Sabe o que há com você?

– A mesma doença – murmurou Holmes.

– Ah, então você reconhece os sintomas?

– Demais... demais...

– Bem, eu não deveria ficar surpreso, Holmes. Eu não deveria ficar surpreso se fosse a mesma doença. Pior para você, se for ela. O pobre Victor morreu no quarto dia – um jovem forte e saudável. Como você disse, na verdade foi surpreendente que ele tivesse contraído uma remota doença asiática, em pleno coração de Londres – doença sobre a qual fiz um estudo especial. Estranha coincidência, Holmes. Você foi muito esperto em tê-la notado mas foi falta de caridade sugerir que entre os dois fatos existia relação de causa e efeito...

– Eu sabia que você a havia provocado.

– Oh, sabia, não? Bem, não podia provar, de qualquer modo. Mas o que acha de ficar me difamando e depois vir rastejando aos meus pés na hora em que está com problemas? Que tipo de jogo é esse, hein?

Ouvi a respiração difícil e entrecortada do doente.

– Quero água! – ele arquejou.

– Você está no fim, meu caro, mas não quero que morra sem escutar algumas coisas que tenho para lhe dizer. É por isso que vou dar-lhe a água. Aí está... não a beba de uma vez... está bom. Está entendendo o que eu digo?

– Faça o que puder por mim – Sherlock murmurou. – Águas passadas não movem moinho. Vou tirar da cabeça o que eu sei, juro que vou. Apenas me cure... e eu esquecerei o que sei...

– Esquecer o quê?

– Ora, sobre a morte de Victor Savage. Acabou de admitir que o matou... Eu vou esquecer isso...

– Faça como quiser, pode esquecer ou não. Não o vejo no banco de testemunhas. Vejo-o dentro de um caixão, meu caro Holmes, isso eu lhe garanto. Pouco me importa que você saiba como meu sobrinho morreu. Não estamos falando sobre ele. Estamos falando sobre você.

– Sim... sim...

– O sujeito que me procurou – esqueci seu nome – disse-me que você contraiu a doença trabalhando no East End, no meio de marinheiros.

– Só posso achar que foi isso...

– Você se orgulha da sua inteligência, não é? Acha que é esperto, hein? Agora você encontrou alguém que é mais esperto do que você. Tente lembrar-se, Holmes. Não acha que pode ter sido contaminado de outra forma?

– Não consigo pensar... a lembrança sumiu... Pelo amor de Deus, me ajude!

– Sim, vou ajudá-lo. Vou ajudá-lo a se lembrar de onde e como você pegou a peste. Gostaria que você soubesse disso, antes de morrer.

– Dê-me alguma coisa para aliviar a dor...

– Está doendo, hein? Sim, os cules berravam de dor quando estavam perto do fim. É uma espécie de câimbra, imagino.

– Sim... sim... câimbras...

– Bem, de qualquer modo, pode escutar o que tenho a lhe dizer. Escute, então! Você se lembra de algum incidente incomum na sua vida, pouco antes de os sintomas aparecerem?

– Não, não, nada...

– Pense de novo!

– Estou muito doente para pensar...

– Bem, então eu vou ajudá-lo. Chegou alguma coisa pelo correio?...

– Pelo correio?

– Uma caixinha, por acaso?

– Estou desmaiando... vou morrer...

– Ouça, Holmes!

Escutei um ruído, como se ele estivesse sacudindo o homem agonizante, e eu só podia ficar quieto no meu esconderijo.

– Você tem de me ouvir! – continuou ele. – Você vai me ouvir! Você se lembra de uma caixinha... uma caixinha de marfim? Veio no correio de quarta-feira. Você a abriu, lembra-se?

– Sim... sim, eu a abri. Havia uma agulha movida por mola... alguma brincadeira...

– Não era nenhuma brincadeira, como vai descobrir à própria custa. Idiota, você procurou e achou! Quem lhe pediu para ficar no meu caminho? Se me tivesse deixado em paz, eu não o prejudicaria.

– Eu me lembro – Holmes sussurrou. – A mola! Tirou sangue. Aquela caixinha... aquela caixinha na mesa...

– Esta mesmo, é claro! E vou levá-la comigo, no meu bolso, quando sair. Lá se vai sua última possibilidade de prova. Mas você acabou de ouvir a verdade agora, Holmes, e pode morrer com a certeza de que eu o matei. Você sabia demais a respeito do destino de Victor Savage; de modo que resolvi que você devia ter o mesmo destino. Você está no fim, Holmes. Vou me sentar aqui e vê-lo morrer.

A voz de Sherlock Holmes tinha se transformado num murmúrio quase inaudível.

– Como? – perguntou Culverton Smith. – Aumentar a luz do gás? Ah, as sombras começam a cair, não é? Sim, eu vou aumentá-la para poder vê-lo melhor.

Ele atravessou o quarto e a luz brilhou de repente.

– Mais alguma coisinha que eu possa fazer, amigo?

– Fósforo e cigarro.

Quase gritei de alegria e espanto. Ele estava falando com sua voz normal – um pouco fraca, talvez, mas aquela voz que eu conhecia. Houve um longo silêncio e eu senti que Culverton Smith estava parado, em silêncio, olhando espantado para o meu amigo.

– O que significa isso?... – eu o ouvi perguntar finalmente, num tom seco e áspero.

– A melhor maneira de se representar com sucesso é identificar-se com o papel – respondeu Holmes. – Dou-lhe minha palavra de que nos últimos três dias não toquei em comida nem em bebida até que você teve a bondade de me dar aquele copo d'água. Mas eu senti mais falta foi do fumo. Ah, aqui estão alguns cigarros!...

Ouvi quando ele riscou um fósforo.

– Assim é muito melhor. Ora, ora, estarei escutando os passos de um amigo?

De fato, ouvi passos do lado de fora, a porta foi aberta e apareceu o inspetor Morton.

– Está tudo bem e este é o seu homem – disse Sherlock Holmes.

O policial fez as advertências habituais e concluiu:

– Eu o prendo pelo assassinato de Victor Savage.

– E pode acrescentar a tentativa de assassinato de Sherlock Holmes – comentou meu amigo com um risinho. – Para poupar trabalho a um inválido, o sr. Culverton teve a bondade de fazer o nosso sinal, inspetor, aumentando a luz do gás. A propósito, o seu prisioneiro tem uma caixinha no bolso direito do paletó que seria melhor retirar. Se eu fosse você, teria mais cuidado ao mexer nela. Ponha-a aqui. Vai ser muito importante no julgamento.

Ouvi uma corrida repentina e barulho de luta, e em seguida um tilintar de metais e um grito de dor.

– Vai apenas se machucar – disse o inspetor. – Fique quieto, está bem?

Escutei o ruído de algemas se fechando.

– Uma bela armadilha! – gritou o prisioneiro num tom estridente e ríspido. – Isso levará você à cadeia, Holmes, e não eu. Ele me pediu para vir aqui curá-lo. Senti pena e vim. Agora, sem dúvida vai alegar que eu disse alguma coisa que pode inventar, e que vai confirmar suas suspeitas doentias. Pode mentir à vontade, Holmes. Minha palavra sempre vai valer tanto quanto a sua.

– Meu Deus! – exclamou Holmes. – Esqueci-me totalmente dele! Meu caro Watson, devo-lhe mil desculpas. E pensar que eu me esqueci de você! Não é necessário que eu o apresente ao sr. Culverton Smith, porque eu sei que se conheceram há pouco. O carro está lá embaixo? Vou acompanhá-lo, inspetor, depois de me vestir, porque posso ser útil na delegacia.

– Nunca precisei tanto disso – disse Holmes, se reabastecendo com um copo de vinho e bolachas enquanto tirava a maquiagem. – Você bem sabe

como meus hábitos são irregulares, e fazer o que fiz foi bem mais fácil para mim do que para a maioria das pessoas. Era indispensável que a sra. Hudson ficasse impressionada com o meu estado, já que ela transmitiria a impressão a você, e você a transmitiria a Culverton Smith. Você não vai ficar zangado, não é, Watson? Você vai perceber que, entre os seus muitos talentos, não há lugar para a dissimulação, e que, se soubesse do meu segredo, não conseguiria convencer o sr. Smith da necessidade imperiosa de sua presença, ponto vital de todo o esquema. Conhecendo a natureza vingativa dele, eu tinha certeza de que ele viria conferir o seu próprio trabalho...

– Mas, e sua aparência, Holmes, seu rosto cadavérico?...

– Três dias de jejum total não ajudam a embelezar ninguém, Watson. Quanto ao resto, não existe nada que uma boa esponja não consiga curar... Com vaselina na testa, beladona nos olhos e crostas de cera nos lábios a gente consegue produzir um bom efeito. Disfarce é um assunto sobre o qual eu já pensei em escrever uma monografia. Uma conversinha de vez em quando sobre meias-coroas, ostras ou qualquer outro assunto esquisito pode produzir um efeito convincente de delírio.

– Mas por que não deixou que eu me aproximasse de você quando, na verdade, não havia perigo de infecção?

– Você ainda pergunta, meu caro Watson? Acredita que eu não tenha respeito pelos seus dotes médicos? Eu podia imaginar que, com seu julgamento perspicaz, você iria acreditar que um homem agonizante, embora fraco, não apresentasse aumento de temperatura nem pulso? Eu conseguiria enganar você a uns 3 metros de distância. Se não conseguisse, quem traria o sr. Smith ao alcance? Não, Watson, eu não mexeria naquela caixinha. Você mesmo pode ver, se olhar de lado, por onde a lâmina afiada pula como um dente de víbora quando a abrimos. Eu diria que o pobre Savage, que se interpôs entre o monstro e a herança, foi morto de forma semelhante. Mas minha correspondência é muito variada, como você sabe, e eu fico sempre em guarda com relação aos pacotes que me chegam. Mas ficou claro para mim que somente fingindo que ele tivera êxito na sua tentativa é que eu poderia conseguir uma confissão de culpa. Representei o papel com a perfeição de verdadeiro artista. Obrigado, Watson, ajude-me a vestir o casaco. Assim que terminarmos tudo na delegacia, creio que alguma coisa bem nutritiva no Simpson não seria inconveniente.

O Desaparecimento de Lady Frances Carfax

– Mas por que turco? – perguntou Sherlock Holmes, olhando fixamente para minhas botas. Eu estava deitado em uma cadeira de vime, e meus pés esticados haviam atraído sua atenção sempre vigilante.

– Inglês! – respondi com certa surpresa. – Eu as comprei em Latimer, na Oxford Street.

Ele sorriu com uma expressão de paciência entediada.

– O banho! – ele disse. – O banho! Por que o debilitante e caro banho turco em vez do revigorante artigo caseiro?

– É porque, nesses últimos dias, eu me senti velho e reumático. Um banho turco é o que chamamos, na medicina, de uma alternativa – um novo ponto de partida, um purificador do sistema. A propósito, Holmes, não tenho dúvida de que a relação

entre minhas botas e o banho turco é óbvia para uma mente lógica, mas eu ficaria grato se você a explicasse para mim.

– A seqüência do raciocínio não é muito difícil, Watson – ele disse, dando uma piscadela maliciosa. – Pertence à mesma categoria elementar de dedução que eu precisaria explicar se lhe perguntasse quem estava no carro com você hoje de manhã...

– Eu não acho que um novo exemplo seja uma explicação – respondi com certa aspereza.

– Bravo, Watson! Uma reclamação digna e lógica. Deixe-me ver, quais são os pontos? Vejamos, em primeiro lugar, o último. O táxi. Observe que você tem borrifos na manga esquerda e no ombro do seu casaco. Se você tivesse se sentado no meio, com toda a certeza não os teria e, caso os tivesse, seriam simétricos. Portanto, fica claro que você se sentou de um lado. Também está claro que tinha um companheiro.

– Isto é evidente.

– Tremendamente corriqueiro, não?

– Mas, e as botas e o banho turco?

– Também infantis. Você tem o hábito de amarrar suas botas de um certo jeito. Agora eu as vejo amarradas com um laço duplo e caprichado, o que não é o seu modo habitual. Assim você as tirou. Quem as arrumou para você? Um sapateiro ou o rapaz que trabalha no banho turco. Não me parece ser o sapateiro, pois suas botas são praticamente novas. Então, o que resta? O banho. Fácil, não? Mas, por isso tudo, o banho turco serviu para alguma coisa.

– Para quê?

– Você disse que tomou o banho porque precisa de uma mudança. Deixe-me sugerir-lhe que faça uma. Que tal Lausanne, meu caro Watson, com passagens de primeira classe e todas as despesas pagas nababescamente?

– Esplêndido! Mas, por quê?

Holmes recostou-se na poltrona e tirou o caderninho do bolso.

– A mulher sem amigos e nômade constitui uma das classes mais perigosas do mundo. Ela é a mais inofensiva e freqüentemente a mais útil dos mortais, mas quase sempre se torna a incitadora de crimes nas outras pessoas. É um pássaro migratório, tem meios suficientes para se mudar de um país para outro, e de um hotel para outro. Freqüentemente fica perdida num labirinto de pensões e hospedarias humildes. É uma galinha perdida num mundo de raposas. Quando desaparece, ninguém sente sua falta. Temo que algo de ruim tenha acontecido com lady Frances Carfax.

Fiquei aliviado quando ele passou do geral para o particular. Consultou suas anotações.

– Lady Frances – ele continuou – é a única descendente direta viva do falecido conde Rufton. As propriedades da família, como você deve se lembrar, passaram para os herdeiros masculinos, de modo que ela ficou com recursos limitados, mas com antigas e extraordinárias jóias espanholas de prata e diamantes curiosamente lapidados, aos quais ficou profundamente apegada – tão apegada que se recusou a deixá-los com seu banqueiro, e sempre os carrega consigo. Uma figura bastante patética essa, lady Frances, uma mulher bonita, no início da meia-idade e, ainda assim, por um estranho acaso, a última descendente daquilo que, há apenas vinte anos, era uma linhagem ilustre.

– O que aconteceu com ela?

– Ah, o que aconteceu a lady Frances? Está viva ou morta? Este é o nosso problema. Ela é uma mulher de hábitos regulares e durante quatro anos

manteve o hábito invariável de escrever, de duas em duas semanas, uma carta à senhorita Dobney, sua antiga governanta, já aposentada e que mora em Camberwell. Foi essa senhorita Dobney quem me consultou. Já se passaram quase cinco semanas sem uma única palavra. A última carta veio do Hôtel National, em Lausanne. Parece que lady Frances saiu de lá e não deixou endereço. Os parentes estão ansiosos e, como são imensamente ricos, não vão economizar para esclarecermos este caso.

– A senhorita Dobney é a única fonte de informações? Ela não se correspondia com outras pessoas?

– Há um correspondente que é uma tacada certa, Watson. É o banco. Mulheres solteiras precisam viver, e seus talões de cheques são diários condensados. Ela mantém conta no Silvester. Dei uma olhada. O penúltimo cheque sacado foi para pagar a conta de Lausanne, mas foi um cheque graúdo, o que provavelmente deve tê-la deixado com dinheiro. Desde então, apenas um cheque foi sacado.

– Em favor de quem, e quando?

– Para a senhorita Marie Devine. Não há nada que mostre onde o cheque foi emitido. Foi descontado no Crédit Lyonnais em Montpellier há menos de três semanas. O total era de 50 libras.

– E quem é esta senhorita Marie Devine?

– Tive de descobrir isso também. Ela era a criada de lady Frances Carfax. Por que esta lhe pagou este cheque ainda não sabemos. Mas tenho certeza de que suas pesquisas vão esclarecer logo o caso.

– Minhas pesquisas?!

– Eis aí o motivo de sua saudável expedição a Lausanne. Você sabe que eu não posso sair de Londres enquanto o velho Abrahams estiver com tanto medo de morrer. Além do mais, em princípio, é melhor que eu não saia do país. A Scotland Yard se sente órfã sem a minha presença e isso provoca uma excitação mórbida entre os criminosos do país. Vá, então, meu caro Watson, e se meu humilde conselho pode ser útil à extravagante quantia de 2 pence por palavra, estará à sua disposição noite e dia, neste lado do telégrafo.

Dois dias depois eu já estava no Hôtel National, em Lausanne, onde recebi todas as atenções do sr. Moser, o conhecido gerente. Ele me informou que lady Frances ficara hospedada ali durante várias semanas. Todos que a conheciam gostavam muito dela. Não tinha mais de 40 anos. Ainda era bonita e conservava sinais de ter sido uma mulher adorável na juventude. O sr.

Moser, o gerente, nada sabia a respeito de jóias valiosas, mas os empregados haviam notado que no quarto da mulher havia uma mala pesada que estava sempre cuidadosamente trancada. Marie Devine, a criada, era tão conhecida quanto a patroa. Estava noiva de um dos chefes dos garções do hotel, de modo que não foi difícil descobrir seu endereço, rue de Trajan, 11, Montpellier. Anotei tudo isso e tive a sensação de que nem Sherlock Holmes teria apurado os fatos com tanta rapidez.

Apenas um detalhe permaneceu obscuro. Nenhuma informação de que eu dispunha explicava a partida repentina da mulher. Ela estava muito feliz em Lausanne. Havia todos os motivos para se acreditar que ela pretendia ficar durante toda a temporada no seu luxuoso apartamento que dava para o lago. Mas ela foi embora sem dizer uma palavra, perdendo uma semana de aluguel já pago. Somente Jules Vibart, o noivo da criada, tinha alguma sugestão a dar. Ele relacionava a partida repentina à visita, ao hotel, um ou dois dias antes, de um homem alto, moreno e barbudo.

– Un sauvage... un véritable sauvage! – exclamou Jules Vibart.

O homem morava em algum lugar da cidade, pois fora visto conversando antes com lady Frances na avenida perto do lago. Depois aparecera no hotel e ela se recusara a vê-lo. Ele era inglês, mas ninguém sabia seu nome. Ela foi embora logo depois disso. Jules Vibart e, o que é mais importante, sua noiva pensavam que a visita e a partida tinham uma relação de causa e efeito. Jules só não falava sobre uma coisa – o motivo por que Marie deixara a patroa. Sobre isso ele não podia ou não queria dizer nada. Se eu quisesse saber, deveria ir a Montpellier e perguntar a ela.

Terminou assim o primeiro capítulo de minhas investigações. Dediquei o segundo ao lugar para onde lady Frances Carfax foi quando saiu de Lausanne. Sobre este ponto havia um certo mistério, o que confirmava a teoria de que ela partira com a intenção de despistar alguém. Do contrário, por que sua bagagem não fora endereçada abertamente a Baden? Tanto a mulher como a bagagem chegaram à estação de Rhenish por uma rota indireta. Fiquei sabendo disso pelo gerente da agência Cook. Parti, então, para Baden, depois de enviar a Holmes um relato de tudo o que já fizera e receber, em resposta, um elogio meio irônico.

Não foi difícil seguir a pista dela em Baden. Lady Frances passara 15 dias hospedada no Englischer Hof. Ali fizera amizade com um tal dr. Shlessinger e a esposa, um missionário da América do Sul. Como a maioria das mulheres

solitárias, ela encontrou conforto e ocupação na religião. Ela foi profundamente afetada pela personalidade marcante do dr. Shlessinger, sua devoção desinteressada, e pelo fato de estar se recuperando de uma doença contraída no exercício de suas funções apostólicas. Ela ajudava a sra. Shlessinger a tomar conta do santo convalescente. Ele passava o dia todo numa espreguiçadeira colocada no alpendre, com as duas mulheres como solícitas enfermeiras, uma de cada lado. Estava preparando um mapa da Terra Santa, com referência especial ao reino dos Medianistas, sobre os quais estava escrevendo uma monografia. Finalmente, com a saúde bem melhor, ele e a esposa voltaram para Londres, e lady Frances partira com eles. Isso acontecera apenas três semanas antes, e o gerente nada mais ouvira desde então.

Quanto à criada, Marie, partira alguns dias antes, chorando, depois de informar às outras criadas que estava deixando o serviço definitivamente. O dr. Shlessinger pagara as despesas de todo o grupo antes de partir.

– A propósito – completou o gerente –, o senhor não foi o único amigo de lady Frances Carfax que perguntou por ela nestes últimos dias. Há uma semana, mais ou menos, esteve aqui um senhor com o mesmo propósito.

– Ele deu o nome? – perguntei.

– Não, mas ele era inglês, embora de um tipo pouco comum.

– Um selvagem? – arrisquei, ligando os fatos à maneira de meu ilustre amigo Holmes.

– Exatamente. Esta palavra o descreve muito bem. É um sujeito corpulento, barbudo, queimado de sol, um tipo que ficaria mais à vontade numa pensão de roceiros do que num hotel de luxo. Um sujeito durão, violento eu diria, e alguém que eu lamentaria irritar.

O mistério começava a se definir, com os personagens mais nítidos à medida que a névoa ia se dissipando. Aqui estava a mulher boa e piedosa, perseguida em todos os lugares por uma figura sinistra e insistente. Ela o temia, ou não teria fugido de Lausanne. Ele a seguiu. Mais cedo ou mais tarde ele a alcançaria. Já teria conseguido? Seria esse o segredo do prolongado silêncio de lady Frances Carfax? Será que seus companheiros, pessoas boas, a teriam escondido da violência e chantagem dele? Que propósito terrível, que plano obscuro estavam por trás de sua perseguição longa e implacável? Este era o problema que eu tinha de resolver.

Escrevi a Holmes mostrando-lhe com que rapidez e precisão eu atingira o

âmago da questão. Sua resposta foi um telegrama pedindo uma descrição da orelha esquerda do dr. Shlessinger. O conceito de humor de Holmes às vezes é estranho e ofensivo, de modo que não dei atenção à brincadeira. Na verdade, eu já havia chegado a Montpellier, com o objetivo de encontrar a criada antes de receber seu telegrama.

Não tive dificuldade em localizar a ex-criada e saber tudo o que ela podia me contar. Era uma criatura dedicada, que só deixara a patroa porque tinha certeza de que ela estava em boas mãos e também porque seu casamento se aproximava, o que causaria inevitavelmente uma separação. A patroa havia demonstrado – ela contou com desgosto – certa irritação com ela durante a estada em Baden, e chegara a interrogá-la uma vez, como se desconfiasse de sua honestidade, e isso fez com que a separação fosse mais fácil do que em outras condições. A patroa lhe dera 50 libras como presente de casamento. Como eu, também Marie desconfiava do estranho que fizera a mulher fugir de Lausanne. Ela mesma vira o homem agarrar com violência o pulso de lady Frances na alameda perto do lago. Era um sujeito terrível e selvagem. Ela acreditava que era por medo dele que lady Frances aceitara a companhia dos Shlessinger na volta para Londres. Lady Frances nunca comentara nada com Marie, mas esta sentia que a patroa vivia num permanente estado de nervosismo e apreensão. Nesta altura de sua descrição, ela pulou da cadeira com o rosto transtornado, surpreso e aterrorizado.

– Veja! – exclamou. – O desgraçado ainda está aí! É o mesmo homem de quem eu lhe falava!

Pela janela aberta da sala divisei um homem forte, moreno, com uma barba preta encrespada, descendo lentamente a rua, olhando com ansiedade os números das casas. Estava claro que ele, como eu, também estava no encalço da criada. Agindo por impulso, corri para a rua e me aproximei dele.

– O senhor é inglês – disse-lhe eu.

– E daí? – perguntou, com cara de poucos amigos.

– Posso saber o seu nome?

– Não, não pode – respondeu com decisão.

A situação era estranha, mas o caminho direto é sempre o melhor.

– Onde está lady Frances Carfax? – perguntei.

Ele me fitou, aturdido.

– O que o senhor fez com ela? Por que a perseguiu? Exijo uma resposta!

O sujeito soltou um grito de raiva e pulou em cima de mim como um tigre.

Sempre soube me defender em muitas brigas, mas o camarada tinha uma garra de aço e a fúria de um demônio. Apertou minha garganta e eu estava quase perdendo os sentidos quando um operário francês barbudo, vestido com uma camisa azul, saiu em disparada do bar do outro lado da rua com um pedaço de pau na mão e acertou meu atacante com um golpe seco no antebraço, o que fez com que ele largasse a presa. Ficou por alguns segundos fungando de raiva e sem saber se devia recomeçar o ataque. Finalmente, com um rugido de raiva, ele me largou e entrou na casa da qual eu acabara de sair. Eu me virei para agradecer ao meu salvador, ali parado ao meu lado na rua.

– Ora, Watson – ele disse – que bela trapalhada você aprontou! Acho que será melhor você voltar comigo para Londres no trem desta noite.

Uma hora mais tarde, Sherlock Holmes, com sua elegância e seu estilo habituais, estava sentado no meu quarto no hotel. A explicação para o seu aparecimento repentino e oportuno era a própria simplicidade, porque, descobrindo que podia sair de Londres, ele decidira adiantar-se a mim no próximo ponto óbvio de minhas investigações. Disfarçado de operário, sentara-se no bar, esperando que eu aparecesse.

– Você fez uma investigação extraordinariamente coerente, meu caro Watson – disse ele. – Não me ocorre agora nenhuma asneira que você tenha deixado de fazer. O resultado geral de suas investigações foi o de alarmar todo mundo e não descobrir coisa alguma.

– Talvez você tivesse feito melhor – respondi magoado.

– Não há “talvez” a respeito disso. Eu fiz melhor. Aqui está o sr. Philip Green, também hóspede deste hotel e ele pode ser o ponto de partida para uma investigação mais bem-sucedida.

Haviam trazido um cartão de visita numa bandeja, e em seguida apareceu o mesmo vilão barbudo que me atacara na rua. Ele estremeceu quando me viu.

– O que é isto, sr. Holmes? – perguntou. – Recebi seu recado e vim. Mas o que este homem tem a ver com o caso?

– Este é meu velho amigo e parceiro dr. Watson, que está nos ajudando neste caso.

O estranho estendeu a mão grande e bronzeada, dizendo algumas palavras de desculpas.

– Espero não tê-lo machucado. Quando o senhor me acusou de tê-la ferido, me descontrolei. Na verdade, não respondo por mim nestes últimos dias. Meus nervos estão à flor da pele. A situação me desespera. O que eu desejo

saber, em primeiro lugar, dr. Watson, é como diabo o senhor ficou sabendo de minha existência.

– Estou em contato com a senhorita Dobney, criada de lady Frances Carfax.

– A velha Susan Dobney com a touca! Lembro-me muito bem dela.

– E ela se lembra do senhor. Foi naqueles dias... naqueles dias antes de o senhor achar que seria melhor ir para a África do Sul.

– Ah, vejo que conhece toda a minha história. Não preciso esconder-lhe nada. Juro-lhe, sr. Holmes, que nunca existiu neste mundo alguém que amasse uma mulher com tanta devoção como eu amava Frances. Eu era um jovem devasso, eu sei, mas não pior do que tantos de minha idade. Mas o coração dela era puro como a neve. Ela não podia suportar uma sombra sequer de grosseria. Assim, quando ficou sabendo de algumas coisas que eu havia feito, não quis mais falar comigo. E mesmo assim, ela me amava – e isso é o mais estranho –, amava-me tanto a ponto de permanecer solteira durante toda sua santa vida, somente por minha causa. Com o passar do tempo, ganhei a vida em Barbeton e pensei que talvez pudesse procurá-la e abordá-la. Eu sabia que ela ainda estava solteira. Encontrei-a em Lausanne e tentei tudo o que pude. Ela ficou comovida, eu acho, mas sua vontade era forte, e quando a procurei de novo, havia partido. Consegui localizá-la em Baden e depois de algum tempo ouvi dizer que sua empregada estava aqui. Sou um sujeito rude, vindo de uma vida difícil, e quando o dr. Watson falou comigo naqueles termos, perdi o controle. Mas, diga-me, pelo amor de Deus, o que aconteceu com lady Frances?

– Isto é o que nós temos de descobrir – respondeu Sherlock Holmes. – Qual é o seu endereço em Londres, sr. Green?

– Vai me achar no Langham Hotel.

– Posso pedir-lhe que volte para lá e fique pronto no caso de eu precisar do senhor? Não quero alimentar falsas esperanças, mas pode ter certeza de que será feito tudo o que for possível pela segurança de lady Frances. Não posso dizer mais nada, por ora. Vou deixar-lhe este cartão para que possa entrar em contato conosco. Agora, Watson, se você fizer as malas, vou telegrafar à sra. Hudson e pedir que prepare o melhor que puder para dois viajantes famintos às 7:30h.

Um telegrama nos aguardava em Baker Street; Holmes o leu, soltando exclamações de alegria, e o passou para mim. A mensagem dizia “Serrada ou

arrancada", e fora expedida de Baden.

– O que é isto? – perguntei.

– É tudo! Talvez você se lembre de minha pergunta aparentemente irrelevante sobre a orelha esquerda do missionário. Você não respondeu.

– Eu já havia saído de Baden e não pude perguntar.

– Exatamente. Por causa disso mandei um telegrama igual ao gerente do Englischer Hof, e aqui está a resposta.

– O que significa?

– Significa, meu caro Watson, que estamos enfrentando um homem excepcionalmente esperto e perigoso. O reverendo dr. Shlessinger, missionário vindo da América do Sul, é ninguém menos que Holy Peters, um dos vigaristas mais inescrupulosos que a Austrália já produziu – e para um país jovem até que tem apresentado alguns tipos perfeitos. A especialidade dele é enganar mulheres solitárias, explorando seus sentimentos religiosos, e sua pseudo-esposa é uma inglesa chamada Fraser, uma colaboradora fiel. A tática que ele usou sugeriu-me sua identidade, e seu defeito físico – ele foi mordido com violência numa briga de bar em Adelaide, em 1889 – confirmou minha suspeita. Essa pobre senhora está nas mãos de uma dupla infernal, que não teme nada, Watson. Que esteja morta é uma suposição bem plausível. Se estiver viva, com toda a certeza ela se encontra em algum tipo de prisão e impedida de escrever à srta. Dobney ou a outros amigos. É possível que nem tenha chegado a Londres, ou tenha passado pela cidade; mas a primeira suposição é improvável porque, pelo sistema de registro, não é fácil para os estrangeiros burlar a polícia do continente; a segunda hipótese também é improvável, já que esses vigaristas não poderiam encontrar um outro local onde seja tão fácil manter uma pessoa cativa. Os meus instintos me dizem que ela está em Londres, mas como no momento não temos meios de saber exatamente onde, só podemos fazer o óbvio, ou seja, jantar e ter paciência. Mais tarde vou dar uma saída e conversar com o amigo Lestrade, na Scotland Yard.

Entretanto, nem a polícia oficial nem a pequena mas eficiente organização particular de Holmes foram suficientes para esclarecer o mistério. Entre os milhões de pessoas em Londres, as que procurávamos estavam invisíveis como se nunca tivessem existido. Foram tentados anúncios em jornais, sem resultado. Pistas foram seguidas, mas levaram a nada. Todos os antros de criminosos que Shlessinger pudesse freqüentar foram verificados, mas em

vão. Seus antigos comparsas foram vigiados, mas eles não se aproximaram dele. Então, de repente, depois de uma semana de suspense, surgiu um raio de luz. Um pingente de prata, de antigo desenho espanhol, foi penhorado em Bovington, em Westminster Road. O sujeito que o penhorara era grande, sem barba, com uma aparência clerical. Naturalmente, o nome e o endereço que forneceu eram falsos. Não mencionaram o detalhe da orelha mas a descrição, com toda a certeza, era a de Shlessinger. Nosso amigo barbudo do Langham Hotel aparecera três vezes à procura de notícias, na terceira vez uma hora depois de termos recebido novas informações... As roupas já estavam folgadas no seu corpo enorme. Parecia que, pela ansiedade que o consumia, estava definhando a olhos vistos.

– Se pelo menos o senhor me desse algo para fazer!... – era seu constante lamento. Finalmente Holmes podia satisfazê-lo.

– Ele começou a penhorar as peças. Vamos pegá-lo agora.

– Mas será que isto significa que algo de ruim aconteceu a lady Frances?

Holmes balançou gravemente a cabeça.

– Supondo que eles a tenham mantido cativa até agora, está claro que não a podem libertar sem arriscarem a própria destruição. Temos de nos preparar para o pior.

– O que posso fazer?

– Essas pessoas o conhecem de vista?

– Não.

– É possível que ele vá a outra loja de penhores no futuro. Nesse caso, precisamos começar de novo. Por outro lado, ele obteve bom preço e não lhe fizeram perguntas, de modo que, se estiver precisando de dinheiro, provavelmente vai voltar a Bovington. Vou lhe dar um cartão de apresentação e eles permitirão que fique na loja. Se o sujeito aparecer, deverá segui-lo. Mas sem indiscrições e, sobretudo, nada de violência. Espero que o senhor não faça nada sem meu conhecimento e consentimento.

Durante dois dias o sr. Philip Green não nos deu notícias (ele era, devo dizer, filho do famoso almirante do mesmo nome, comandante da esquadra do mar de Azof, na Guerra da Criméia).

Na noite do terceiro dia ele entrou correndo em nossa sala, pálido, com todos os músculos do corpo possante vibrando de emoção.

– Nós o pegamos! Nós o pegamos! – gritava.

Estava incoerente em sua agitação; Holmes o acalmou com algumas

palavras e fê-lo sentar-se numa poltrona.

– Calma, conte-nos os fatos pela ordem.

– Uma hora atrás ela apareceu. Foi a mulher desta vez, e o pingente que trazia faz par com o anterior. É uma mulher alta, de pele clara, com olhos de um furão.

– É ela – disse Holmes.

– Quando ela saiu da loja, eu a segui. Andou até Kennington Road e eu fiquei atrás dela. Depois entrou em uma loja. Sr. Holmes, era uma funerária!

– Sim? – perguntou Holmes, numa voz vibrante que mostrava a alma impetuosa por trás do rosto impassível.

– Ela estava conversando com uma mulher atrás do balcão. Eu também entrei. "É tarde", eu a ouvi dizer, ou qualquer coisa parecida. A atendente estava pedindo desculpas: "Já devia estar lá a esta altura", respondeu. "Demorou mais por ser fora do comum". As duas pararam de falar e me encararam. Fiz uma pergunta qualquer e saí.

– O senhor fez muito bem. E aí, o que aconteceu?

– Quando a mulher saiu, eu estava escondido em um portal. Eu acho que ela já estava desconfiada, porque olhou em volta. Tomou um táxi. Tive a sorte de conseguir outro e a segui. Mais tarde ela desceu em frente ao número 36 da Poultney Square, em Brixton. Passei direto, deixei o táxi na esquina da praça e fiquei vigiando a casa.

– Viu alguém?

– Todas as janelas estavam escuras, com exceção de uma. A cortina estava descida e não consegui ver dentro da casa. Eu estava lá, de pé, pensando no que faria em seguida, quando chegou uma carroça fechada com dois homens. Eles desceram, tiraram alguma coisa da carroça e a levaram escada acima, até a porta de entrada. Sr. Holmes, era um caixão!

– Ah!

– Por um segundo eu estive a ponto de invadir a casa. A porta estava aberta para que eles passassem com a encomenda. Foi a própria mulher que a abriu. E eu continuei lá, ela me viu e creio que me reconheceu. Vi que ela estremeceu e fechou rapidamente a porta. Lembrei-me de sua recomendação e aqui estou.

– Fez um belo trabalho – disse Holmes, escrevendo alguma coisa numa folha de papel. – Não podemos fazer nada legal sem um mandado, e o senhor pode ajudar levando este bilhete às autoridades e conseguindo um. Pode

haver alguma dificuldade, mas eu creio que a venda das jóias seja suficiente. Lestrade cuidará de todos os detalhes.

– Mas eles podem matá-la nesse meio-tempo. O que significa o caixão e para quem é, a não ser para ela?

– Vamos fazer tudo o que for possível, sr. Green. Não perderemos um minuto sequer. Deixe o caso em nossas mãos. E agora, Watson – ele acrescentou, depois que o visitante saiu –, ele fará a polícia entrar em ação. Como sempre, nós somos as forças irregulares e temos de seguir nossa linha de ação. A situação me parece tão desesperadora que qualquer medida extrema se justifica. Não podemos perder tempo; temos de ir a Poultney Square.

– Vamos tentar reconstituir a situação – disse Holmes enquanto passávamos rapidamente pelo edifício do Parlamento e entrávamos na Westminster Bridge. – Esses vigaristas atraíram a pobre mulher a Londres, depois de a livrarem da empregada fiel. Se ela tivesse escrito alguma carta, teria sido interceptada. Arranjaram alguma casa mobiliada, provavelmente por intermédio de algum cúmplice. Depois de estabelecidos, fizeram-na prisioneira e se apossaram das jóias preciosas, objetivo da vigarice desde o início. Já começaram a vender a fortuna, o que lhes deve parecer seguro a esta altura, pois não há motivo para eles acharem que alguém se interesse pelo destino de lady Frances Carfax. Se ela fosse libertada, naturalmente os denunciaria. Assim sendo, não pode ser libertada. Mas, ao mesmo tempo, não podem mantê-la cativa para sempre. Matá-la é a única saída.

– Isto me parece lógico.

– Vamos ver agora outra linha de raciocínio. Quando seguimos duas linhas distintas de pensamento, Watson, acabamos encontrando um ponto qualquer de ligação que leva à verdade. Vamos começar agora não da mulher, mas do caixão, e daí para trás. O fato mostra, sem dúvida, que ela está morta. Indica também um funeral ortodoxo, com atestado de óbito e os documentos legais. Se eles a tivessem assassinado, iriam enterrá-la num buraco no quintal. Mas, neste caso, tudo está sendo feito às claras e de maneira normal. O que significa isso? Certamente eles deram um jeito de ela morrer de uma maneira que enganaria o médico, e simularam uma morte natural – envenenamento, talvez. Mesmo assim me parece estranho que tenham permitido que um médico se aproximasse dela, a menos que ele também fosse um cúmplice, mas é difícil acreditar nisso.

– Mas eles não poderiam falsificar um atestado de óbito?

– É perigoso, Watson, muito perigoso. Não, não acho que eles fariam isso. Pare, cocheiro! Evidentemente aqui é a casa funerária, porque acabamos de passar pela loja de penhores. Você quer entrar, Watson? Sua aparência inspira confiança. Pergunte a que horas será o enterro de Poultney Square amanhã.

A mulher da funerária respondeu sem hesitar que seria às oito horas.

– Está vendo, Watson, não há mistério; tudo às claras! De algum modo os procedimentos legais foram cumpridos, e eles acham que não têm o que temer. Bem, nada mais resta a não ser um ataque direto. Está armado?

– Minha bengala!

– Bem, bem, seremos suficientemente fortes. “Três vezes está armado quem luta por uma causa justa”. Simplesmente não podemos nos dar ao luxo de aguardar a polícia ou ficar nos limites da lei. Pode ir embora, cocheiro. E agora, Watson, vamos confiar na nossa sorte, como já fizemos algumas vezes antes.

Ele bateu com força na porta de uma casa escura e grande, no centro de Poultney Square. Ela foi aberta imediatamente e a silhueta de uma mulher alta apareceu à luz fraca do vestíbulo.

– Sim, o que desejam? – perguntou rispidamente, espiando-nos na escuridão.

– Quero falar com o dr. Shlessinger! – respondeu Holmes.

– Não há ninguém aqui com este nome – ela disse, tentando fechar a porta; mas Holmes a impediu, colocando o pé.

– Bem, quero conversar com o homem que mora aqui, seja lá qual for o seu nome – ele insistiu.

Ela hesitou. Depois abriu a porta.

– Bem, entrem. Meu marido não tem medo de enfrentar nenhum homem no mundo.

Fechou a porta e nos conduziu a uma sala à direita da entrada, acendendo o lampião antes de sair. O sr. Peters estará aqui num minuto – disse.

Ela dissera a verdade porque mal tínhamos tido tempo de dar uma olhada no lugar poeirento e cheio de traças em que estávamos quando uma porta se abriu e um homem alto, rosto bem barbeado e careca entrou silenciosamente na sala. Tinha uma cara redonda e vermelha, bochechas caídas e um ar de benevolência superficial, contrastando com uma boca que sugeria crueldade.

– Com certeza deve haver algum engano aqui, cavalheiros – ele disse, numa voz untuosa e solícita. – Receio que os senhores tenham se enganado de endereço. Talvez se tentarem a casa vizinha...

– Chega, não temos tempo a perder – disse Holmes com firmeza. – O senhor é Henry Peters, de Adelaide, ultimamente conhecido como o reverendo dr. Shlessinger, de Baden e da América do Sul. Tenho tanta certeza disso como de que meu nome é Sherlock Holmes.

Peters, como o chamarei daqui para a frente, tremeu e encarou seu poderoso adversário.

– Acho que seu nome não me atemoriza, sr. Holmes – ele disse com frieza. – Quando um homem tem a consciência tranqüila, não há o que temer. O que o traz à minha casa?

– Quero saber o que o senhor fez com lady Frances Carfax, que trouxe de Baden.

– Eu ficaria contente se o senhor pudesse me dizer onde está essa senhora – respondeu Peter com frieza. – Tenho uma conta a acertar com ela de quase 100 libras e nada como garantia a não ser um par de pingentes falsos que um negociante nem sequer olharia. Ela se ligou à minha mulher e a mim em Baden – é verdade que eu usava outro nome na ocasião – e ficou grudada em nós até virmos para Londres. Paguei as despesas e a passagem dela. Depois que chegamos aqui ela sumiu e, como eu disse, deixou como pagamento essas jóias antiquadas. Encontre-a, sr. Holmes, e eu ficarei grato.

– Eu quero encontrá-la mesmo! – disse Sherlock Holmes. – Vou vasculhar esta casa até achá-la.

– Onde está seu mandado?

Holmes mostrou um revólver no bolso.

– Isto vai servir até que chegue um.

– Ora, então o senhor é um ladrão comum.

– Pode me descrever assim – respondeu Holmes jovialmente. – Meu companheiro também é um bandido perigoso. E juntos nós vamos examinar sua casa.

O homem abriu a porta.

– Chame a polícia, Annie! – gritou.

Ouvimos o farfalhar de um vestido no corredor e a porta da frente sendo aberta e fechada.

– Nosso tempo é curto, Watson – disse Holmes. – Se tentar nos impedir,

Peters, vai se machucar. Onde está aquele caixão que foi trazido para cá?

– O que quer com ele? Está ocupado. Há um corpo dentro dele.

– Preciso ver esse corpo.

– Não permitirei.

– Então será sem a sua permissão.

Com um movimento rápido, Holmes empurrou o sujeito para o lado e entrou no vestíbulo. Diante de nós havia uma porta semi-aberta. Entramos. Era a copa. Na mesa, sob um candelabro, havia um caixão. Holmes aumentou a luz do ambiente e abriu a tampa. Lá no fundo estava uma figura magrinha. À luz do candelabro vimos um rosto velho e enrugado. Nenhum processo de crueldade, fome ou doença poderia transformar o rosto ainda belo de lady Frances Carfax naquela ruína. O rosto de Holmes mostrou espanto e alívio.

– Graças a Deus! – murmurou. – É outra pessoa.

– Ah, o senhor se deu mal pelo menos uma vez, sr. Holmes – disse Peters, que entrara na copa atrás de nós.

– Quem é esta morta?

– Bem, se quer mesmo saber, é a velha ama de minha mulher, Rose Spender, que encontramos no Asilo de Brixton. Nós a trouxemos para cá, chamamos o dr. Horsom, de Firbank Villas, 13 – se quer saber o endereço – e tratamos dela, como bons cristãos. Ela morreu no terceiro dia – o atestado de óbito diz senilidade – mas essa é apenas a opinião do médico, e naturalmente o senhor sabe mais. Contratamos os serviços funerários de Stimson and Co., de Kennington Road, que a enterrará amanhã, às oito horas. Alguma coisa ilegal nisso tudo, sr. Holmes? Cometeu um erro infantil, e a culpa é toda sua. Daria tudo por uma fotografia de sua cara embasbacada quando abriu o caixão, esperando encontrar lady Frances Carfax e achando somente uma pobre velha de 90 anos.

A expressão de Holmes estava impassível como sempre diante do sarcasmo de seu adversário, mas suas mãos crispadas revelavam seu aborrecimento.

– Vou vasculhar a casa – disse.

– Chegaram, finalmente! – exclamou Peters, quando a voz da mulher e passos rápidos soaram no corredor. – Vamos ver isso. Por aqui, senhores policiais, por favor. Estes dois homens entraram à força na minha casa e não consigo me livrar deles. Ajudem-me a pô-los para fora.

No corredor estavam um sargento e um soldado. Holmes tirou seu cartão do bolso.

– Este é meu nome e o endereço. Este aqui é o meu amigo dr. Watson.

– Ora, nós o conhecemos muito bem – disse o sargento –, mas o senhor não pode ficar aqui sem um mandado.

– Claro que não. Sei perfeitamente disso.

– Prenda-o! – gritou Peters.

– Sabemos onde encontrar este cavalheiro se for preciso – disse o sargento num tom solene. – Mas o senhor tem de sair, sr. Holmes.

Um minuto depois estávamos novamente na rua. Holmes se mostrava calmo como sempre, mas eu estava fervendo de raiva e humilhação. O sargento nos havia acompanhado.

– Lamento muito, sr. Holmes, mas é a lei.

– Claro, sargento, o senhor não poderia agir de outra forma.

– Espero que haja um bom motivo para sua presença lá. Se há qualquer coisa que eu possa fazer...

– Há uma senhora desaparecida, sargento, e acreditamos que ela esteja naquela casa. Estou aguardando um mandado.

– Então vou ficar vigiando, sr. Holmes. Se acontecer qualquer coisa, eu lhe comunicarei.

Eram apenas 21 horas e nós continuamos com nossas investigações. Primeiro fomos ao Asilo de Brixton, onde descobrimos que realmente um casal caridoso havia aparecido alguns dias antes e levara uma velha, antiga criada, depois de obter autorização legal para isso. Ninguém ficou surpreso com a notícia da morte da mulher. O médico foi nosso passo seguinte. Ele fora chamado e constatara que a velha estava morrendo de velhice. Na verdade, viu-a morrer e assinou o atestado de óbito.

– Garanto a vocês que tudo foi perfeitamente legal e não havia nada de estranho no caso – disse ele.

Ele não vira nada de suspeito na casa, a não ser o fato curioso de que gente daquela classe não tivesse criados. Foi tudo o que pôde nos dizer.

Finalmente fomos à Scotland Yard. Houve algumas dificuldades em relação ao mandado. A demora era inevitável. A assinatura do juiz só poderia ser conseguida na manhã seguinte. Se Holmes aparecesse ali pelas nove horas, poderia ir com Lestrade e tudo seria providenciado. Assim terminou o nosso dia, mas por volta da meia-noite nosso amigo sargento apareceu para dizer que vira luzes nas janelas da casa, mas ninguém entrara ou saíra. Só podíamos ter paciência e esperar pela manhã.

Sherlock Holmes estava muito irritado para conversar e muito inquieto para dormir. Deixei-o fumando, com as espessas sobrancelhas negras contraídas e os dedos longos e nervosos tamborilando nos braços da poltrona, enquanto tentava vislumbrar alguma solução possível para o caso. Escutei-o andando pela casa várias vezes durante a madrugada. Finalmente, logo depois que acordei de manhã, ele entrou apressado no meu quarto. Ainda vestia o roupão, mas suas olheiras profundas e seu rosto pálido me mostraram que havia passado a noite em claro.

– A que horas era o enterro? Oito, não? – perguntou ansioso. – Bem, já são 7:20h. Puxa, Watson, o que aconteceu com a inteligência que Deus me deu? Depressa, homem, depressa! É questão de vida ou morte, 99% de morte e apenas 1% de vida. Jamais me perdoarei se for tarde demais!

Cinco minutos depois já estávamos voando numa carruagem pela Baker Street. Já eram 7:35h quando passamos pelo Big Ben, e às oito horas entramos na Brixton Road. Mas os outros estavam tão atrasados quanto nós. Dez minutos depois, o carro fúnebre ainda se encontrava parado diante da porta da casa, e quando nosso cavalo parou, arquejante, surgiu o caixão, levado por três homens. Holmes se adiantou e impediu a passagem.

– Levem isto de volta! – gritou, pondo a mão no peito do homem que se achava à frente. – Levem isto de volta imediatamente.

– Mas que diabo significa isso? Vou lhe perguntar de novo: onde está o mandado? – explodiu Peters, furioso, com o rosto vermelho brilhando do outro lado do caixão.

– O mandado está a caminho. O caixão deve ficar na casa até que ele chegue.

A autoridade na voz de Holmes surtiu efeito nos carregadores. Peters desapareceu de repente dentro da casa e os outros obedeceram às ordens.

– Depressa, Watson, depressa! Aqui está uma chave de fenda – gritou Holmes, depois que colocaram o caixão sobre a mesa. Aqui está outra chave para você, meu rapaz! Dou-lhe um soberano se tirar a tampa depressa. Não faça perguntas – mãos à obra! Ótimo! Mais uma vez! De novo! Agora vamos puxar juntos! Está funcionando! Ah, finalmente!

Com um esforço conjunto puxamos a tampa do caixão e imediatamente sentimos um cheiro forte e estonteante de clorofórmio. Dentro, um corpo com a cabeça envolvida em algodão embebido no narcótico. Rapidamente Holmes arrancou tudo e surgiu o rosto inerte e de uma bela mulher de meia-idade. Ele

passou os braços em volta da mulher, fazendo-a ficar em posição sentada.

– Está morta, Watson? Ainda respira? Será que chegamos tarde demais?

Durante meia hora tivemos a impressão de que era tarde demais. Parecia que lady Frances não resistira à sufocação e à emanação venenosa do clorofórmio. Mas depois, finalmente, com respiração artificial, com todos os recursos disponíveis, com injeções de éter, uma vibração de vida, alguns tremores nas pálpebras, o embaçamento de um espelho, mostraram o lento retorno à vida.

Pela janela Holmes viu um coche se aproximando.

– Aí está Lestrade com o mandado. Vai ver que os pássaros já fugiram. E aqui – acrescentou, ao ouvir passos apressados no corredor – está alguém que tem mais direito de cuidar desta senhora do que nós. Bom-dia, sr. Green. Creio que será melhor removê-la o quanto antes. Nesse meio-tempo, o enterro pode prosseguir e a pobre velha que ainda está no caixão pode seguir para sua última morada sozinha.

– Você deve acrescentar este caso à sua coleção, meu caro Watson – disse Holmes, à noite. – É um exemplo de eclipse temporário que acomete até mesmo as mentes mais equilibradas. Esses deslizes são comuns para a maioria dos mortais, e grande será aquele capaz de reconhecê-los e saná-los. Quero crer que tenho direito a isso. Passei a noite inteira dando tratos à bola, pensando que uma pista em algum lugar, uma frase solta, uma observação curiosa tivessem chegado ao meu conhecimento e eu as tivesse descartado com facilidade. Então, de repente, com as primeiras luzes da manhã, as palavras surgiram à minha frente. Foi a frase da mulher da casa funerária, contada por Philip Green. Ele a ouviu dizer: “Já devia estar lá a esta altura. Demorou mais por ser fora do comum”. Ela estava falando do caixão. Ele era fora do comum. Só podia significar que ele fora feito com medidas especiais. Mas, por quê? Por quê? Num segundo lembrei-me do tamanho do caixão e da pequena forma no fundo. Por que um caixão tão grande para um corpo tão pequeno? Era para deixar espaço para outro corpo. Os dois corpos seriam enterrados com um só atestado de óbito. Tudo era tão claro, apenas eu não conseguira enxergar. Lady Frances seria enterrada às oito horas. Nossa única chance era impedir que o caixão saísse da casa. Havia uma possibilidade remota de nós a encontrarmos com vida, mas ainda assim era uma possibilidade, como o resultado mostrou. Aqueles vigaristas jamais cometeram um assassinato, pelo que sei. Evitariam qualquer violência até o

fim. Poderiam enterrá-la sem nenhum sinal do modo como morrera, e mesmo que fosse exumada, eles ainda teriam uma chance. Minha esperança era que eles tivessem agido dessa forma. Você pode reconstituir a cena muito bem. Você viu o cubículo horrível onde ela ficou presa tanto tempo. Eles entraram e a dominaram com o clorofórmio, trouxeram-na para baixo, puseram mais clorofórmio no caixão para impedir que ela despertasse e aparafusaram a tampa. Engenhoso, Watson. Isto é novo para mim nos anais do crime. Se nosso ex-missionário e a mulher escaparem das garras de Lestrade, tenho certeza de que ainda vou ouvir falar de outros casos brilhantes na carreira futura deles.

O Pé do Diabo

À curiosas e recordações interessantes ligadas à minha longa e íntima amizade com Sherlock Holmes, enfrento dificuldades por causa de sua aversão à publicidade. Seu espírito cínico sempre foi avesso a qualquer aplauso popular, e nada o divertia mais, ao fim de um caso em que tivesse obtido sucesso, do que transferir o mérito a um policial ortodoxo e ouvir, com um sorriso sarcástico, o coro de parabéns para a pessoa errada. Foi, na verdade, por causa desta atitude de meu amigo, e, evidentemente, não por falta de material interessante, que nos últimos anos eu apresentei ao público uma parte pequena dos meus registros. Minha participação em algumas de suas aventuras sempre foi um privilégio que me impunha discrição e silêncio. Foi, portanto, com grande surpresa que recebi um telegrama de Holmes na última terça-feira – ele nunca escreve uma carta quando basta um telegrama – nos seguintes termos:

Por que não publicar o caso de Cornish - um dos mais estranhos que já enfrentei?

Não sei que fato fez com que ele se lembrasse do caso, ou que capricho motivou seu desejo de que eu o contasse; mas, antes que chegasse outro telegrama cancelando o primeiro, eu me apressei em coligir as anotações que relatavam o caso com detalhes precisos para apresentá-lo aos meus leitores.

Foi, então, na primavera de 1897 que a saúde férrea de Holmes começou a mostrar alguns sinais de estafa por causa do trabalho constante e duro, agravada, talvez, por sua própria imprudência. Em março daquele ano, o dr. Moore Agar, de Harley Street (cuja dramática apresentação a Holmes talvez eu conte um dia), deu ordens expressas para que o famoso detetive particular deixasse de lado todos os seus casos e se entregasse a um descanso absoluto, se quisesse evitar um colapso total.

O estado de sua saúde era um assunto pelo qual o próprio Holmes não tinha o mínimo interesse, já que seu desprendimento mental era absoluto, mas, finalmente, foi convencido, diante da ameaça de ficar permanentemente

inutilizado para o trabalho, a fazer uma mudança completa de cenário e de ares. Foi assim que, no início da primavera daquele ano, partimos juntos para um pequeno chalé, perto de Poldhu Bay, no ponto extremo da península de Cornish.

Era um ambiente diferente e especialmente adequado ao estado de espírito sombrio do meu paciente. Das janelas de nossa pequena casa caiada no alto de um morro coberto de relva, víamos todo o sinistro semicírculo Mounts Bay, antiga armadilha para veleiros com sua borda de precipícios negros e recifes perigosos, nos quais incontáveis homens do mar haviam morrido. A baía parecia plácida e protegida, com uma brisa do norte, um convite a embarcações castigadas por tormentas para que entrassem à procura de descanso e proteção. Então vinha o zumbido do vento, lufadas do sudoeste, arrastando âncoras, a praia surgindo e a última batalha nos rochedos espumantes. Os navegadores mais experientes se mantêm distantes desse lugar infernal.

No lado da terra a paisagem ao nosso redor era tão sombria quanto a do mar. Era uma região de pântanos ondulados, isolada e parda, com uma ou outra torre de igreja para indicar a existência de algum vilarejo naquele fim de mundo. Em todas as direções havia sinais de alguma raça desaparecida, que tivesse se extinguido e deixado como lembrança estranhos monumentos de pedra, lápides irregulares que continham as cinzas carbonizadas dos antepassados e curiosos trabalhos de cerâmica que indicavam um passado pré-histórico. O encanto e mistério do lugar, com seu ar sinistro de civilizações desaparecidas, eram um desafio à imaginação de meu amigo, que passava a maior parte do tempo em caminhadas e meditações solitárias pelos arredores. O linguajar arcaico de Cornish também lhe chamara a atenção, pelo fato de que era originário dos caldeus e em grande parte derivado dos mercadores fenícios de estanho. Recebeu uma coleção de livros de filologia e estava se dedicando ao desenvolvimento de uma tese quando de repente, para tristeza minha e desenfreada alegria dele, vimo-nos, até mesmo ali, mergulhados num problema na nossa porta, que era mais forte, perigoso e infinitamente mais misterioso do que qualquer um dos que nos afastaram de Londres. Nossa vida, simples e pacata, e a saudável rotina foram subitamente interrompidas e fomos jogados no meio de um acontecimento que causou emoção não só em Cornwall mas também em todo o oeste da Inglaterra. Muitos de meus leitores devem ter alguma lembrança do que, na época, foi

chamado de “O Terror de Cornish”, embora a imprensa londrina tenha recebido um relato bastante incompleto. Agora, passados 13 anos, vou contar ao público os verdadeiros detalhes deste caso inconcebível.

Eu disse que torres espalhadas indicavam os vilarejos que pontilhavam esta região de Cornwall. O mais próximo era o povoado de Tredannick Wollas, onde os chalés de duas centenas de habitantes se agrupavam em torno de uma igreja antiga e cheia de limo. O vigário do lugar, sr. Roundhay, gostava de arqueologia, e Holmes fizera amizade com ele por causa disso. Homem de meia-idade, afável
e educado, conhecia bem os fatos locais. Uma vez tomamos chá na paróquia, a convite dele, e assim ficamos conhecendo também o sr. Mortimer Tregennis, um cavalheiro independente, que ajudava a aumentar os parcos recursos do clérigo alugando um quarto em sua casa grande e afastada. Sendo solteiro, o vigário ficou contente com isso, embora tivesse pouco em comum com seu inquilino, homem magro, moreno, de óculos, com um andar que dava a impressão de uma deformidade física. Lembro-me de que durante nossa rápida visita o vigário estava loquaz, mas o outro ficou estranhamente reticente, introspectivo, com um ar infeliz, sentado com os olhos baixos, aparentemente mergulhado nos próprios pensamentos.

Foram estes dois homens que entraram subitamente na nossa acanhada sala de visitas, no dia 16 de março, uma terça-feira, logo após o café-da-manhã, quando estávamos sentados e fumando, preparando-nos para nossa excursão diária pelos arredores.

– Sr. Holmes – disse o vigário com a voz agitada – aconteceu um caso extraordinário e trágico esta noite. Nunca ouvi falar num negócio assim. Só podemos agradecer à Providência o fato de o senhor estar aqui agora porque, em toda a Inglaterra, é o homem de que mais precisamos.

Lancei ao vigário intruso um olhar pouco amistoso; mas Holmes endireitou-se na cadeira, tirou o cachimbo dos lábios, atento como um velho cão de caça ao ouvir as trombetas...

Indicou o sofá ao nervoso visitante, que se sentou ao lado de seu agitado companheiro. O sr. Mortimer Tregennis estava mais controlado do que o clérigo, mas suas mãos crispadas e o brilho nos olhos escuros mostravam que estava tão emocionado quanto o outro.

– Falo eu ou o senhor? – ele perguntou ao pároco.

– Bem, como foi o senhor que fez a descoberta – seja lá o que for – e o

senhor vigário ficou sabendo de modo indireto, talvez seja melhor que o senhor conte – disse Holmes.

Olhei para o vigário vestido com simplicidade e para seu companheiro em traje formal sentado a seu lado, e me diverti com a surpresa que ambos demonstraram com a simples dedução de Sherlock Holmes.

– Talvez seja melhor eu dizer antes algumas palavras – adiantou-se o vigário – e então o senhor decidirá se quer ouvir os detalhes do sr. Tregennis ou se deveremos ir imediatamente até o local deste acontecimento misterioso. Devo dizer que nosso amigo aqui passou a última noite na companhia de seus dois irmãos, Owen e George, e da irmã Brenda, na casa deles em Tredannick Wartha, perto da velha cruz de pedra. Ele os deixou pouco depois das dez da noite, e eles ficaram jogando cartas na mesa da sala de jantar, em perfeitas condições físicas e mentais. Esta manhã, como tem o costume de levantar-se cedo, antes de tomar seu café ele saiu andando naquela direção e foi alcançado pela charrete do dr. Richards, que disse ter sido chamado com urgência a Tredannick Wartha. O sr. Mortimer Tregennis foi com ele. Quando chegaram a Tredannick Wartha, depararam com uma situação extraordinária. Os dois irmãos e a irmã dele estavam sentados à mesa exatamente como ele os tinha deixado, com as cartas ainda espalhadas na mesa e as velas queimadas até o fim. A irmã estava rígida e morta na cadeira, enquanto os dois irmãos, um de cada lado dela, estavam rindo, gritando e cantando, completamente fora de si. Todos os três, a mulher morta e os dois loucos, ainda tinham nos rostos a expressão de um terror mortal, horrível de se ver. Na casa não havia sinal da presença de ninguém, exceto a sra. Porter, velha caseira e cozinheira, que afirmou que dormira profundamente e nada ouvira durante a noite. Nada fora roubado ou desarrumado, e não há nenhuma explicação sobre o que pode ter apavorado tanto a mulher a ponto de matá-la e deixar dois homens fortes perderem o juízo. Esta é a situação, sr. Holmes, em resumo, e se o senhor puder nos ajudar a esclarecê-la, terá feito um grande trabalho.

Eu esperava, de algum modo, convencer meu amigo a continuar no repouso que era o objetivo de nossa viagem; mas uma olhada para o seu rosto atento e para sobrancelhas contraídas me disse que minha esperança era inútil. Ficou em silêncio durante algum tempo, pensando no estranho drama que viera interromper nossa paz.

– Cuidarei do caso – disse Holmes, finalmente. – Diante do que foi

exposto, parece ser um caso de natureza excepcional. O senhor esteve lá, reverendo Roundhay?

– Não, sr. Holmes. O sr. Tregennis levou a notícia até a paróquia e eu vim correndo consultá-lo.

– A que distância fica a casa onde ocorreu a tragédia?

– Mais ou menos a 1,5 quilômetro.

– Então iremos juntos até lá. Mas, antes de irmos, tenho algumas perguntas a lhe fazer, sr. Mortimer.

O outro estivera em silêncio o tempo todo, mas eu notara que sua agitação controlada era ainda mais forte do que a do vigário. Ficara sentado, com o rosto pálido e abatido, os olhos ansiosos fixos em Holmes e as duas mãos magras se contorcendo, nervosas. Seus lábios tremiam enquanto ouvia a tragédia que se abatera sobre sua família e seus olhos escuros pareciam ainda refletir um pouco do horror do espetáculo.

– Pergunte o que quiser, sr. Holmes – respondeu, ansioso. – É horrível falar a respeito disso, mas responderei com a verdade.

– Fale-me a respeito da noite passada.

– Bem, sr. Holmes, eu jantei lá, como disse o vigário, e meu irmão mais velho, George, convidou-me para um jogo de uíste logo depois. Eram umas nove horas quando começamos. Às 22:45h eu saí. Eu os deixei em volta da mesa, tão contentes como sempre.

– Quem o acompanhou até a porta?

– A sra. Porter já se deitara, de modo que saí sozinho. Fechei a porta atrás de mim. A janela do cômodo onde eles ficaram também estava fechada, mas a cortina estava aberta. Hoje de manhã a porta e a janela estavam do mesmo jeito, e não havia motivo para pensar que algum estranho tenha estado na casa. E mesmo assim lá estavam eles, doidos varridos, e Brenda morta pelo medo, com a cabeça inclinada sobre o braço da cadeira. Nunca mais vou me esquecer da visão daquele quarto pelo resto de minha vida.

– Os fatos, como o senhor os descreve, são extraordinários – disse Holmes. – O senhor não tem nenhuma idéia do que possa ter ocorrido com eles?

– É diabólico, sr. Holmes, é diabólico! – exclamou o sr. Mortimer. – Não é coisa deste mundo. Alguma coisa entrou naquela sala e apagou a luz da razão da mente deles. Que maldade humana poderia fazer isso?

– Receio que, se o assunto não for de natureza humana, estará além do meu alcance. Mesmo assim devemos verificar todas as explicações naturais antes

de aceitarmos uma teoria deste tipo. Quanto ao senhor, imagino que por algum motivo estivesse afastado do resto de sua família, já que eles moravam juntos e o senhor tem seus próprios aposentos.

– É verdade, sr. Holmes, mas o assunto pertence ao passado e está enterrado. Éramos uma família de mineiros de estanho em Redruth, mas vendemos nossa mina a uma companhia e nos aposentamos com o suficiente para o nosso sustento. Não nego que houve um certo desentendimento quanto à partilha do dinheiro, e isso nos manteve afastados durante algum tempo, mas depois tudo foi esquecido e perdoado, e éramos bons amigos.

– Voltando à noite de ontem, quando esteve com eles, lembra-se de alguma coisa que possa esclarecer um pouco esta tragédia? Pense bem, sr. Tregennis, porque qualquer pista pode me ajudar.

– Não me lembro de absolutamente nada, senhor.

– Seu pessoal estava no estado de espírito normal?

– Nunca vi melhor.

– Eram pessoas nervosas? Demonstraram alguma vez medo de um perigo iminente?

– Nada desse tipo.

– Então não tem nada a acrescentar que possa me orientar?

O sr. Mortimer pensou um pouco.

– Uma coisa me ocorre agora – disse, finalmente. Quando nós estávamos sentados à mesa, fiquei de costas para a janela e George, meu irmão e parceiro no jogo, estava sentado de frente para ela. Em certo momento eu o vi olhar fixamente sobre meus ombros, tanto que eu também me virei para olhar. A cortina estava levantada, mas a janela fechada, e mesmo assim pude notar os arbustos do jardim e por um segundo tive a impressão de ver alguma coisa se movendo ali. Não pude dizer se era uma pessoa ou um animal, mas eu senti que havia qualquer coisa lá fora. Quando perguntei a George o que ele estava olhando, ele me disse que tivera a mesma impressão. E isso é tudo o que posso dizer.

– O senhor investigou?

– Não; o caso nos pareceu sem importância.

– Quando o senhor saiu, então, eles não tinham nenhuma premonição diabólica?

– Claro, nenhuma.

– Não entendi direito como o senhor ficou sabendo da tragédia tão cedo.

– Sou um madrugador e geralmente dou um passeio antes do café. Eu mal tinha começado a andar hoje cedo quando a carruagem do médico me alcançou. Ele me disse que a velha sra. Porter tinha enviado um menino com uma mensagem urgente. Fui com ele. Quando chegamos lá, vimos aquela cena horrorosa. As velas e a lareira deviam ter se apagado muito tempo antes, e eles ficaram sentados ali, na escuridão, até que amanheceu. O médico disse que Brenda já devia estar morta há pelo menos seis horas. Não havia sinais de violência. Ela simplesmente estava caída no braço da cadeira, com aquela expressão no rosto. George e Owen cantavam trechos de canções e se contorciam como dois macacos. Oh, foi horrível ver aquilo! Eu não agüentei e o médico estava branco feito cera. Na verdade, ele caiu numa cadeira, como que desmaiado, e quase morreu também!...

– Notável! Realmente notável! – disse Holmes, levantando-se e pegando o chapéu. – Acho que talvez seja melhor irmos logo para Tredannick Wartha. Confesso que raramente ouvi um caso que, à primeira vista, me parecesse um problema tão fora do comum.

Nossas providências naquela primeira manhã não fizeram a investigação avançar muito. Mas, logo no início, houve um fato que deixou em mim a mais sinistra das impressões.

A estradinha que dava no local da tragédia era estreita e cheia de curvas. Quando estávamos indo para lá, ouvimos o barulho de uma carruagem vindo atrás de nós, e encostamos à beira do caminho para deixá-la passar. Quando passou por nós, consegui ver na janela um rosto horrível e deformado, com um sorriso malévolo, olhando para nós. Aquele olhar fixo e os dentes num esgar perverso passaram rapidamente, como uma visão medonha.

– Meus irmãos – gemeu Mortimer Tregennis, com os lábios brancos. – Eles os estão levando para o Hospício de Helston.

Olhamos com horror para a carruagem negra que desaparecia no caminho. Então continuamos em direção à casa maldita na qual eles tiveram esse destino trágico.

Era uma residência grande e clara, mais uma vila do que um chalé, com um jardim grande que, naquela atmosfera de Cornish, já estava cheio de flores da primavera.

Lá estava a janela da sala que dava para o jardim e através dela, de acordo com Mortimer Tregennis, deve ter vindo o mal que, pelo simples horror, num

instante arruinara o juízo de seus irmãos. Holmes andou lentamente pelos canteiros e pela alameda, pensativo, antes de entrarmos na casa.

Ele estava tão absorto nos seus pensamentos que, eu me lembro, tropeçou num regador, derramando o conteúdo e molhando nossos pés e o caminho arenoso do jardim. Na casa, fomos atendidos pela velha empregada, sra. Porter, que, ajudada por uma criada jovem, cuidava das necessidades da família. Respondeu prontamente às perguntas de Holmes. Não ouvira nada durante a noite. Seus patrões estavam em excelente estado de espírito nos últimos tempos, e ela nunca os vira mais alegres e satisfeitos. De manhã, ao entrar na sala, desmaiara, horrorizada ao ver o quadro medonho em volta da mesa. Quando recobrou os sentidos, abriu a janela para deixar entrar o ar fresco da manhã, saiu pela estrada e mandou um rapaz que trabalha numa fazenda chamar o médico. A morta estava na cama dela, no segundo andar, caso quiséssemos vê-la. Foram necessários quatro homens fortes para colocar os dois irmãos dementes no carro do hospício. A velha criada não ficaria um dia a mais naquela casa e voltaria naquela mesma tarde para perto de sua família, em St. Ives.

Subimos as escadas e vimos a morta. A srta. Brenda Tregennis fora uma garota muito bonita, embora estivesse agora beirando a meia-idade. Seu rosto moreno, bem delineado, era bonito, mesmo depois de morta, mas ainda havia vestígios da convulsão de terror, sua última emoção humana. Fomos até a sala de jantar, onde ocorrera a tragédia. Na lareira ainda estavam as cinzas carbonizadas. Na mesa, os quatro candelabros e as velas totalmente consumidas, e as cartas de baralho ainda espalhadas. As cadeiras haviam sido encostadas nas paredes, mas as outras coisas estavam na mesma posição da noite anterior. Holmes andou pelo aposento, sentou-se nas várias cadeiras, colocando-as nas posições anteriores.

Do interior, verificou que parte do jardim era possível ver da janela; examinou o chão, o teto e a lareira. Mas em nenhum momento vi no rosto dele o brilho repentino dos olhos e a contração dos lábios que me teriam revelado que vira alguma luz naquela escuridão absoluta.

– Por que uma lareira? – perguntou. – Eles sempre mantinham o fogo aceso nesta sala pequena, nas noites de primavera?

Mortimer Tregennis explicou que a noite estava fria e úmida. Por causa disso, eles acenderam a lareira depois que ele chegou.

– O que vai fazer agora, sr. Holmes? – ele perguntou.

Meu amigo sorriu e pôs a mão no meu braço.

– Eu acho, Watson, que devo voltar a me envenenar com o fumo, coisa que você tem condenado tão freqüentemente e com razão. Com sua permissão, cavalheiros, vamos voltar agora para o nosso chalé, porque eu acho que nenhuma novidade vai aparecer agora. Vou analisar os fatos, sr. Tregennis, e se me ocorrer algo, naturalmente comunicarei ao senhor e ao vigário. Até lá, desejo-lhes um bom dia.

Holmes quebrou seu longo silêncio muito tempo depois de termos voltado ao chalé de Poldhu. Sentara-se encolhido na sua poltrona, com o rosto magro e contemplativo envolto numa nuvem azul de seu cachimbo, as espessas sobrancelhas castanhas e a testa contraídas, os olhos vazios e distantes. Finalmente, deixou de lado o cachimbo e levantou-se.

– Assim não dá, Watson – disse, com uma risada. – Vamos dar uma caminhada pelos campos e procurar setas de pedra. Será mais fácil achá-las do que encontrar pistas para o nosso caso. Deixar o cérebro trabalhar sem alimentá-lo com material suficiente é o mesmo que exigir demais de um motor. Ele se reduz a pedaços. A brisa marinha, a luz do sol, e paciência, Watson... todo o resto virá.

– Agora, Watson – disse, enquanto contornávamos os rochedos –, vamos definir com calma a nossa posição. Vamos nos apegar ao pouco que já sabemos, de modo que, se houver fatos novos, estaremos prontos para encaixá-los nos devidos lugares. Em primeiro lugar, temos de admitir que nenhum de nós aceita este caso como intrusões diabólicas em assuntos humanos. Vamos começar tirando essas idéias da cabeça. Muito bem. Temos três pessoas que foram perversamente atingidas por um agente humano, consciente ou inconsciente. Isto é líquido e certo. E agora, quando ocorreu isso? Evidentemente, supondo que o relato do sr. Mortimer Tregennis seja verdadeiro, foi logo depois que ele saiu da casa. Este é um ponto muito importante. A suposição é que tenha ocorrido poucos minutos depois. As cartas ainda estavam na mesa. Já passara da hora em que eles costumavam dormir. Mesmo assim não mudaram de posição nem afastaram as cadeiras. Repito, portanto, que o fato ocorreu logo após a partida do irmão, e antes das 11 horas. Nosso próximo passo, logicamente, é verificar, até onde pudermos, os movimentos de Mortimer Tregennis depois que saiu da casa. Não há dificuldades quanto a isso, e eles não me parecem suspeitos. Você,

que conhece meus métodos, também sabe que, derrubando o regador, consegui uma impressão mais nítida de suas pegadas do que conseguiria de outra forma. O caminho cheio de areia a imprimiu maravilhosamente. A noite de ontem estava úmida, como sabe, e não foi difícil – depois de ter conseguido o modelo – seguir suas pegadas no meio de outras e acompanhar seus movimentos. Parece que ele foi para a paróquia, andando rapidamente. Se Mortimer Tregennis saiu de cena e alguém de fora perturbou os jogadores, como poderemos descrever essa pessoa e que tipo de horror ela transmitiu? A sra. Porter pode ser descartada. Ela, evidentemente, é inofensiva. Existe alguma prova de que alguém tenha espiado pela janela do jardim e, de algum modo, provocado um efeito tão terrível naqueles que o viram a ponto de enlouquecerem? A única sugestão neste sentido vem do próprio Mortimer Tregennis, que afirmou que seu irmão mencionou algum movimento no jardim. Isto, sem dúvida, é extraordinário, já que a noite estava chuvosa, nublada e escura. Qualquer um que quisesse assustar aquelas pessoas seria obrigado a encostar a cara na vidraça para ser visto. Há um canteiro, de mais ou menos 1 metro, perto da janela, mas sem nenhuma marca de pé. Fica difícil imaginar como uma pessoa, do lado de fora, conseguiu causar uma impressão tão terrível no grupo, e não descobrimos um motivo plausível para um atentado tão estranho e complexo. Percebe as nossas dificuldades, Watson?

– São bastante claras – respondi com convicção.

– E mesmo assim, com um pouco mais de material, poderíamos provar que elas não são intransponíveis. Creio que no meio de seu vasto arquivo, Watson, você vai encontrar alguns casos que eram tão estranhos quanto este. Por enquanto vamos deixar o assunto de lado até termos mais alguns dados disponíveis, e vamos dedicar o resto de nossa manhã à perseguição do homem neolítico.

Já devo ter comentado a respeito da capacidade mental do meu amigo em se desligar, mas eu nunca ficara tão admirado com isso como naquela manhã em Cornwall; durante duas horas ele discorreu sobre os celtas, pontas de flechas e cacos de cerâmica com tanta tranqüilidade como se não houvesse um mistério sinistro esperando que ele o esclarecesse.

Só voltamos ao nosso chalé à tarde e encontramos um visitante nos aguardando, e que nos fez pensar novamente no caso. Ninguém precisava nos dizer quem era o visitante. O corpo volumoso, o rosto de traços

marcados e rugas profundas, os olhos ferozes e o nariz de águia, os cabelos grisalhos que quase varriam o teto do chalé, a barba – loura nas pontas e branca ao redor dos lábios, a não ser pela mancha de nicotina de seu eterno charuto –, tudo isso era tão conhecido em Londres quanto na África, e só podia ser associado à imponente figura do dr. Leon Sterndale, o grande caçador de leões e explorador.

Sabíamos de sua presença na região e uma ou duas vezes nós o tínhamos visto nas estradas locais. Mas ele não se aproximara de nós, nem nós sequer sonharíamos fazer isso, já que todo mundo sabia que fora seu amor pela solidão que o levara a passar a maior parte dos intervalos entre suas viagens num pequeno bangalô escondido nas matas isoladas de Beauchamp Arriance. Ali entre seus livros e mapas, vivia totalmente solitário, cuidando de si mesmo e aparentemente não se importando com a vida de seus vizinhos. Portanto, foi uma surpresa para mim ouvi-lo perguntar a Holmes, numa voz ansiosa, se meu amigo havia feito algum progresso na reconstituição do misterioso episódio.

– A polícia local está completamente sem ação – disse o visitante –, mas talvez o senhor, com sua grande experiência, tenha alguma explicação cabível. O motivo de lhe perguntar isso é que, durante as várias vezes em que estive aqui, fiquei conhecendo muito bem a família Tregennis – na verdade, posso até mesmo chamá-los de primos, pelo lado materno – e o trágico destino deles naturalmente foi um tremendo choque para mim. Eu já estava em Plymouth, a caminho da África, mas como fiquei sabendo da notícia, hoje de manhã, voltei diretamente para cá, a fim de ajudar nas investigações.

Holmes ergueu as sobrancelhas.

– O senhor, então, perdeu o navio?

– Tomarei o próximo.

– Céus! Isso é que é amizade!

– Eu lhe disse que são parentes.

– É verdade – primos por parte de mãe. A sua bagagem já estava a bordo?

– Uma parte; mas a principal ainda está no hotel.

– Sei. Mas com certeza a notícia ainda não estava nos jornais de Plymouth hoje de manhã.

– Não. Eu recebi um telegrama.

– Posso saber de quem?

Uma sombra passou pelo rosto desolado do caçador.

– O senhor faz muitas perguntas, sr. Holmes.

– É a minha profissão.

Com um esforço, o dr. Sterndale recuperou a serenidade.

– Não tenho nenhum motivo para não lhe dizer. Foi o sr. Roundhay, o vigário, que me mandou o telegrama que me trouxe de volta.

– Obrigado – disse Holmes. – Para responder à sua primeira pergunta, digo que ainda não tenho uma idéia muito precisa do caso, mas tenho grande esperança de chegar a uma conclusão. Seria prematuro dizer mais.

– O senhor se importaria de me dizer se sua suspeita aponta para alguma direção específica?

– Não tenho condições de responder.

– Então, perdi meu tempo e não devo mais prolongar a visita.

O famoso caçador saiu do chalé irritado e mal-humorado. Holmes o seguiu cinco minutos depois. Só fui vê-lo novamente à noite, quando voltou em passos lentos e com a fisionomia carrancuda, o que me mostrou que não progredira nas investigações. Deu uma olhada rápida num telegrama que o aguardava e o jogou no fogo.

– Veio do Plymouth Hotel, Watson – ele disse. – Fiquei sabendo do nome pelo vigário e mandei um telegrama para verificar se a história do dr. Leon Sterndale era verdadeira. Parece que ele realmente passou lá a noite de ontem e deu ordens para algumas de suas malas seguirem para a África, enquanto ele voltava para estar presente nas investigações. O que você acha, Watson?

– Ele está profundamente interessado.

– Sim, muitíssimo interessado. Há um fio aqui que ainda não conseguimos pegar, e que pode conduzir através desse emaranhado. Ânimo, Watson, porque tenho certeza de que ainda não temos todo o material nas mãos. Quando o tivermos, superaremos todas as dificuldades.

Eu mal suspeitava que as palavras de Holmes se tornariam realidade em pouco tempo, nem imaginava o curso estranho e sinistro que o caso tomaria, abrindo uma nova frente de investigação.

Eu estava me barbeando de manhã, perto da janela, quando ouvi o tropel de cavalos e, ao olhar, vi uma charrete vindo a todo o galope pela estrada. Parou diante da nossa porta e o vigário desceu e passou correndo pelo jardim. Holmes já estava vestido, e descemos rapidamente para receber o visitante. Ele estava tão nervoso que mal conseguia falar, mas, finalmente, ofegando e

arfando, contou-nos sua história trágica.

– O diabo está à solta, sr. Holmes! O diabo tomou conta de minha pobre paróquia! – exclamou. – O próprio Satanás está aí! Estamos à sua mercê!

O pobre vigário estava tão agitado que parecia dançar, uma figura que seria ridícula se não fosse pelo seu rosto pálido e os olhos assustados. Finalmente conseguiu contar a notícia terrível.

– O sr. Mortimer Tregennis morreu ontem à noite, exatamente com os mesmos sintomas de sua família!

Holmes levantou-se de um salto, com uma energia repentina.

– Pode levar-nos no seu carro?

– Sim.

– Watson, vamos adiar nosso café. Sr. Roundhay, estamos inteiramente à sua disposição. Depressa, depressa, antes que as coisas sejam desarrumadas.

O inquilino do vigário ocupava dois cômodos, um em cima do outro, num dos ângulos da casa paroquial. O de baixo era uma sala espaçosa, o outro, o quarto. Ambos davam para um campo de croqué, que ficava diante das janelas. Havíamos chegado antes do médico e da polícia, de modo que tudo estava intocado. Vou descrever a cena exatamente como a vimos naquela nublada manhã de março. Deixou-me uma impressão que jamais se apagará de minha memória. A atmosfera do quarto era horrivelmente sufocante e depressiva. A criada, que entrara antes no local, abrira as janelas, do contrário estaria ainda pior. Isto era devido, em parte, ao fato de que um lampião ainda estava aceso e fumegante sobre a mesa do centro. Ao lado dela estava o morto, recostado na cadeira, a barba rala esticada para a frente, com os óculos puxados sobre a testa, o rosto magro e moreno virado para a janela e contorcido pelo mesmo terror que marcara as feições de sua irmã. Seus membros estavam contraídos e as mãos crispadas, como se tivesse morrido num paroxismo de medo. Estava todo vestido, embora houvesse sinais de tê-lo feito às pressas. Já sabíamos que havia dormido na cama e que morrera nas primeiras horas da manhã.

Percebia-se a energia que havia por trás da fleuma exterior de Holmes na súbita mudança que se operou nele a partir do momento em que entrou no apartamento. Ficou instantaneamente tenso e alerta, os olhos brilhando, o rosto sério, as mãos trêmulas numa expectativa ansiosa. Andou pela grama ao redor da casa, olhou pela janela, examinou a sala e o quarto em cima, como um cão de caça farejando a presa. Fez uma inspeção rápida no quarto e

acabou abrindo a janela, o que parece ter-lhe dado novo motivo para excitação, porque inclinou-se para fora, com exclamações de interesse e satisfação. Em seguida desceu apressadamente a escada e atirou-se pela janela aberta, caindo no gramado, levantou-se e voltou para a sala novamente, com a energia de um caçador no rastro da presa.

Examinou o lampião, de um modelo comum, com muita atenção, fazendo algumas medições de sua capacidade. Com a lente, examinou cuidadosamente a fuligem que cobria a parte superior, e raspou um pouco das cinzas que tinham ficado grudadas na superfície, colocando-as num envelope que guardou no caderninho de bolso. Finalmente, logo após a chegada do médico e de um policial, fez sinal para mim e para o vigário e nós três saímos para o gramado.

– Fico contente em dizer que minha investigação não foi totalmente inútil – ele contou. – Não posso ficar aqui para discutir o caso com o policial, mas eu ficaria imensamente grato, sr. Roundhay, se o senhor apresentasse a ele meus cumprimentos e lhe pedisse para prestar atenção na janela do quarto e no lampião da sala. Cada um é bem sugestivo e, juntos, são conclusivos. Se a polícia quiser mais alguma informação, terei prazer em receber qualquer um deles no meu chalé. E agora, Watson, acho que nosso tempo poderia ser mais bem empregado em outro lugar.

Talvez a polícia tenha ficado ressentida com a intromissão de um amador, ou pensava que estivesse numa linha promissora de investigação. Mas o fato é que durante dois dias não tivemos nenhuma notícia. Holmes passou boa parte desses dois dias fumando e pensando, no chalé, mas na maior parte do tempo deu longas caminhadas solitárias pelos campos da região, voltando horas depois sem dizer onde estivera.

Uma experimentação dele mostrou-me sua linha de investigação. Tinha comprado um lampião exatamente igual ao que ficara aceso na casa de Mortimer Tregennis no dia da tragédia. Ele o encheu com o mesmo fluido usado na paróquia e marcou cuidadosamente o tempo que levava para ser consumido. Outra experiência que fez foi tão desagradável que provavelmente jamais vou esquecer.

– Você se lembra, Watson – ele comentou certa tarde –, de que existe um ponto comum de semelhança nas narrativas que ouvimos. Este ponto é o efeito que a atmosfera de cada ambiente produziu em quem entrou primeiro. Lembre-se de que Mortimer Tregennis, ao descrever a sua última visita à casa

dos irmãos, comentou que o médico, ao entrar na sala, caiu numa cadeira? Esqueceu? Bem, eu estou lembrado disso. Agora lembre-se de que a sra. Porter, a empregada, nos contou que, quando entrou na sala, ela também desmaiou, e mais tarde abriu a janela. No segundo caso – a tragédia do próprio Mortimer – você certamente se recorda da horrível sufocação na sala quando chegamos, embora a empregada já tivesse aberto a janela. Essa empregada, descobri na investigação, sentiu-se tão mal que teve de deitar-se. Você vai admitir, Watson, que esses detalhes são muito significativos. Em todos eles há uma indicação de atmosfera venenosa. Neles havia, também, combustão no ambiente – no primeiro, na lareira, e no segundo, no lampião. A lareira estava apagada, mas o lampião, aceso – uma comparação do fluido mostra isso – muito tempo depois que amanhecera. Por quê? Seguramente porque existe alguma ligação entre as três coisas – a combustão, a atmosfera sufocante e, finalmente, a loucura ou morte dos infelizes. Está claro, não?

– Parece que sim.

– Pelo menos devemos aceitá-la como uma hipótese plausível. Vamos supor, então, que alguma coisa foi queimada em cada caso e que produziu emanações que causaram efeitos tóxicos estranhos. No primeiro caso, o da família Tragennis, a substância foi posta na lareira. A janela estava fechada mas o fogo produziria fumaça que sairia em parte pela chaminé. Por isso era de se esperar que os efeitos do veneno fossem menos eficazes do que no segundo caso, em que havia menos escapamento do vapor. O resultado parece mostrar que foi assim, porque, no primeiro caso, apenas a mulher morreu, talvez por ter um organismo mais sensível, enquanto os outros manifestaram uma loucura, temporária ou definitiva que, evidentemente, é o primeiro efeito da droga. No segundo caso, o resultado foi completo. Assim sendo, parece que os fatos sustentam a teoria de um veneno que funciona quando é queimado. Com esta seqüência de raciocínio, naturalmente vasculhei a sala de Mortimer Tregennis à procura de algum vestígio dessa substância. O óbvio seria encontrá-la no lampião. De fato, lá encontrei uma camada de cinza e nas bordas um punhado de pó castanho, ainda não consumido. Raspei a metade, como viu, e guardei o material no envelope.

– Por que só a metade, Holmes?

– Meu caro Watson, não é do meu feitio atrapalhar o trabalho da polícia. Deixei para ela todas as provas que encontrei. O veneno ainda está lá no lampião, se ela quiser examiná-lo. E agora, Watson, vamos acender o nosso

lampião. Mas vamos tomar o cuidado de deixar a janela aberta para evitar o desaparecimento prematuro de dois dignos membros da sociedade. Sente-se na poltrona, perto da janela aberta, a menos que, como pessoa sensata, não queira participar da experiência. Oh, vai me ajudar, não? Eu sabia que conhecia o meu Watson. Vou colocar minha poltrona bem em frente à sua, de modo que ficaremos cara a cara e à mesma distância do veneno. Deixaremos a porta entreaberta. Cada um de nós estará numa posição que permite vigiar o outro e suspender a experiência se os sintomas forem perigosos. Está tudo claro? Bem, então vou pegar o pó do envelope – ou o que resta dele – e colocá-lo no lampião aceso. Ótimo! E agora, Watson, vamos nos sentar e esperar os resultados.

Não tivemos de esperar muito. Eu mal havia me sentado quando comecei a sentir um cheiro forte e almiscarado, penetrante, repugnante. À primeira inalação, meu cérebro e meus sentidos ficaram fora de controle. Uma nuvem espessa e negra girava na minha frente e meu cérebro me dizia que nela, ainda que invisível mas prestes a saltar sobre os meus sentidos embotados, estava todo o horror, tudo o que havia de monstruoso e incrivelmente perverso no mundo. Formas vagas e indefinidas rodopiavam e dançavam no meio da nuvem escura, cada uma delas uma ameaça e uma advertência de algo que se aproximava, algo de inenarrável chegando à porta, e sua sombra já bastaria para fulminar minha alma. Um medo gelado me dominou. Senti meus cabelos ficarem em pé, os olhos querendo saltar das órbitas, a boca aberta e a língua como um pedaço de couro. Dentro de meu cérebro o turbilhão era tamanho que alguma coisa acabaria estourando. Tentei gritar e ouvi vagamente o som rouco em que se transformara minha voz, distante e fora de mim.

Nesse momento, num esforço para escapar, rompi aquela névoa de desespero e vi no rosto de Holmes, branco, rígido e cheio de terror, a mesma expressão que eu vira no rosto dos mortos. Foi essa visão que me deu um momento de lucidez e força. Dei um salto da minha poltrona, coloquei os braços em volta de Holmes e saímos cambaleando pela porta; em seguida nos jogamos na grama e ali ficamos, lado a lado, percebendo apenas a gloriosa luz do sol que irrompia pela infernal nuvem de terror que nos envolvia. Lentamente ela se dissipou na nossa mente, como a neblina dos brejos, até que recuperamos a calma e a razão, e ficamos sentados na grama, limpando o suor viscoso de nossas testas e olhando apreensivos um para o

outro, para observar os últimos vestígios da experiência terrível pela qual havíamos acabado de passar.

– Palavra de honra, Watson! – disse Holmes, finalmente, com voz trêmula. – Devo-lhe um agradecimento e um pedido de desculpas. Foi uma experiência injustificável para mim sozinho, e ainda mais para um amigo. Lamento muito.

– Você sabe – respondi emocionado, pois nunca vira tanto carinho nele antes – que é uma grande alegria e um privilégio ajudá-lo.

No mesmo instante Holmes voltou a ser o homem meio irônico e cínico, exibindo sua atitude habitual para com as pessoas que se preocupavam com ele.

– Seria desnecessário nos fazer enlouquecer, meu caro Watson. Um observador casual diria que já estávamos loucos quando fizemos a experiência insensata. Confesso que não imaginava que o efeito pudesse ser tão rápido e intenso.

Ele entrou correndo no chalé e voltou com o lampião fumegante, mantendo-o afastado do rosto, e o atirou num monte de espinheiros.

– Temos de esperar até que a sala fique arejada. Suponho, Watson, que já não haja mais nenhuma dúvida a respeito do modo como as tragédias ocorreram?

– Nenhuma.

– Mas o caso continua tão misterioso como antes. Vamos nos sentar no caramanchão e analisar o assunto. Parece que aquela coisa maldita ainda está apertando minha garganta. Temos de admitir que todos os indícios apontam Mortimer Tregennis como o autor da primeira tragédia, embora tenha sido vítima na segunda. Em primeiro lugar devemos nos lembrar de que houve uma briga na família, seguida de reconciliação. Não sabemos qual foi a gravidade da briga nem a sinceridade da reconciliação. Quando me lembro de Mortimer Tregennis, com sua cara de raposa e os olhinhos maldosos por trás dos óculos, não consigo ver nele um homem que eu julgaria capaz de perdoar. Bem, em segundo lugar você deve se lembrar de que a história de alguém andando no jardim, que desviou um pouco nossa atenção da verdadeira causa da tragédia, partiu dele. Tinha motivo para tentar nos despistar. E depois, se não foi ele mesmo quem jogou a substância na lareira quando saiu, quem foi? O fato aconteceu logo após a saída dele. Se outra pessoa tivesse entrado na casa, a família certamente teria se levantado da mesa. Além do mais, nesta

Cornwall pacata, as visitas não aparecem depois das dez horas. Temos de aceitar, portanto, que todos os indícios apontam para Mortimer Tregennis como o criminoso.

– Então ele se suicidou?

– Bem, Watson, diante dos fatos, isso não é uma suposição impossível. O homem, que tinha na alma a culpa de dar à sua própria família esse destino, podia muito bem ser levado pelo remorso a fazer o mesmo com ele próprio. Entretanto, há fortes argumentos contra isso. Felizmente existe um homem na Inglaterra que sabe tudo a respeito disso, e eu fiz alguns arranjos para que ele mesmo conte todos os fatos esta tarde. Ah, ele está chegando um pouco antes da hora. Por aqui, dr. Sterndale. Fizemos uma experiência química na sala que deixou o ambiente impróprio para recebermos um visitante tão ilustre.

Escutei o rangido do portão do jardim e surgiu a figura imponente do famoso explorador africano. Ele se dirigiu, um tanto surpreso, para o caramanchão rústico onde estávamos sentados.

– O senhor me chamou, sr. Holmes. Recebi seu recado há uma hora e vim, embora não saiba por que deva obedecer às suas intimações.

– Talvez possamos esclarecer a questão antes de nos separarmos – respondeu Holmes. – Enquanto isso, fico-lhe muito grato por atender à solicitação. Desculpe-nos por esta recepção informal ao ar livre, mas meu amigo Watson e eu quase fornecemos um capítulo adicional ao que os jornais andam chamando de “O Terror de Cornish”, de modo que preferimos um ar limpo, no momento. Talvez, já que os assuntos que vamos discutir o afetam pessoalmente, seja bom que conversemos onde não haja intrusos nos ouvindo.

O caçador tirou o charuto da boca e olhou para o meu amigo com uma expressão severa.

– Não consigo imaginar o que o senhor tem para me dizer que possa me afetar pessoalmente.

– O assassinato de Mortimer Tregennis.

Por um momento desejei estar armado. O rosto feroz de Sterndale ficou vermelho de raiva, os olhos brilharam, as veias saltaram na testa enquanto ele avançava em direção ao meu amigo, com os punhos cerrados. Ele parou de repente, e com grande esforço recuperou uma calma fria e rígida que talvez fosse mais perigosa do que a explosão de ódio.

– Vivi tanto tempo entre os selvagens e longe da lei – ele disse – que peguei

a mania de fazer justiça por mim mesmo. Será bom que não se esqueça disso, sr. Holmes, porque não desejo lhe fazer nenhum mal.

– Eu também não desejo lhe fazer nenhum mal, dr. Sterndale. A maior prova disso é que, sabendo o que sei, mandei chamar o senhor e não a polícia.

O visitante sentou-se com um suspiro, talvez intimidado pela primeira vez em sua vida de aventuras. Era difícil resistir à segurança e à calma que havia na atitude de Holmes. O explorador hesitou, por alguns segundos, com as mãos grandes se abrindo e se fechando em sua agitação.

– O que quer dizer? – perguntou, finalmente. – Se se trata de um blefe seu, escolheu a pessoa errada para a tentativa, sr. Holmes. Vamos parar de rodeios. O que o senhor está insinuando?

– Vou contar-lhe – disse Holmes – e o motivo por que o faço é que espero que franqueza produza franqueza. Meu próximo passo depende de sua defesa.

– Minha defesa?

– Sim, senhor.

– Contra o quê?

– Contra a acusação de matar Mortimer Tregennis.

Sterndale enxugou a testa com um lenço.

– Palavra de honra, o senhor está indo longe demais. Todos os seus sucessos dependem de seu prodigioso poder de blefar?

– O blefe – respondeu Holmes, com severidade – está do seu lado, dr. Sterndale, não do meu. Como prova, vou contar-lhe alguns fatos nos quais baseei minhas conclusões. O que primeiro me alertou para o fato de o senhor ter alguma coisa a ver com esse drama foi seu retorno de Plymouth, deixando que algumas de suas malas seguissem para a África...

– Eu voltei...

– Já ouvi seus motivos e os considero inadequados e pouco convincentes. Deixemos isso de lado. Voltou aqui para me perguntar de quem eu suspeitava. Recusei-me a responder. O senhor, então, foi para a paróquia e durante algum tempo esperou do lado de fora e voltou depois para sua cabana.

– Como sabe disso?

– Eu o segui.

– Não vi ninguém.

– Pode esperar mesmo não ver ninguém quando eu o seguir. Passou a noite acordado na sua cabana, e elaborou planos que pôs em prática logo ao

amanhecer. Saiu da cabana bem cedinho, pôs no bolso algumas pedrinhas vermelhas, que ficam num montinho ao lado do seu portão.

Sterndale estremeceu e encarou Holmes, aturdido.

– Percorreu rapidamente a distância que separa sua cabana da paróquia. Devo dizer que estava usando o mesmo par de tênis que usa agora. Na paróquia, passou pelo pomar e pela cerca, ficando debaixo da janela de Tregennis. O dia já estava claro, mas o inquilino ainda dormia. Tirou algumas pedrinhas do bolso e as atirou na janela, logo acima.

Sterndale levantou-se.

– Eu acho que o senhor é o próprio diabo! – exclamou.

Holmes sorriu com o cumprimento.

– Foram necessários dois ou três punhados de pedras até que o inquilino surgisse à janela. O senhor fez-lhe sinal para que descesse. Ele se vestiu apressadamente e desceu até a sala. O senhor entrou pela janela. Houve uma conversa rápida, durante a qual o senhor ficou andando de um lado para o outro na sala. Depois saiu e fechou a janela e ficou esperando no gramado, fumando seu charuto e observando o que acontecia. Finalmente, depois que Tregennis morreu, o senhor foi embora rapidamente, como havia chegado. E agora, dr. Sterndale, como o senhor justifica sua conduta, e quais os motivos de seus atos? Se tentar mentir para mim ou tentar me enganar, dou-lhe minha palavra de que o assunto não mais ficará em minhas mãos.

O rosto de nosso visitante ficou branco como cera ao ouvir as palavras de acusação. Ficou sentado em silêncio durante algum tempo com a cabeça apoiada nas mãos. Depois, com um gesto brusco, tirou da carteira uma foto, que jogou diante de nós.

– Aí está por que eu fiz isso – ele disse.

O retrato mostrava o busto e o rosto de uma mulher lindíssima. Holmes inclinou-se para olhar.

– Brenda Tregennis – disse.

– Sim, Brenda Tregennis – repetiu o visitante. – Eu a amei durante anos. E durante anos ela me amou. Este é o segredo de minha reclusão em Cornish, que tem intrigado todo mundo. Esse amor me trouxe para perto da única coisa no mundo que eu queria. Não podia me casar com ela, porque tenho uma esposa que me abandonou há muito tempo e, mesmo assim, pelas leis deploráveis da Inglaterra, não pude me divorciar. Brenda esperou durante anos. Eu também. E esperamos para ter este final trágico.

Um suspiro profundo fez estremecer aquela figura enorme e ele apertou a garganta sob a barba. Depois, com esforço, conseguiu controlar-se e continuou.

– O vigário sabia do nosso segredo. Ele poderá dizer-lhe que ela era um anjo na terra. Foi por isso que me telegrafou e eu voltei. Que me importavam as malas e a África quando fiquei sabendo do que acontecera com o meu amor? Aí está o elo que faltava para explicar a minha ação, sr. Holmes.

– Prossiga – pediu Holmes.

O dr. Sterndale tirou do bolso um pacotinho e o colocou na nossa frente. No papel do embrulho estava escrito “”, com uma etiqueta vermelha embaixo, indicando tratar-se de veneno. Empurrou-o em minha direção.

– Sei que o senhor é médico. Já ouviu falar desta planta?

– Raiz pé do diabo. Não, nunca ouvi.

– Isto não desmerece seu conhecimento profissional – ele continuou – porque eu acho que, com exceção de um exemplar num laboratório de Budapeste, não existe outro espécime na Europa. Ainda não está devidamente catalogado na farmacopéia ou nos tratados sobre toxicologia. A raiz tem o formato de um pé, meio humano, meio animal, como o de um bode, daí o nome extravagante dado por um missionário botânico. É usado como veneno para castigos pelos curandeiros de algumas regiões da África Ocidental, e guardado como segredo entre eles. Consegui esta amostra no distrito de Ubangi, em circunstâncias muito especiais.

Abriu o pacote enquanto falava e mostrou um montinho de um pó castanho-avermelhado, parecido com rapé.

– E daí, senhor? – perguntou Holmes, incisivo.

– Vou contar-lhe, sr. Holmes, tudo que realmente aconteceu, porque parece que o senhor já sabe tanto que é, logicamente, do meu interesse que saiba de tudo. Já lhe expliquei o meu relacionamento com a família Tregennis. Pelo amor à irmã, eu era amigo dos irmãos. Houve um desentendimento entre eles a respeito de dinheiro, o que fez Mortimer afastar-se deles; mas supunha-se que tudo estivesse resolvido, e eu me encontrei com ele depois, como o fizera antes com os outros. Ele era um sujeito astucioso, sutil e vingativo, e várias coisas fizeram com que eu suspeitasse dele, mas não tinha motivo para uma briga de fato. Um dia, há apenas duas semanas, ele foi até meu chalé e eu lhe mostrei algumas de minhas curiosidades africanas. Entre outras coisas, mostrei-lhe este pó e falei das suas estranhas propriedades, que ele estimula

os centros nervosos do cérebro que controlam a emoção do medo, e que o nativo infeliz que é submetido à provação pelo curandeiro da tribo fica louco ou morre. Contei-lhe também que a ciência européia é incapaz de detectá-lo. Como ele conseguiu a erva eu não sei, já que não saí da sala, mas sem dúvida foi quando eu estava abrindo os armários e procurando coisas nas caixas que ele deu um jeito de pegar um pouco da raiz pé do diabo. Lembro que ele fez perguntas sobre a quantidade e o tempo necessários para produzir efeito, mas eu nem sonhava que ele pudesse ter motivos pessoais para perguntar. Não pensei mais no assunto até receber o telegrama do vigário em Plymouth. O bandido pensava que eu estaria em alto-mar quando recebesse a notícia, e que eu ficaria perdido na África durante anos. Mas voltei imediatamente. Ao ouvir os detalhes, claro que percebi que meu veneno fora usado. Vim falar com o senhor para saber se havia alguma outra explicação possível. Mas não poderia haver. Eu sabia que o assassino era Mortimer Tregennis; pelo amor ao dinheiro, e talvez com a idéia de que, se seus irmãos enlouquecessem, ele poderia assumir sozinho a tutela dos bens, usou contra eles o pó venenoso, deixando dois irmãos loucos e matando a irmã, a única mulher que amei na vida. Ali estava o crime dele. Qual deveria ser o seu castigo? Deveria apelar para a justiça? Onde estavam as minhas provas? Como eu poderia fazer um júri composto de aldeões acreditar numa história tão fantástica? Eu poderia ou não. Mas não podia dar-me ao luxo de arriscar. Minha alma clamava por vingança. Já lhe disse antes, sr. Holmes, que passei grande parte da minha vida longe da lei, e que me acostumei a praticá-la por mim mesmo. Agora era a ocasião. Decidi que o mesmo destino que ele infligira aos outros deveria ser dado a ele também. Isto, ou então eu faria justiça com minhas próprias mãos. Não existe na Inglaterra ninguém que dê menos valor à própria vida do que eu agora. Já lhe disse tudo. O senhor conhece o resto. Como o senhor mesmo contou, saí bem cedo de minha cabana depois de uma noite insone. Eu já havia previsto minhas dificuldades para acordá-lo, de modo que apanhei algumas pedras do montinho que o senhor mencionou, e as usei para jogar na janela. Ele desceu e deixou-me entrar pela janela da sala. Eu o acusei do crime e disse que estava ali no papel de juiz e carrasco. Aquele trapo humano afundou-se na cadeira, paralisado ao ver o meu revólver. Acendi o lampião, coloquei o pó ali e fiquei do lado de fora da janela, pronto para cumprir minha ameaça de matá-lo caso tentasse sair da sala. Ele morreu em cinco minutos. Meu Deus! O modo como ele morreu! Mas meu coração estava duro

como uma pedra, porque ele sentiu tudo o que minha amada Brenda tinha sentido antes dele. Esta é a minha história, sr. Holmes, e talvez, se amasse uma mulher, faria o mesmo. De qualquer maneira, estou nas suas mãos. Pode fazer o que achar melhor. Como já disse, não existe ninguém que tema a morte menos do que eu.

Holmes permaneceu sentado em silêncio durante algum tempo.

– Quais eram seus planos? – perguntou, finalmente.

– Pretendia embrenhar-me na África Central. Meu trabalho lá ainda está pela metade.

– Vá e faça a outra metade – disse Holmes. – Eu, pelo menos, não posso impedi-lo.

O dr. Sterndale levantou-se, uma figura imensa, curvou a cabeça solenemente num cumprimento e saiu.

Holmes acendeu o cachimbo e me entregou a bolsa do fumo.

– Uma fumaça não-venenosa seria uma mudança bem-vinda. Acho que você concorda, Watson, que este é um final em que não devemos interferir. Nossas investigações foram independentes, e nossa ação também deve ser. Você denunciaria o homem?

– Claro que não – respondi.

– Nunca amei, Watson, mas se o fizesse e a mulher que eu amasse tivesse um fim assim, eu agiria da mesma forma que o nosso destemido caçador de leões. Quem sabe? Bem, Watson, não vou ofender sua inteligência contando-lhe o óbvio. As pedras no peitoril da janela foram, é claro, o ponto de partida das minhas investigações. Não havia nada igual no jardim da paróquia. Somente quando minha atenção foi atraída para o dr. Sterndale e sua cabana é que achei pedras iguais. O lampião aceso em plena luz do dia e os restos do pó eram elos sucessivos de uma seqüência lógica. E agora, caro Watson, acho que devemos tirar o assunto da cabeça e voltar, com a consciência limpa, ao estudo das raízes dos caldeus que, seguramente, podem ser encontradas no ramo cornualhês da língua celta.

Seu Último Adeus

Um epílogo de Sherlock Holmes

Eram nove da noite de 2 de agosto – o mais terrível agosto da história do mundo. Podia-se pensar que a cólera de Deus já se abatera violentamente sobre um mundo degenerado, porque havia um silêncio apavorante e dava uma sensação de expectativa no ar abafado e sufocante. O sol já havia se posto há bastante tempo, mas uma fímbria vermelho-sangue, como uma ferida aberta, era visível no oeste distante. Acima, as estrelas brilhavam, intensamente, e embaixo, havia as luzes vacilantes das embarcações ancoradas na baía.

Os dois famosos alemães estavam encostados na proteção de pedra da alameda do jardim, com a casa comprida e baixa atrás deles, e olhavam a ampla curva da praia embaixo, aos pés do grande rochedo sobre o qual Von Bork, como águia errante, pousara quatro anos antes. Suas cabeças estavam próximas e eles conversavam num tom baixo e confidencial. As pontas acesas de seus charutos pareciam os olhos em

brasa de um espírito maligno perscrutando a escuridão.

Um homem notável, este Von Bork – um homem que dificilmente encontraria rival entre todos os dedicados agentes do kaiser. Foram os seus talentos que, antes de mais nada, o faziam dele a pessoa indicada para a missão inglesa, a mais importante de todas, e depois que a assumira, esses dotes se tornaram cada vez mais evidentes para a meia dúzia de pessoas no mundo que sabiam da verdade.

Uma dessas pessoas era seu companheiro na ocasião, o barão Von Herling, primeiro-secretário da missão diplomática, cujo imenso Mercedes Benz de cem cavalos bloqueava a estradinha, enquanto aguardava para levar seu dono de volta a Londres.

– Pelo que vejo do rumo dos acontecimentos, você estará de volta a Berlim dentro de uma semana – dizia o secretário. Quando chegar lá, meu caro Von Bork, acho que vai se surpreender com a recepção de boas-vindas que o

aguarda. Acontece que eu sei o que se pensa nos altos escalões a respeito do seu trabalho neste país.

O secretário era um homem alto, forte, corpulento, com um jeito seguro e lento de falar, o que fora sua principal característica na carreira diplomática.

Von Bork riu.

– Não é muito difícil tapeá-los – comentou. – Não se pode imaginar um povo mais dócil e simples.

– Não tenho muita certeza disso – observou o outro, pensativo. – Eles têm limites estranhos e nós temos de aprender a observá-los. É esta simplicidade superficial deles que vira uma armadilha para os estrangeiros. A primeira impressão é que eles são completamente flexíveis. Então, de repente, esbarramos em algo muito duro e ficamos sabendo que chegamos ao limite e precisamos nos adaptar ao fato. Por exemplo, eles têm as suas convenções insulares que precisam ser respeitadas.

– Quer dizer “boas maneiras” e coisas desse tipo?

Von Bork suspirou, como alguém que tinha sofrido muito.

– Estou querendo dizer preconceito britânico em todas as suas estranhas manifestações. Como exemplo, posso citar um dos meus piores erros – permito-me falar dos meus erros porque você conhece suficientemente o meu trabalho para saber dos meus sucessos. Foi na minha primeira visita. Fui convidado para uma reunião de fim de semana na casa de campo de um membro do Gabinete. A conversa foi espantosamente indiscreta.

Von Bork concordou com a cabeça.

– Eu estava lá – disse secamente.

– Exatamente. Bem, é claro que eu naturalmente enviei a Berlim um resumo das informações. Infelizmente nosso bom chanceler é um tanto desastrado em assuntos dessa natureza e transmitiu uma observação que mostrava que ele estava a par do que fora dito. Isto, é óbvio, tornou-me o suspeito direto. Você não imagina o mal que me fez. Asseguro-lhe que não houve nada de delicado com nossos anfitriões ingleses na época. Amarguei aquilo durante dois anos. E agora você, com sua pose de esportista...

– Não, não, eu não a considero uma pose. Pose é uma coisa artificial. Isto é completamente espontâneo. Sou um esportista nato. Gosto disto.

– Bem, isso torna tudo mais fácil. Você compete com eles em corridas de iate, caça com eles, joga pólo, enfrenta-os em qualquer jogo, sua carruagem ganha o prêmio em Olímpia. Até ouvi dizer que luta boxe com os jovens

oficiais. Qual é o resultado? Ninguém o leva a sério. Você é um "bom sujeito, esportista, um camarada bastante decente para um alemão", é beberrão, boêmio, freqüentador de cabarés, farrista. E durante todo o tempo sua pacata casa de campo é o centro de metade das confusões na Inglaterra, e o cavalheiro esportista é o mais astuto agente do serviço secreto na Europa. Gênio, meu caro Von Bork – gênio!

– Isto é uma lisonja, barão. Mas certamente posso afirmar que meus quatro anos neste país não foram improdutivos. Nunca lhe mostrei meu pequeno arsenal. Quer entrar um pouquinho, por favor?

A porta do escritório dava direto no terraço. Von Bork a empurrou e, indo na frente, ligou o interruptor da luz elétrica. Depois fechou a porta atrás do vulto corpulento que o seguiu e cerrou cuidadosamente a pesada cortina da janela. Só depois de tomar todas essas precauções foi que voltou o rosto aquilino e queimado de sol para o visitante.

– Alguns de meus documentos já seguiram – disse. – Ontem, quando minha mulher e a empregada partiram para Flushing, levaram os menos importantes. Claro que devo exigir a proteção da embaixada para os demais.

– Seu nome já consta da lista para uma das suítes. Não haverá dificuldade com suas malas. Claro, é bem possível que não tenhamos de partir. A Inglaterra pode ter deixado a França entregue ao seu destino. Sabemos que não há nenhuma aliança entre elas.

– E a Bélgica?

– Sim e a Bélgica também.

Von Bork sacudiu a cabeça.

– Não vejo como isso pode acontecer. Há um tratado definido ali. A Inglaterra nunca se recuperará de tamanha humilhação.

– Pelo menos teria paz por algum tempo.

– Mas, e sua honra?

– Ora, meu caro, vivemos numa época utilitária. A honra é uma concepção medieval. Além do mais, a Inglaterra ainda não está pronta. É algo inconcebível, mas nem mesmo nossa taxa especial de guerra de 50 milhões, que se poderia pensar que tornou nosso objetivo tão evidente como se tivéssemos anunciado na primeira página do Times, fez com que este povo saísse de sua modorra. De vez em quando se ouve uma indagação. É minha função encontrar uma resposta. Mas posso assegurar-lhe que quanto ao essencial – o estoque de munições, a preparação para ataques de submarinos,

os acertos para fabricação de explosivos de alta potência – nada disso está pronto. Não se pode, portanto, pensar numa intervenção inglesa, principalmente agora que fomentamos essa infernal guerra civil da Irlanda e tudo o mais para mantê-la voltada para si mesma.

– Ela tem de pensar no futuro.

– Ah, isso já é outro assunto. Imagino que, no futuro, teremos nossos planos bem definidos a respeito da Inglaterra e suas informações serão vitais para nós. Será hoje ou amanhã com o sr. John Bull.* Se ele preferir hoje, estamos perfeitamente preparados. Se for amanhã, estaremos mais preparados ainda. Tenho certeza de que eles preferirão lutar com os aliados do que sem eles, mas isso é problema deles. Esta é a semana do destino deles. Mas você estava falando de seus documentos.

Ele sentou-se numa poltrona, com a luz brilhando na cabeça calva, enquanto fumava tranqüilamente o charuto.

A sala grande, forrada de painéis de carvalho e cheia de estantes de livros, tinha uma cortina numa das extremidades. Quando ela foi puxada, revelou um cofre grande de bronze. Von Bork tirou uma chave pequena da corrente do relógio e depois de mexer um pouco na fechadura abriu a porta pesada.

– Veja! – ele disse, afastando-se e fazendo um sinal com a mão.

A luz brilhava intensamente no cofre aberto e o secretário da embaixada olhou com vivo interesse os compartimentos cheios de documentos. Cada compartimento tinha uma etiqueta, e ele viu uma série de títulos como Passagens, Defesas de Portos, Aviões, Irlanda, Egito, Fortificações de Portsmouth, Canal da Mancha, Rosythe e muitos outros. Cada compartimento estava abarrotado de documentos e planos.

– Fantástico, secretário. Deixando o charuto de lado, ele bateu palmas com as mãos gordas.

– Tudo em quatro anos, barão. Nada mau para um cavalheiro beberrão. Entretanto, a jóia de minha coleção ainda está por chegar e já tem o seu trono reservado.

Apontou para um espaço vazio, sobre o qual se lia: Sinalizações Navais.

– Mas você já tem um ótimo dossiê.

– Documentos antiquados e inúteis. O Almirantado de alguma forma recebeu um alarme e mudou todos os códigos. Foi um golpe, barão – o pior retrocesso em todo o meu trabalho. Mas, graças ao meu talão de cheques e ao bom Altamont, tudo estará bem hoje à noite.

O barão consultou o relógio e soltou uma exclamação gutural de desapontamento.

– Bem, não posso mesmo esperar mais. Você bem pode imaginar que as coisas estão acontecendo no momento em Carlton Terrace e nós todos temos de estar em nossos postos. Eu esperava poder levar novidades de seu grande golpe. Altamont disse a que horas viria?

Von Bork mostrou-lhe um telegrama:

Irei sem falta esta noite e levarei novas velas.

Altamont.

– Velas, hein?

– Como vê, ele passa por mecânico e eu por dono de uma grande garagem. Em nosso código, tudo o que recebo vem com nome de peças de motor. Se ele se refere a um radiador, trata-se de um vaso de guerra; se fala de bomba de óleo, é um cruzador, e assim por diante. Velas são sinalizações marítimas.

– De Portsmouth, ao meio-dia – disse o secretário, examinando o telegrama. – A propósito, quanto você lhe pagou?

– Quinhentas libras por este trabalho especial. É claro que ele tem também um salário.

– Um velhaco ganancioso. Esses traidores são úteis, mas lamento o dinheiro sujo que lhes damos.

– Quanto a Altamont, não lamento nada. É um ajudante maravilhoso. Pago-lhe bem e ele, pelo menos, entrega a mercadoria, para usar sua própria linguagem. Além do mais, ele não é um traidor. Garanto-lhe que nosso sentimento germânico em relação à Inglaterra não passa de uma pomba inocente se comparado com a amargura demonstrada por esse irlandês-americano.

– Oh, um irlandês-americano?

– Se você o ouvisse falar, não teria a menor dúvida. Ele parece ter declarado guerra ao inglês do rei e ao rei inglês. Mas, precisa mesmo ir embora? Ele pode chegar a qualquer momento.

– Não, sinto muito, mas já demorei demais. Esperamos você amanhã bem cedo, e quando tiver passado o livro de sinalizações pela portinha nas escadas do Duke of York, poderá acrescentar um final glorioso à sua carreira na Inglaterra. O quê?! Tokay!

Indicava uma garrafa coberta de poeira que estava ao lado de dois copos

numa bandeja.

– Posso oferecer-lhe um copo antes de ir embora?

– Não, obrigado. Mas parece uma festança.

– Altamont tem bom gosto para vinhos e se apaixonou pelo meu Tokay. É um sujeito muito sensível e tenho de agradá-lo nas pequenas coisas. Asseguro-lhe que tive de estudá-lo.

Haviam saído novamente para o terraço, e lá embaixo, a um toque do motorista, o carro tremeu e sacudiu.

– Acho que aquelas são as luzes de Harwich – disse o secretário, vestindo o sobretudo. Tudo parece calmo e em paz. Haverá outras luzes dentro de uma semana, e a costa inglesa será um local menos tranqüilo! Os céus também não serão tão pacíficos se tudo o que nosso bom Zeppelin nos prometeu tornar-se realidade. A propósito, quem é aquela mulher?

Atrás deles, apenas uma janela estava iluminada; ao lado de uma lâmpada, via-se uma velha de rosto vermelho, com uma touca. Estava curvada sobre um bordado e de vez em quando acariciava um enorme gato preto, deitado num banquinho perto dela.

– É Martha, a única empregada que ficou.

O secretário riu.

– Ela bem que poderia personificar a Inglaterra – comentou – com sua absorção total e um aspecto de confortável sonolência... Bem, au revoir, Von Bork!

Com um aceno final, entrou no carro, e alguns segundos depois os dois cones dourados dos faróis iluminavam o caminho escuro. O secretário recostou-se no banco da luxuosa limusine, pensando na tragédia iminente da Europa e mal viu quando seu possante carro chegou à estrada, passando por um pequeno Ford que vinha na direção contrária.

Von Bork voltou lentamente para o seu escritório, depois que as luzes do carro desapareceram na distância. Notou que a velha empregada apagara a luz e se retirara. O silêncio e a escuridão da casa eram uma experiência nova para ele, já que sua família e a criadagem eram grandes. Entretanto sentia um certo alívio ao pensar que todos estavam em segurança e que, a não ser pela velha na cozinha, ele estava sozinho na casa. Havia ainda muita coisa para pôr em ordem no escritório, e ele se entregou ao trabalho até que seu rosto alerta e simpático ficou vermelho com o calor dos documentos que ia queimando. Começou a empacotar, cuidadosa e sistematicamente, o precioso conteúdo de

seu cofre, colocando os documentos numa valise de couro que estava sobre uma mesa. Mal havia começado o trabalho quando seus ouvidos alertas perceberam o barulho de um carro ao longe. Na mesma hora soltou uma exclamação de satisfação, fechou a valise, fechou e trancou o cofre e correu para o terraço a tempo de ver os faróis de um carro pequeno parando diante do portão. Um passageiro desceu rapidamente e se encaminhou para ele, enquanto o motorista, um sujeito corpulento e idoso com um bigode grisalho, ficou na direção, como que resignado a uma longa espera.

– E então? – perguntou Von Bork, ansioso, correndo ao encontro do visitante.

Como resposta, o homem sacudiu, triunfante, acima da cabeça, um embrulho de papel marrom.

– Pode felicitar-me esta noite, senhor – disse o recém-chegado. – Finalmente estou lhe trazendo a sorte grande.

– As sinalizações?

– Tal qual eu disse no telegrama. Todas elas, semáforos, códigos de lâmpadas, telégrafo – uma cópia, lembre-se, e não o original. O original era muito perigoso. Mas é o negócio mesmo, pode ter certeza.

Deu um tapinha no ombro do alemão com uma familiaridade rude, que fez o outro se encolher.

– Entre – disse. – Estou sozinho na casa. Estava apenas esperando isso. Claro que uma cópia é melhor do que o original. Se o original desaparecesse, eles mudariam tudo de novo. Você tem certeza de que está tudo bem com as cópias?

O irlandês-americano havia entrado no escritório e esticado as longas pernas numa poltrona. Era um sujeito alto, magro, de uns 60 anos, com feições nítidas e um cavanhaque que o deixava parecido com uma caricatura do Tio Sam. Do canto da boca pendia um charuto meio fumado e encharcado, que ele acendeu de novo ao se sentar.

– Vai cair fora? – perguntou, olhando em volta. – Diga-me – acrescentou, quando viu o cofre exposto pela cortina aberta –, será que guarda seus documentos naquilo?

– Por que não?

– Diabo! Numa geringonça fácil como esta? E o senhor é um espião! Ora, qualquer malandro americano conseguiria arrombá-lo com um abridor de latas! Se eu soubesse que alguma carta minha ia ficar num treco assim, eu

seria um palerma se lhe escrevesse.

– Daria trabalho a qualquer malandro para arrombar o cofre – respondeu Von Bork. – Não se consegue cortar o metal com nenhuma ferramenta.

– Mas, e a fechadura?

– É de combinação dupla. Sabe o que é isso?

– Estou por fora – respondeu o americano.

– Bem, antes de se tentar abrir a fechadura, é necessário que se conheça uma certa palavra, assim como uma combinação de números.

Ele levantou e mostrou um disco duplo em torno da fechadura.

– O disco de fora é para a palavra, e o de dentro, para os números – explicou.

– Bom, bom, muito bom.

– Assim sendo, não é tão fácil como pensou. Mandei fabricá-lo há quatro anos, e adivinhe que palavra e que número eu escolhi?

– Não faço idéia.

– Bem, para a palavra escolhi “agosto”, e para os números, “1914”, e aí estão.

O rosto do americano revelou surpresa e admiração.

– Puxa, mas foi muito bem bolado! Fez um belíssimo trabalho!

– Sim, mesmo naquela época, bem poucos de nós poderiam ter adivinhado a data. Está aí, e eu parto amanhã cedo.

– Bem, acho que tem de dar um jeito na minha situação também. Não vou ficar sozinho neste país maldito. Pelo que sinto, dentro de uma semana ou menos John Bull vai estar de quatro e esbravejando. Quero estar bem longe...

– Mas você não é um cidadão americano?

– Ora, Jack James também era cidadão americano e está cumprindo pena em Portland este tempo todo. Não adianta dizer a um tira inglês que se é cidadão americano. Sempre dizem “Aqui, a lei e a ordem são britânicas”. A propósito, senhor, por falar em Jack James, parece que o senhor não dá muita cobertura aos seus agentes...

– O que quer dizer? – perguntou Von Bork rispidamente.

– Bem, o senhor é o patrão, não é? Cabe ao senhor falar para que eles não sejam apanhados. Mas acabam sendo presos, e quando foi que o senhor os socorreu? Há o James...

– A culpa foi do próprio James. Você sabe disso. Ele estava muito confiante no serviço.

– Ele era um cabeça-dura, isso é verdade. Mas também temos Hollis...

– Ele era um louco.

– Bem, ficou meio biruta no fim. Um sujeito acaba ficando mesmo meio atarantado quando tem de trabalhar de manhã e à noite com uma centena de sujeitos prontos para lançar os tiras atrás dele. Mas agora temos Steiner...

Von Bork estremeceu violentamente e o rosto corado empalideceu.

– O que aconteceu com Steiner?

– Ora, ele foi apanhado – é isso aí. Invadiram a loja dele ontem à noite, e ele e os documentos estão na cadeia de Portsmouth agora. O senhor vai embora e o coitado do sujeito vai agüentar a barra pesada, e vai ter muita sorte se conseguir escapar com vida. É por causa disso que quero estar do outro lado do canal o mais cedo possível.

Von Bork era um sujeito frio, controlado, mas era fácil ver que a notícia o deixara abalado.

– Como conseguiram chegar até Steiner? – perguntou. – Este foi o pior golpe.

– Bem, o senhor quase recebeu um golpe pior ainda, pois acho que os homens estão atrás de mim...

– Você não fala a sério!

– No duro. Minha senhoria já foi interrogada, e quando soube disso, vi que era hora de me mandar. Mas o que eu quero saber, senhor, é como os tiras ficam sabendo dessas coisas. Steiner é o quinto homem que o senhor perde desde que estou a seu serviço e já sei o nome do sexto, se não me virar. Como o senhor explica isso, e não fica envergonhado de ver seus homens caírem assim?

Von Bork ficou vermelho.

– Como ousa falar comigo assim?

– Se eu não ousasse fazer coisas, senhor, não estaria a seu serviço. Mas, vou ser franco. Dizem que vocês, políticos alemães, quando um agente acabou o serviço, não lamentam se ele for morto.

Von Bork levantou-se num pulo.

– Você tem a ousadia de insinuar que eu me livrei de meus próprios agentes?

– Não chego a tanto, senhor, mas há um delator ou um galho qualquer em algum lugar, e cabe ao senhor descobrir. De qualquer maneira, eu não vou me arriscar mais. Vou para a pequena Holanda, e quanto antes, melhor.

Von Bork controlou a raiva.

– Fomos aliados durante tempo demais para brigarmos agora, no momento da vitória – disse. – Você fez um trabalho esplêndido e correu riscos, e isso eu não posso esquecer. Parta para a Holanda e pegue um navio em Rotterdã que o leve para Nova York. Daqui a uma semana, nenhuma outra linha será segura. Agora vou pegar este pacote e guardá-lo com os outros.

O americano segurava o pacotinho nas mãos, mas não fez menção de entregá-lo ao alemão.

– E que tal o tutu? – perguntou.

– Que tal o quê?

– A bufunfa. O dinheiro. As quinhentas libras. O atirador ultimamente endureceu a barra e tive de amaciá-lo com mais 100 dólares, ou então o negócio pifava para nós dois. "Nada feito", ele dizia, e falava sério, mas os últimos 100 dólares funcionaram. O negócio todo me custou duzentas libras, de modo que não será justo que eu me desfaça dele sem receber minha bolada.

Von Bork sorriu com desdém.

– Parece que você não tem em alta conta a minha honra – disse. – Quer o dinheiro antes de entregar a mercadoria.

– Bem, senhor, é uma questão de negócios...

– Está bem. Como quiser.

Sentou-se à mesa e preencheu um cheque, que destacou do talão, mas não o entregou ao companheiro.

– Afinal de contas, já que vamos agir desta maneira, sr. Altamont, não vejo por que deva confiar no senhor mais do que confia em mim. Está me entendendo? – acrescentou, olhando por sobre os ombros para o americano. – Aqui está o cheque, na mesa. Exijo o direito de examinar o pacote antes que apanhe o dinheiro.

O americano entregou o material sem dizer uma palavra. Von Bork desfez o nó do barbante e tirou duas folhas de papel que cobriam o embrulho. Então sentou-se, contemplando num silêncio aturdido um pequeno livro de capa azul diante dele. Na capa, em letras douradas, estava impresso Manual prático de apicultura. O espião-chefe olhou apenas por um segundo o título estranho. No instante seguinte, uma garra de ferro o segurou pela nuca e uma esponja embebida em clorofórmio foi colocada diante do seu rosto contorcido.

– Outro copo, Watson! – disse Sherlock Holmes ao passar a garrafa do

Imperial Tokay.

O motorista gordo, que se sentara à mesa, empurrou seu copo com certa avidez.

– Um bom vinho, Holmes.

– Excelente, Watson. Nosso amigo do sofá garantiu-me que veio da adega especial de Franz Josef, do palácio Schoenbrunn. Por favor, abra a janela, porque o cheiro de clorofórmio estraga o paladar.

O cofre estava aberto e Holmes, de pé diante dele, tirava dossiê por dossiê, examinando cada um com cuidado e colocando-os caprichosamente na valise de Von Bork. O alemão estava deitado no sofá, dormindo e roncando, com uma correia em volta dos braços e outra nas pernas.

– Não precisamos ter pressa, Watson. Não seremos interrompidos. Poderia tocar a campainha? Não há ninguém na casa a não ser a velha Martha, que representou o papel com perfeição. Arrumei para ela este serviço aqui quando comecei a trabalhar no caso. Ah, Martha vai ficar contente em saber que está tudo bem.

A mulher havia aparecido à porta. Fez uma mesura para Holmes, com um sorriso, mas olhou apreensiva para a figura deitada no sofá.

– Está tudo bem, Martha. Ele não está ferido.

– Fico satisfeita com isso, sr. Holmes. A seu modo, foi um bom patrão. Queria que eu partisse para a Alemanha, ontem, junto com a esposa. Mas isso não seria bom para os planos, não é verdade, sr. Holmes?

– Não, não seria mesmo, Martha. Enquanto você estivesse aqui, eu ficaria descansado. Esperamos durante algum tempo o seu sinal, hoje à noite.

– Foi por causa do secretário, senhor.

– Eu sei. O carro dele passou pelo nosso.

– Achei que não iria mais embora. Eu sabia que não seria conveniente para os seus planos encontrá-lo aqui.

– É verdade. Bem, tivemos de aguardar durante meia hora até ver sua lâmpada apagada e saber que o caminho estava livre. Encontre-se comigo em Londres amanhã, no Claridge Hotel, Martha.

– Muito bem, senhor.

– Acho que já está com tudo pronto para ir embora.

– Sim, senhor. Ele mandou sete cartas hoje. Como sempre, anotei os endereços.

– Muito bem, Martha. Amanhã dou uma olhada nelas. Boa-noite.

Depois que a mulher saiu ele continuou.

– Estes documentos não são muito importantes porque as informações que contêm naturalmente já foram mandadas há muito tempo para o governo alemão. Estes são os originais que não podiam sair impunemente do país.

– Então eles não servem para nada.

– Não diria tanto, Watson. Pelo menos servem para mostrar ao nosso pessoal o que já se sabe ou não. Devo dizer que muitos destes documentos vieram por meu intermédio e não preciso acrescentar que são inteiramente falsos. Seria uma alegria, nos meus últimos anos, ver um cruzador alemão navegar pelo Solem de acordo com um mapa de campo de minas que lhes entreguei. Mas você, Watson – ele interrompeu o trabalho e segurou o velho amigo pelos ombros –, eu mal o vi na luz ainda. Como o tempo o trata? Você parece o rapaz alegre de sempre.

– Sinto-me vinte anos mais moço, Holmes. Poucas vezes me senti tão feliz como quando recebi seu telegrama pedindo-me para encontrá-lo em Harwich com o carro. Mas você, Holmes... você mudou muito pouco, a não ser por este horrível cavanhaque.

– São os sacrifícios que fazemos pelo país, Watson – ele disse, alisando o pequeno tufo. – Amanhã isto será apenas uma recordação desagradável. Com o cabelo cortado e algumas outras modificações superficiais, sem dúvida vou reaparecer amanhã no Claridge como eu era antes de topar esta parada... perdão, Watson; mas meu poço de puritanismo britânico parece estar definitivamente poluído... antes que esta empreitada americana surgisse em meu caminho.

– Mas você estava aposentado, Holmes. Soubemos que vivia como um verdadeiro eremita entre suas abelhas e seus livros numa pequena fazenda de South Downs.

– Exatamente, Watson. Aqui está o fruto de meu tempo de lazer, a magum opus dos últimos anos.

Pegou o livro na mesa e leu em voz alta o título completo: Manual prático de apicultura, com algumas observações sobre a segregação da rainha.

– Eu o escrevi sozinho. Contemplei o fruto de noites em claro e dias atarefados enquanto eu observava os pequenos bandos trabalhando, tal como eu fazia antes com os criminosos de Londres.

– Mas como voltou a trabalhar?

– Ah, eu mesmo tenho me perguntado isso. Eu podia ter convencido o

ministro das Relações Exteriores, mas quando o próprio primeiro-ministro também me deu a honra de visitar minha humilde casa... A verdade, Watson, é que este cavalheiro ali no sofá era bom demais para o nosso pessoal. Estava numa categoria especial. As coisas não estavam dando certo e ninguém conseguia entender por quê. Suspeitava-se de agentes, e alguns chegaram a ser apanhados, mas havia indícios de uma força central, secreta e poderosa. Era absolutamente necessário descobri-la. Fui pressionado para cuidar do caso. Isto me custou dois anos, Watson, mas eles não foram destituídos de emoção. Quando lhe disser que comecei minha peregrinação em Chicago, que me filiei a uma irlandesa sociedade secreta em Buffalo, que dei muito trabalho à polícia de Skibbareen até chamar a atenção de um agente do Von Bork, que me recomendou como pessoa de confiança, você vai perceber que o assunto era muito complexo. Desde então, fui honrado com a confiança do homem, o que não impediu que a maior parte de seus planos fosse sutilmente frustrada e que cinco de seus melhores agentes estejam presos. Fiquei de olho neles, Watson, e os apanhei assim que amadureceram. Bem, senhor, espero que esteja melhor!

Esta última observação fora dirigida ao próprio Von Bork, que, depois de muito ofegar e piscar, ouvia calado o que Holmes dizia. Explodiu, em seguida, numa furiosa torrente de imprecações em alemão, com o rosto contorcido de ódio. Holmes continuou calmamente a pesquisa nos documentos enquanto seu prisioneiro praguejava e amaldiçoava.

– Embora não seja melodioso, o alemão é a mais expressiva de todas as línguas – observou Holmes depois que Von Bork, cansado, parou. – Olalá! – exclamou ao examinar um desenho, antes de colocá-lo no cofre. – Isto aqui vai pôr outro passarinho na gaiola. Eu não imaginava que o tesoureiro fosse um velhaco, embora há muito tempo estivesse desconfiado dele. Sr. Von Bork, há um punhado de coisas pelas quais vai ter de responder.

O prisioneiro, depois de muito esforço, conseguira se sentar e olhava para seu captor com incredulidade e ódio.

– Ainda vou pegá-lo, Altamont – disse lenta e deliberadamente. – Mesmo que leve o resto de minha vida, ainda vou acertar as contas com vocês!

– A velha e doce canção de sempre – ironizou Holmes. – Quantas e quantas vezes já a ouvi no passado! Era a cantilena favorita do finado professor Moriarty. O coronel Sebastian Moran também gostava de entoá-la. E eu ainda estou vivo e crio abelhas em South Downs.

– Maldito seja, duplo traidor! – o alemão gritou para Holmes, retesando as cordas e com uma fúria homicida nos olhos.

– Não, não, não sou tão mau assim – respondeu Holmes, sorrindo. – Como deve ter entendido, o sr. Altamont de Chicago na verdade não existe. Usei-o, e ele já não mais existe.

– Então, quem é você?

– Não importa quem eu seja, mas já que o assunto parece interessá-lo, sr. Von Bork, posso dizer-lhe que este não é meu primeiro contato com membros de sua família. No passado fiz uma série de trabalhos na Alemanha e meu nome talvez lhe seja familiar.

– Gostaria de saber qual é – disse o prussiano, carrancudo.

– Fui eu quem provocou a separação entre Irene Adler e o finado rei da Boêmia, quando seu primo Heinrich era o enviado imperial. Fui eu quem o salvou de morrer assassinado pelo niilista Klopman, o conde Von und Zu Grafenstein, que era o irmão mais velho de sua mãe. Fui eu quem...

Von Bork ficou boquiaberto. – Só existe um homem! – exclamou.

– Exatamente – disse Holmes.

Von Bork gemeu e afundou no sofá.

– E a maior parte das informações veio de você! – exclamou. – Qual o valor delas? O que foi que eu fiz? Estou arruinado para sempre...

– Sem dúvida as informações que transmiti não são muito confiáveis – disse Holmes. – Exigiria uma verificação e vocês não têm tempo para fazer isso. Seu almirante vai descobrir que os novos canhões são maiores do que ele esperava e que os cruzadores talvez sejam um pouco mais velozes...

Von Bork, num gesto de desespero, apertou a própria garganta.

– Há muitos outros detalhes que, sem dúvida, virão à luz no momento próprio. Mas o senhor tem uma qualidade rara num alemão, sr. Von Bork: é um esportista, e não vai guardar rancor de mim quando compreender que, depois de tapear tanta gente, finalmente foi tapeado por mim. Afinal de contas, fez o melhor por seu país, e eu fiz o melhor pelo meu. Assim sendo, o que pode ser mais natural? Além do mais – acrescentou Holmes, com certa bondade, pondo a mão no ombro do homem prostrado –, é melhor assim do que cair diante de um inimigo mais implacável. Os documentos já estão prontos, Watson. Se me ajudar com o prisioneiro, acho que podemos partir para Londres imediatamente.

Não foi fácil levar Von Bork, pois era um sujeito forte e violento.

Finalmente, segurando os braços dele, os dois amigos o arrastaram lentamente pelo caminho do jardim, onde o alemão andara com tanta confiança e orgulho algumas horas antes, ao receber as congratulações do famoso diplomata. Após uma luta rápida, ele foi colocado no banco traseiro do carro, com os pés e as mãos amarrados. A preciosa maleta foi colocada ao seu lado.

– Espero que esteja o mais confortável possível nesta situação – disse Holmes, quando estava tudo pronto. – Posso acender um charuto e colocá-lo entre seus lábios?

Mas as amenidades eram inúteis como o alemão zangado.

– Creio que sabe, sr. Sherlock Holmes, que se seu governo o apóia neste tratamento, ele se torna um ato de guerra.

– E o que acha de seu governo e todo este tratamento? – perguntou Holmes, dando um tapinha na valise.

– O senhor não é uma autoridade oficial. Não tem um mandado de prisão. O seu procedimento é totalmente ilegal e abusivo.

– Totalmente – concordou Holmes.

– Está seqüestrando um súdito alemão.

– E roubando seus documentos particulares.

– Bem, reconhece sua situação, o senhor e seu cúmplice aqui. Se eu gritar por socorro quando passarmos pela aldeia...

– Meu caro senhor, se fizesse algo tão estúpido assim, com toda a certeza iria aumentar os poucos nomes das hospedarias da aldeia, dando-nos sugestões como “O Prussiano Pendente” como tabuleta! O inglês é uma criatura paciente, mas no momento seu ânimo anda um tanto exaltado e seria aconselhável não inflamá-lo demais. Não, sr. Von Bork, irá conosco bem quieto, uma atitude sensata, até a Scotland Yard, de onde poderá chamar seu amigo, o barão Von Herling, e ver se ele ainda o quer no lugar que reservou para o senhor na embaixada. Quanto a você, Watson, vai juntar-se a nós, com sua antiga função, de modo que Londres está no seu caminho. Fique um pouco comigo aqui no terraço, pois esta pode ser a última conversa tranqüila que teremos.

Os dois amigos se envolveram numa conversa íntima durante alguns minutos, recordando os dias gloriosos do passado, enquanto o prisioneiro se debatia em vão, tentando livrar-se das cordas que o prendiam. Quando voltaram para o carro, Holmes apontou para o mar, iluminado pela lua, e

balançou a cabeça, pensativo.

– Vem vindo um vento do leste, Watson.

– Não creio, Holmes. Está muito quente.

– Meu bom e velho Watson! Você é um ponto fixo numa época de mudanças! De qualquer forma vem vindo um vento do leste, como nunca antes varreu a Inglaterra. Será frio e amargo, Watson, e muitos de nós poderão ser fulminados por sua rajada. Mas, afinal, é a vontade de Deus, e quando passar

a tempestade, um país mais puro, melhor, mais forte brilhará ao sol. Ligue a máquina, Watson, porque está na hora de nos pormos a caminho. Tenho um cheque de quinhentas libras que preciso descontar logo, pois o sacado é bem capaz de sustar seu pagamento, se puder.

Sobre o autor



Arthur Conan Doyle, filho de aristocratas irlandeses arruinados, nasceu em 22 de maio de 1859, em Edimburgo, capital da Escócia. Filho de uma família católica, iniciou seus estudos com os jesuítas de Stonyhurt. Em outubro de 1876, ingressou na Universidade de Edimburgo a fim de formar-se em medicina. Foi lá que conheceu o dr. Joseph Bell, cirurgião do Hospital de Edimburgo e professor na universidade, cujos surpreendentes métodos de dedução e análise serviram de grande inspiração na futura criação de seu detetive. De maneira similar a Holmes, dr. Bell descrevia os sintomas de seus pacientes, até mesmo contava-lhes detalhes de suas vidas, antes que eles pronunciassem uma palavra sequer.

Incentivado pelos conselhos de um amigo, que comentara como suas cartas eram expressivas, Conan Doyle percebeu que poderiam ganhar algum dinheiro fora do campo da medicina. Foi então que escreveu sua primeira história, “O mistério de Sassassa Valley”, publicada, anonimamente, no Chamber’s Journal, em 1879. O conto revela sua precoce idéia da aparição de

uma “besta demoníaca”, tema que ele mais tarde explorou na mais famosa história de Sherlock Holmes, O cão dos Baskervilles.

Foi nas horas de ócio em seu consultório médico que Doyle começou a esboçar o personagem. Inspirado em Gaboriau, no detetive Dupin – de Edgar Allan Poe – e logicamente em seu tutor Joseph Bell, Conan Doyle criou a primeira versão do que seria o detetive que conhecemos hoje – um tal Sherringford Holmes, posteriormente Sherlock Holmes.

Depois de muitas tentativas e frustrações, Doyle conseguiu que sua primeira história estrelando o detetive e seu escudeiro Watson fosse publicada. Um estudo em vermelho apareceu na Beeton’s Christmas Annual, em 1887. A boa aceitação do público levou-o a escrever a segunda história de Holmes, O sinal dos quatro. O detetive começava a chamar a atenção, atraindo aos poucos fiéis leitores.

Nos intervalos das histórias, Doyle dedicou-se ao que considerava “obras mais sérias”, como os romances históricos Micah Clarke (1889) e The White Company (1891). O primeiro, um grande sucesso. Doyle acabou abandonando a medicina para seguir definitivamente a carreira literária.

As histórias de Sherlock Holmes tornavam-se mais e mais populares, obrigando o autor a continuar criando casos para seu detetive. E, quanto mais Holmes expunha suas habilidades para o público estupefato, mais as outras obras de Doyle tornavam-se obscurecidas. Em 1891, escreveu à mãe: “Tenho pensado em matar Holmes... e livrar-me dele para sempre. Ele mantém minha mente afastada de coisas melhores.”

Para sua grande surpresa, a morte de Sherlock Holmes, publicada em 1893 no caso “O problema final”, chocou milhares de pessoas. Assim, em meio a um turbilhão de protestos e insultos, Doyle foi obrigado a ressuscitar o personagem no caso “A casa vazia”, em 1903. Era a prova de que a criatura tornara-se mais forte do que o criador. Sherlock Holmes tinha se tornado imortal.

Na série de aventuras de Holmes, que iniciam o gênero baseado na solução lógico-psicológica de casos intrincados e misteriosos, a figura do brilhante detetive contrasta com a do sóbrio cronista de suas aventuras, o dr. Watson. A grande popularidade alcançada levou as histórias de Sherlock Holmes para o cinema, com William Gilette no papel principal.

Tal foi a fama que Conan Doyle conseguiu com o fabuloso personagem, que muitas vezes a polícia inglesa o convidava para investigar crimes

misteriosos. E ele, agindo segundo métodos aplicados pelo fictício Sherlock Holmes, resolvia-os de maneira tão brilhante e sagaz quanto seu próprio personagem.

Arthur Conan Doyle era homem de múltiplas facetas: médico, escritor, pugilista, corredor de automóvel, jogador de críquete e de futebol, campeão de bilhar, grande esquiador, inventor do salva-vidas, do capacete de aço e do método de tirar impressões digitais com gipsita, além de ser detetive nas horas vagas.

O panfleto patriótico The War in South Africa, escrito por Arthur Conan Doyle em 1902, proporcionou-lhe o título de sir.

Em 1912, introduziu ao mundo da literatura o célebre professor Challenger, de O mundo perdido, um conto sobre o renascimento da pré-história num lugar remoto da América do Sul.

Durante os últimos anos de sua vida aficcionou-se com paixão pelo espiritismo e por ciências ocultas, que lhe serviram de inspiração para as obras La Nueva Revelación (1918), The Wandering of a Spiritualist (1921) e History of Spiritualisme (1926).

Para uma compreensão mais clara da extraordinária personalidade de Conan Doyle, é preciso que se dê importância a sua paixão pelo método de detecção que o levou a preocupar-se com a vida tanto quanto com a morte. Ao interessar-se pela medicina (a oftalmologia, em particular) e posteriormente pelo mundo invisível e sua documentação, tentou eliminar todo o supérfluo de dentro de si, com a finalidade única de alcançar a essência, num ritmo de vida que hoje seria muito natural, mas que era considerado frenético pelas pessoas de sua época. Em todos os seus escritos, percebe-se o compromisso de refinar o método adotado por ele para detectar, definir, determinar e solucionar o mistério da vida e da morte. Seu interesse sincero por todos os povos e todas as coisas o tornou um cientista cuja ciência era a vida, e definiu seu exercício como o conhecimento e a experiência especiais capazes de transformá-la na magia da arte. Seu maior desejo era dividir seus dons com as pessoas, fossem quem fossem, ainda que isso lhe saísse caro.

Quando sir Arthur falava em “terror”, tinha uma explicação muito pessoal. Ele acreditava que o cérebro humano se compunha de camadas sucessivas capazes de serem investigadas, sob determinadas circunstâncias, por aqueles que tivessem o poder de vislumbrar o invisível ou o sobrenatural. Para ele, o

cérebro era uma casa com muitos quartos, alguns cheios de luz, outros escuros. Sua nora, Nina C. D. Harwood, traduziu em palavras mais acessíveis suas idéias sobre o terror: “A pessoa que não vê além do que lhe mostram os olhos é envolvida pelo olhar do sobrenatural, a quem nada escapa, e disso resulta a marca indelével do terror numa camada até então adormecida do seu cérebro.”

Nenhuma curiosidade, nenhum detalhe da vida ou de seus legados, por mais diminuto que fosse, deixava de merecer a atenção de Conan Doyle ou escapava de sua visão cósmica.

Debilitado por um ataque cardíaco, sir Arthur Conan Doyle morreu em 7 de julho de 1930, em Cowborough, condado de Sussex.

Copyright desta edição © 2016:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br |www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Tamara Sender, Clara Diament
Capa: Rafael Nobre
Imagem da capa: © Andrew Ward/Life File/Getty Images

Edição digital: Setembro 2016

ISBN: 978-85-378-1595-3